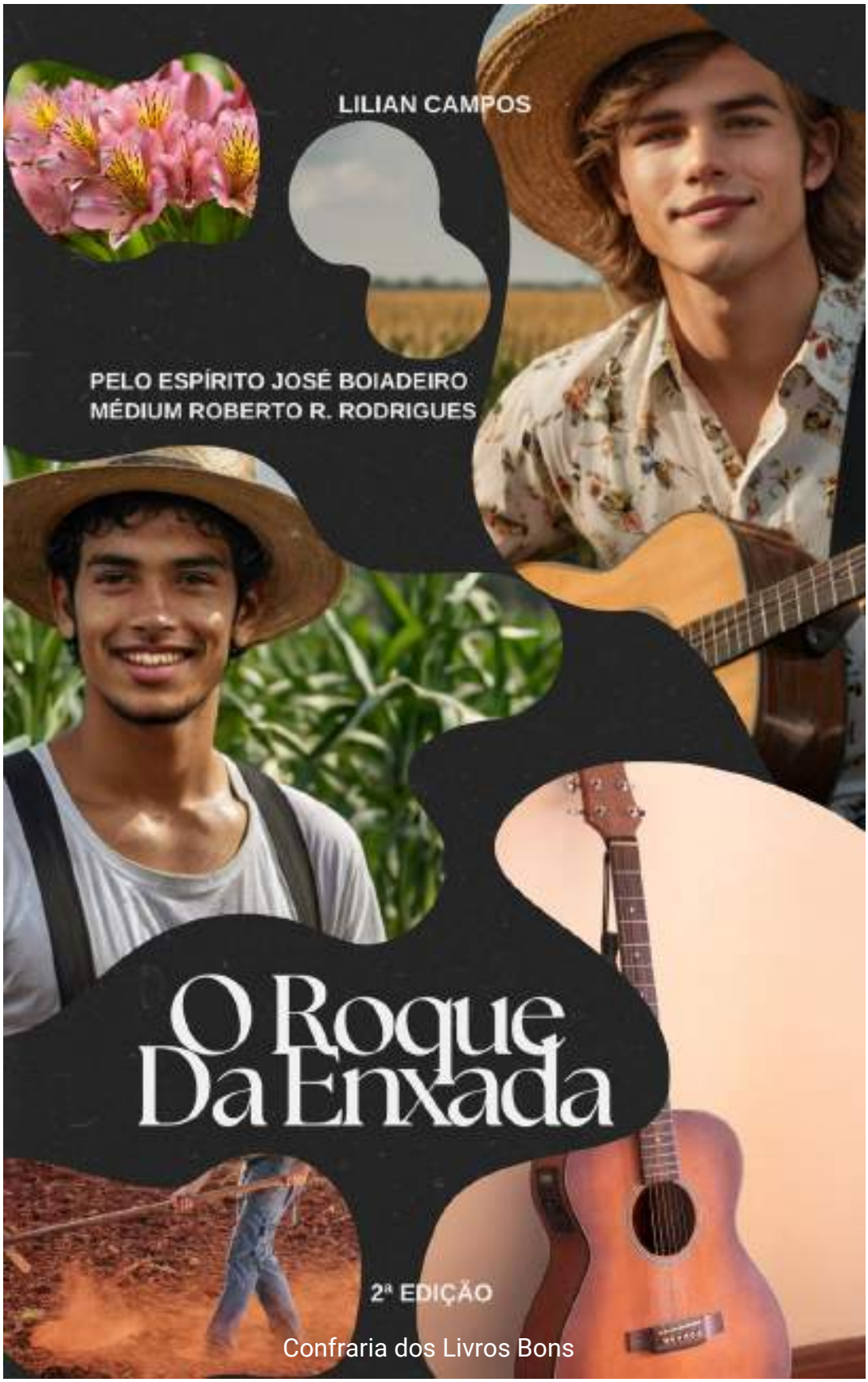
LILIAN CAMPOS
PELO ESPÍRITO JOSÉ BOIADEIRO
MÉDIUM ROBERTO R. RODRIGUES
O Roque Da Enxada
2ª EDIÇÃO
Confraria dos Livros Bons

O Roque Da Enxada

Em um romance com as cores e aromas do campo, José Boiadeiro conta a história de Gilberto, um garoto da cidade que, além de mimado e arrogante, ignora as dificuldades da vida.

Forçado a suportar uma temporada entre os matutos, ele aprende o valor do trabalho árduo e a nobreza da humildade, que frequentemente se esconde atrás das atitudes simples.

Entre os percalços da caminhada no campo terreno, Gilberto descobre que os verdadeiros tesouros da vida não podem ser comprados e jamais devem ser trocados pelas ilusões materiais

.

Por meio de uma história singela, José Boiadeiro mostra o poder do amor, da amizade e dos laços familiares, que apoiam os passos do espírito e ultrapassam as barreiras do espaço e do tempo.

Enquanto alguns se encantam com o brilho do vil metal e caminham para os braços da ilusão, outros se apaixonam pela lua e se vestem com a luz das estrelas.

Um Espírito Ensinou

Lilian Campos

O ROQUE DA ENXADA

PELO ESPÍRITO JOSÉ BOIADEIRO

MÉDIUM ROBERTO R. RODRIGUES

2ª EDIÇÃO

ISBN: 978-65-00-74941-0

Autoria

∞Lilian Campos∞

Capa

∞Lilian Campos∞

Diagramação e Revisão

Roberto R. Rodrigues

C198o

Campos, Lilian
O Roque da Enxada / Lilian Campos – 1. Ed. – Foz do Iguaçu – PR: Edição da autora, 2023.
P 152 148x210 cm.

ISBN: 978-65-00-74941-0

1. Espiritismo. 2. Mediunidade. I. Título.

CDD: 133.93
CDU: 133.7

ATENÇÃO!

Como aviso, esclarecemos que os fatos desse livro são baseados em acontecimentos reais e podem apresentar temas adultos, abusos de substâncias, mortes brutais, descrições perturbadoras e palavras ofensivas.

Tenha cuidado com menores de 16 anos. Para preservar a identidade de encarnados e desencarnados citados e envolvidos na obra, todos os nomes, datas e locais foram propositalmente modificados.

Tal medida não altera a essência do trabalho, que mantém a autenticidade dos ensinamentos e veracidade dos acontecimentos principais. Essa obra tem como objetivo principal mostrar a realidade dos fatos que permeiam a vida da humanidade, portanto, muitos relatos podem parecer desagradáveis e insensíveis, pois expõe com clareza a condição evolutiva dos seres que hoje estagiam no campo terreno.

O ePub possui um formato fluido, projetado para adaptar o texto a qualquer tamanho de tela. Ao transformá-lo em um PDF, o arquivo adota um layout fixo. Se o conversor padrão utilizar uma página maior (como A4 ou Carta) e fontes grandes, ele acomodará muito mais texto por página, reduzindo o número total de páginas.

Confraria dos Livros Bons

SUMÁRIO

CARTA AO LEITOR

CAPÍTULO I

PÉ NA ESTRADA

CAPÍTULO II

O ROCK DA ENXADA

CAPÍTULO III

A FLOR DO BAILE

CAPÍTULO IV

O MOMENTO DA DECISÃO

CAPÍTULO V

OS CAIPIRAS DO ALÉM

CONHEÇA AS OUTRAS OBRAS DA ESCRITORA

CARTA AO LEITOR

Salve a força e a proteção!

É com muito amor, carinho e respeito que me apresento para mais um trabalho.

A ideia de trazer essa história para os encarnados nasceu após uma conversa entre os Boiadeiros da Colônia de Santa Gertrudes.

Durante os anos de resgates nas zonas umbralinas, nós perdemos as contas de quantos sofredores foram removidos dos lamaçais de arrependimento, retornaram para a matéria com o coração cheio de culpa, e anos depois repetiram exatamente os mesmos equívocos.

A Terra está cheia de espíritos insatisfeitos que espalham reclamações, semeiam amarguras e esquecem que são os únicos responsáveis pelas próprias escolhas, sejam elas felizes ou infelizes.

Todos têm o direito de decidir por qual estrada seguir, mas devem estar conscientes de que todo caminho exige um esforço e, consequentemente, oferece um resultado.

A história que se desdobra nas próximas páginas expressa exatamente o valor de uma escolha e mostra a diferença entre o povo da cidade e do campo. Cada qual com suas peculiaridades, preocupações, ambições, sonhos, desejos, hábitos, tradições, crenças e provas evolutivas.

Geralmente o povo do interior sabe valorizar as coisas mais simples da vida. O canto dos pássaros, o pôr do sol, ou uma boa refeição são motivos de alegria, mas isso não os exime das provas terrenas, que se apresentam para todos independente do lugar.

Aqueles que escolhem uma vida nas cidades grandes, normalmente lutam por sucesso profissional, uma carreira sólida e conquistas materiais. Não existe nada de errado em tal escolha, desde que ela beneficie outros irmãos e apoie o crescimento espiritual, pois o trabalho com objetivo de suprir apenas os desejos mundanos é uma expressão do egoísmo que entorpece o espírito.

Seja na cidade ou no interior, um traço marcante se repete em todos os encarnados, o hábito de reclamar.

Quem está no interior reclama das distâncias, da falta de acesso à saúde, da escassez de tecnologia, da ausência dos privilégios das grandes metrópoles. Deseja abandonar tudo, se mudar, e quando finalmente alcança o objetivo, começa um novo repertório de queixas.

Quem está na cidade grande reclama do trânsito, da poluição, das filas, dos gastos excessivos, sonha em mudar para o interior, para a praia, para as

montanhas e quando consegue, se queixa de tédio, dos insetos, das distâncias, da falta disso ou daquilo.

Se hoje o planeta é caótico, apresenta uma atmosfera poluída, com graves alterações climáticas e previsões preocupantes para o futuro, é justamente porque em algum momento a humanidade escolheu um caminho improfícuo! Não existe um único culpado, esse é o fruto da imprudência de gerações, e nós somos as gerações passadas, nós participamos da destruição do planeta e hoje colhemos o resultado! Portanto, não adianta reclamar do ar poluído, da água contaminada, do clima, das catástrofes naturais.

O que resta é a mudança de atitude, e a conscientização das próximas gerações. Os espíritos que estão reencarnando atualmente na Terra foram previamente preparados para ajudar na recuperação do planeta, mas para que coloquem em prática aquilo que estudaram no plano astral, precisam de pais e instrutores conscientes que ajudem a semente a germinar.

Quem sabe um dia, quando finalmente a humanidade der um salto de consciência, a exuberância das matas se espalhe pelas grandes cidades e o homem aprenda que a Terra é sagrada.

Enquanto esse dia não chegar, que cada ser encarnado aprenda a observar, avaliar e se responsabilizar sobre as próprias escolhas.

Boiadeiro José Agripino - Maio de 2023

PÉ NA
ESTRADA

CAPÍTULO I

PÉ NA ESTRADA

Em certa ocasião, após uma jornada pelas zonas umbralinas que circundam a colônia de Santa Gertrudes, eu e Jorge Cavalinho nos recolhemos para um momento de refazimento, quando surgiu o assunto sobre as escolhas dos espíritos encarnados no campo terreno[1] .

1.Nota do Editor: A Colônia de Santa Gertrudes é um domínio dos Boiadeiros, citada no livro "Romeiro do Astral".

Durante algum tempo nós falamos sobre as nossas próprias decisões enquanto encarnados, refletimos sobre a importância de ponderar cada passo da caminhada, e nesse ínterim, eu recordei de um resgate que marcou a minha memória espiritual, olhei fixamente para Jorge e comentei:

— Eu conheço uma história muito interessante que mostra o poder de uma escolha. Ela é a prova de que todo o ser humano carrega dentro de si a autoridade para traçar novos caminhos e mudar a própria vida.

Jorge perguntou com curiosidade:

— Que história é essa?

— É sobre um amigo que eu resgatei aqui perto.

— Então me fale! Agora fiquei interessado nessa história!

Por alguns instantes eu me calei, relembrei os fatos obtidos após o resgate e iniciei a narração:

Tudo começou na década de sessenta, época do Movimento Hippie, das Revoluções Culturais, do Tropicalismo, da Jovem Guarda e auge do Iê-iê-iê no Brasil.

Na casa dos quarenta anos, Gilmar e Gorete gozavam de sucesso profissional e uma situação financeira privilegiada. Vivendo em uma casa ampla e bem localizada na capital paulista, eles lutavam diariamente para manter o alto padrão e garantir as mordomias de Gilberto, o filho único com quatorze anos de idade.

Enquanto Gorete trabalhava como secretária em uma empresa de alta reputação, Gilmar se destacava como advogado criminal, e ano após ano ganhava mais prestígio na área.

Apesar do sucesso na área profissional e da prosperidade financeira, Gilmar gostava de mostrar a simplicidade do campesino, falava com orgulho da origem humilde e frequentemente lembrava com saudosismo a vida no campo.

Criado em uma pequena fazenda no interior de Minas Gerais, ao completar vinte anos ele se mudou para São Paulo, ingressou na faculdade de direito, dois anos depois conheceu Gorete, com quem se casou e teve Gilberto.

Entre a vida de intenso trabalho e intermináveis compromissos, pouco a pouco Gilberto se afastou da cidade natal, mergulhou na rotina caótica das grandes metrópoles e transformou as lembranças de infância em belas histórias, que nem sempre retratam a verdade.

No início de 1963, durante o jantar em família, Gilmar olhou de canto, observou com desagrado as roupas coloridas e o cabelo longo do filho e perguntou:

— Como foi o seu dia, rapaz?

Gilberto balançou os ombros e respondeu:

— Normal, só saí um pouco com a galera!

Gilmar abaixou a cabeça, manteve o olhar fixo no prato, pensou por alguns instantes e falou:

— Filho, nós estamos começando mais um ano. Em breve você termina seus estudos e está na hora de escolher uma profissão! E de preferência uma

boa carreira! Eu não vou interferir na sua escolha, mas exijo que pense no futuro!

Um dia você vai se casar, terá uma esposa, filhos e precisará sustentar a sua família.

Eu e a sua mãe decidimos ter apenas você, mas a vida é sua, se quiser pode ter uma grande prole, isso é uma escolha particular.

Adepto dos longos discursos, Gilberto mastigou o pedaço de carne, limpou a boca e prosseguiu:

— Você sabe que eu nasci no interior, estudei muito para me formar, batalhei para ter uma carreira de sucesso e chegar ao topo! Não nos falta nada, mas isso custou anos de empenho! Não pense que a vida é fácil, qualquer um pode ter uma família, mas mantê-la com dignidade não é trabalho para fracos!

Após mais uma pausa, Gilberto continuou:

— Você já tem quatorze anos, é praticamente um homem e precisa pensar na vida! Nós já conversamos sobre isso, mas todas as vezes você vem com umas ideias ridículas!

Eu espero que já esteja mais maduro e saiba falar sobre o seu futuro! O que você me diz?

Gilberto olhou com indiferença e respondeu:

— Pô coroa! Esse assunto de novo?

Contendo a irritação, Gilmar pediu pacientemente:

— Filho, seja mais maduro!

— Eu sou maduro e já sei o que quero pro meu futuro!

— Você sabe? Então me conte!

Gilberto deslizou um pouco sobre cadeira, esticou as pernas, cruzou as mãos atrás da cabeça, olhou para o alto e devaneou:

— Vou montar uma banda de rock! Quero ser igual ao Tremendão!

Gilmar soltou o garfo, apoiou o queixo na mão e resmungou:

— Hum, hum, uma banda de rock! Continue, eu quero ouvir os seus planos!

Incapaz de perceber o desagrado do pai, e mostrando os trejeitos dos jovens da época, Gilberto sorriu de canto e disse:

— Coroa, o negócio é o seguinte! Eu vou montar uma banda, ter um montão de dinheiro, comprar um carrão, pegar muitos brotos e ser igual os caras da Jovem Guarda, morô?

Gilmar olhou de canto para a esposa, sorriu ironicamente e disse:

— Ele quer montar uma banda, pegar brotos e ficar rico! Eu ouvi bem?

Mantendo o comportamento submisso, Gorete deu um sorriso acanhado, tocou delicadamente o guardanapo na boca, e disse com cautela:

— Isso é coisa da idade! Você sabe como são os jovens!

Contendo-se para não agarrar o filho pelos cabelos, Gilmar perguntou:

— E o que mais? Fale-me tudo! Conte seus planos, estou muito interessado!

Inocentemente Gilberto prosseguiu:

— Eu vou ter um carro vermelho, muitas gatinhas e vida boa! Não quero pobre perto de mim! Eu sei que o senhor gosta muito dos nossos parentes jecas, nem sei por que não faz visitas mais frequentes, mas prefiro manter a distância, quero os caipiras bem longe!

Gilmar resmungou:

— Hã, hã, mas que interessante! Continue! Continue!

— Pô, coroa! Eu vou ser rico e famoso! Só quero ficar de boa! Minha banda vai fazer muito sucesso! Serei mais um da turma do iê-iê-iê!

Notando o alheamento do filho e a irritação de Gilmar, Gorete disse respeitosamente:

— Senhor meu marido, eu não quero me meter na conversa entre você e o nosso querido filho, mas quem sabe ele tenha os talentos desses cantores da Jovem Guarda, se isso for verdade, ele pode ficar rico.

Extremamente conservador, apegado às aparências e as tradições rígidas, Gilmar se levantou falando entredentes:

— Eu não compartilho dessas ideias! Deem-me licença!

Indignado com a postura imatura do filho, Gilmar seguiu para o quarto, tirou o terno, abriu o roupeiro, revirou algumas pilhas de blusas e logo encontrou o traje antigo que ele usava na juventude. Olhando fixamente para a camisa xadrez, a calça desbotada e o cinto de couro com uma larga fivela, ele lembrou-se do velho pai, suspirou com pesar e intimamente lamentou.

Determinado a dar uma lição em Gilberto, ele vestiu o traje típico, colocou um chapéu, calçou a bota de couro, retornou para a sala, bateu com força na mesa e vociferou:

— Gilberto! A minha família é de matutos, mas todos são trabalhadores! Meu pai suou muito para me dar sustento e estudo! Ele me ensinou a ser um homem maduro e forte, me incentivou a estudar, a ter uma carreira! Se hoje eu estou aqui, é porque ele me deu uma boa educação! Sabe o que meu pai falava?

Pelo de surpresa, Gilberto estalou os olhos e murmurou:

—Não, papai! Eu não sei.

— Seu avô sempre falava para eu ser digno e trabalhador, me ensinou a seguir as minhas próprias motivações e nunca me deixar levar pela moda dos outros! Eu aprendi a fazer por mim, e nunca para imitar ou agradar as outras pessoas! Isso me deu maturidade!

Gorete olhou receosamente e pediu com voz acanhada:

— Não fique nervoso, senhor meu marido!

Ignorando o murmúrio da esposa, Gilmar prosseguiu:

— Eu não admito que meu filho fique para cima e para baixo com esse tal de iê-iê-iê! Você não vai ficar por aí batendo em uma bateria e cantando melodias idiotas que nunca o levarão a nada! Esses cantores só querem iludir a mulherada com palavras bonitas, e elas se deixam enganar porque são interesseiras! Se esses malandros se deram bem fazendo isso, o problema é deles, que sigam a vida e sejam felizes, mas não permito que o meu filho siga o mesmo exemplo!

Gilberto justificou:

— Mas papai, eles fazem muito sucesso!

— Pode até ser, mas pergunte para um deles a raiz quadrada de doze, aposto que não sabem! Eles ganham muito dinheiro, mas não tem estudo e

formação! São uns cabeludos que deram sorte! Eu quero que você seja um homem decente!

— Pô coroa! Pega leve! Os caras são demais, estão em alta na parada! Você não entende nada!

Gilmar se inclinou sobre a mesa, aproximou-se do filho e falou com energia:

— Você é um arrogante e não tem a mínima humildade! A única coisa que sabe fazer é sair por aí com seus amigos e ficar de bagunça! Isso é vida? Por acaso vai te dar futuro? Isso é coisa de adolescente rebelde e louco!

Enfrentando o medo, que se manifestava como um respeito devocional, Gorete justificou:

— Senhor meu marido, isso é natural, é a época da rebeldia!

Gilmar esbravejou:

— Época da rebeldia? Na minha casa não! Isso vai acabar! Estão falando por aí que vão dar fim a essa loucura dos estudantes rebeldes! Quero ver esse menino cair na mão de ferro que está se preparando para tomar conta do poder! Escute bem Gilberto, eu não estou pedindo muito, quero apenas

que você aprenda o valor do trabalho e das suas origens! Até hoje você recebeu tudo na mão, isso tem que mudar!

Gilberto contorceu o rosto, cruzou os braços e reclamou:

— Aê, coroa! Os tempos são outros, nós somos a nova era e queremos liberdade de expressão! Você é muito antiquado e boboca! Parece um babaca falando!

Ao terminar a fala, Gilberto sentiu o forte tabefe na orelha e ouviu o berro:

— Vou te mostrar o que é liberdade de expressão! Aqui dentro liberdade de expressão é tapa na cara de vagabundo! Babaca? Você é o babaca que vai aprender a ser homem! Eu não quero um pilantra dentro da minha casa, um vagabundo que vive pela rua com um violão embaixo do braço e cantando iê-iê-iê!

Gorete engoliu seco tentando manter a calma e pediu com voz sufocada:

— Senhor meu marido, não bata no rosto do nosso querido filho!

Enquanto Gorete murmurava e Gilberto esfregava o rosto dolorido, Gilmar olhou para o violão em cima do sofá e disse:

— É isso mesmo que eu quero!

Dominado pela raiva e decidido a dar uma lição no filho, Gilmar pegou o violão e esbravejou:

— Vou acabar com essa porcaria!

Gilberto saltou da cadeira e apelou:

— Não papai! Por favor, meu violão não!

Ao levantar o braço e olhar para o instrumento, Gilmar lembrou-se das noites ao redor da fogueira, das modas de viola, do sorriso do pai, foi iluminado pela ideia, e após alguns segundos de rememoração, ele deu um sorriso de canto e murmurou:

— Hum, eu acho que tive uma ideia muito melhor! Quer saber de uma coisa? Pegue o seu violão!

Gilberto abraçou o instrumento e disse com alívio:

— Ufa! Pô coroa! Achei que você ia quebrar meu equipamento de conquistar os brotos!

Gilmar cerrou os olhos, enrugou a testa e alertou:

— Não abra a boca, ou pego esse violão e quebro na sua cabeça!

Ante ao semblante astucioso do marido, mais uma vez Gorete se encheu de coragem e pediu:

— O senhor meu marido poderia compartilhar conosco a ideia que teve?

Gilmar falou com um prazeroso sorriso:

— Mas é claro! O nosso querido filho vai viajar! Gilberto está prestes a começar o último período do ginásio e está quase se formando, portanto, creio que ele pode perder um ano de estudo, o motivo é justo e o ensinará muito mais!

Gilmar fez uma pausa, olhou friamente para o filho e ordenou:

— Faça as suas malas!

Gorete olhou de canto e interrogou:

— Como assim? O senhor meu marido poderia explicar melhor?

— Acalme-se Gorete, você vai entender! E sinceramente espero que apoie a minha decisão! Chega de mimar esse garoto!

Notando que Gilberto abraçava e alisava o violão, Gilmar gritou:

Coloque esse violão no saco e arrume as suas malas, você vai viajar!

— Pô, coroa! Pra onde você vai me mandar?

— Você vai para a casa do seu tio! Quero que fique uns tempos com o seu primo Fabinho, vocês têm a mesma idade e vão aprender muito juntos!

Gilberto se jogou no sofá e perguntou entre risos:

— Pô coroa! Você tá tirando onda da minha cara? O que vou fazer naquele fim de mundo?

— Não estou tirando onda! Você vai trabalhar na roça! Pode fazer as suas malas! Amanhã cedo quero que esteja pronto para pegar o primeiro ônibus!

Notando que Gilmar parecia convicto, pela primeira vez Gilberto abandonou as gírias perguntou com receio:

— Papai, você está falando sério?

— Sim! Estou falando muito sério! Você vai passar o ano na casa do Fortunato!

Gilberto saltou do sofá e exclamou:

— Eu não vou para o meio do mato! Aquelas pessoas se comportam como animais! Eu não consigo viver um dia entre aqueles jecas!

Gorete apelou:

— Senhor meu marido, ele precisa terminar o último ano do ginásio! Nosso filho é muito frágil para o trabalho pesado da roça!

Gilberto afirmou:

— Eu não vou para aquele buraco cheio de jecas! Minha praia é outra, sou da cidade e da agitação!

Gilberto aproximou-se olhando ameaçadoramente e disse:

— Ahhh! Você vai sim! Vai ficar um ano com os jecas, esquecer esse iê-iê-iê, aprender a ter vergonha na cara e a ser homem! Durante esse tempo eu vou conversar com o seu tio Fortunato, se você não mudar, pode ficar definitivamente por lá! Não quero um filho maricas!

Gilberto retrucou com indignação:

— Eu não sou um maricas!

— Com esse cabelo comprido, é isso que parece! E já vou avisando, nem adianta voltar para casa antes do tempo! Eu prefiro um filho jeca do que um vagabundo que fica andando pra cima e pra baixo sem fazer nada! Se voltar antes do tempo, vai ficar na rua!

Com o coração aos saltos, temendo a ausência do filho e a severidade do marido, Gorete apelou:

— Senhor meu marido, será que essa decisão não é muito radical?

— É necessário! Ele precisa de uma boa lição! Quantas vezes já conversamos com esse garoto? Ele não muda, não faz nada de útil, e está cada vez pior!

Gilberto se defendeu:

— Mas eu estudo e sempre tiro boas notas!

— Fico feliz! Pelo menos você estuda! Mas o que vai acontecer quando acabar o ginásio? Pensa que vai virar Hippie? De jeito nenhum! Eu não vou sustentar um vagabundo preguiçoso que só pensa em iê-iê-iê! Amanhã você vai para a casa do seu tio Fortunato e assunto encerrado!

— Pô papai, eles são muito quadrados! Não entendem um papo firme, eu sou muito pra frente, para viver no meio daqueles jecas!

Gilmar alisou a testa, olhou com profunda decepção e lamentou:

— Meu Deus! Isso é jeito de falar? Eu espero que os jecas quadrados consigam te ensinar algo que preste! Agora vá arrumar as suas malas e não abra mais a boca!

Gorete olhou de canto para o filho, balançou discretamente a cabeça e pediu:

— Meu querido filho, obedeça ao seu pai!

Gilberto olhou para baixo, pegou o violão, seguiu para quarto, se jogou na cama e pensou:

— Pô! O coroa tá lelé da cuca! Eu vou para aquele fim de mundo, talvez nem seja tão ruim! Vai ser como tirar férias no campo! Quem sabe eu consiga ensinar algo que preste para aqueles caipiras!

Vencendo a resistência, Gilberto arrumou as malas, fantasiou um ano sabático no campo, e foi dormir com a mente repleta de ideias para educar os jecas.

Na manhã seguinte, Gilberto vestiu a roupa extravagante, colocou um colar dourado ao redor do pescoço, óculos escuros para incrementar o visual, calçou os sapatos cromados, arrastou a enorme mala para sala e perguntou:

— A mamãe já saiu?

Gilmar correu os olhos pela roupa florida, meneou a cabeça negativamente mostrando contrariedade e respondeu:

— A sua mãe saiu mais cedo, mas pediu para te deixar um abraço! Você está pronto?

— Sim papai! Eu vou levar apenas algumas roupas e o meu violão!

Gilmar observou a mala enorme e perguntou:

— Apenas algumas roupas? Parece que você colocou tudo na mala!

— Pô bicho! Eu preciso andar bem vestido, morou?

— Tá, tá! Então tome o seu café, eu vou acompanhá-lo! Se apresse, eu não posso perder a hora, tenho uma reunião importante! Espero-te na garagem.

Gilberto fez um lanche rápido, colocou o violão nas costas, arrastou a mala até a garagem, parou ao lado do carro e falou:

— Sebo nas canelas, coroa!

— Você fechou a porta? Onde estão as suas chaves?

Gilberto levantou o chaveiro e disse entre risos:

— Já tranquei tudo, as chaves estão aqui!

Gilmar pegou o molho de chaves, guardou no bolso e falou:

— Você não vai precisar dessas chaves nos próximos meses! Pode deixar comigo.

— Tá bom, coroa! O senhor pode abrir o porta malas para mim? A mala não cabe no banco traseiro.

Fazendo-se de desentendido, Gilmar perguntou:

— O que? Abrir o porta malas? Para quê?

— Para eu colocar a minha bagagem!

— Não, meu filho! Você vai de ônibus!

— Eu sei que vou de ônibus, mas o senhor vai me levar até a rodoviária!

Contendo o riso, Gilmar perguntou:

— Vou te levar para a rodoviária? Quem disse?

Gilberto exclamou com espanto:

— Mas o senhor disse que ia me acompanhar!

— Eu disse que ia te acompanhar até a garagem! Daqui você vai sozinho!

Ignorando a perplexidade do filho, Gilmar entrou no carro, deu a ré, apontou a ladeira e explicou:

— Há dois quarteirões tem um ponto de ônibus, uma das linhas leva até a rodoviária! Boa sorte!

— Pô bicho, você tá tirando onda com a minha cara?

— Não! Não estou tirando onda! Você quer tudo na mão? Isso acabou, está na hora de aprender a ser homem!

— Mas como vou levar essa mala pesada?

— Você disse que está levando poucas coisas! Então não terá problemas! Quando chegar na casa do seu tio, trate de cortar esse cabelo! O povo da roça não gosta de maricas e nem de iê-iê-iê!

Gilberto falou com indignação:

— Pô! Só pode ser brincadeira!

— Não é brincadeira! Se quiser pode chamar um táxi, mas além de custar todo o dinheiro que te dei, você terá que caminhar até o orelhão que fica bem longe! Acho melhor ir até o ponto de ônibus!

Gilmar estacionou na frente da casa e pediu:

— Quando chegar a Varzelândia trate de me ligar! Você tem o telefone do escritório?

— Tenho, está anotado na caderneta!

— Peça para o seu tio Fortunato te levar até as cabines telefônicas no centro da cidade! Você tem que pegar uma senha, comprar as fichas e esperar a sua vez de usar o telefone! Pelo menos era assim antigamente!

Notando o olhar triste de Gilberto, Gilmar aconselhou:

— Filho, veja isso como uma oportunidade! Ninguém vai te matar ou sequestrar, nenhum tarado vai te pegar, e você vai aprender a ser homem! Eu tenho que te lançar no mundo, se faço isso, é para o seu bem! Não quero que você vire um maricas do iê-iê-iê! Vá na fé do senhor Jesus, você vai chegar lá!

Gilberto abaixou a cabeça e resmungou:

— Tá bom, coroa! Eu entendi! Já morei a parada!

— E não se esqueça de ligar, peça para o Fortunato te levar de charrete!

— Charrete? Eles ainda estão nos tempos da charrete?

Gilmar contorceu o rosto e respondeu com impaciência:

— Sim, meu filho! De charrete! O seu tio e o seu primo vão te ensinar como as coisas funcionam por lá! Eu preciso ir, vá com Deus!

Certo de que jamais conseguiria contrariar o pai, quando Gilmar dobrou a esquina, Gilberto olhou a ladeira, suspirou com desânimo e iniciou a caminhada.

Alguns minutos depois, Rubens acelerou o Fusca para vencer a subida, avistou o rapaz arrastando a mala pesada, parou ao lado e perguntou:

— Olá, rapaz! Você quer uma carona?

Gilberto olhou com desconfiança e respondeu:

— Eu nem te conheço!

— Sou o vizinho do final da rua! Conheço o seu pai! Para onde você está indo? Se quiser eu te dou uma carona.

— Eu estou indo para a rodoviária.

— Não vou para aqueles lados, mas posso te deixar perto! Coloca a mala no banco de trás, o espaço é apertado, mas entra!

Gilberto contorceu o rosto, reparou o veículo e comentou com desdém:

— É… Nota-se que é bem apertado! Meu pai tem um Aero Willys, nunca andei num Fusca, mas acho que posso experimentar o seu humilde veículo!

Espantado com a arrogância, Rubens estalou os olhos e perguntou:

— Como é? O que você disse?

Longe de qualquer noção de humildade e cego diante da própria grosseria, Gilberto respondeu:

— Eu disse que entendo a sua situação, imagino que seja bem difícil! Dá para perceber que o senhor é pobre, não tem condições para comprar um carro melhor, e precisa andar em uma ximbica, mas o importante é que anda! Não é todo mundo que pode ter um Aero Willys!

Aturdido com o repertório sem noção, Rubens deu um sorriso incrédulo e falou:

— Sabe rapaz, é verdade, o meu carro pode até ser uma ximbica, mas ele me leva pra qualquer lugar, e eu não preciso andar por aí arrastando uma mala pesada! Boa sorte pra você!

Gilberto perguntou com indignação:

— O senhor não vai me dar carona?

— Eu mudei de ideia! Não quero nenhum idiota no meu carro, principalmente um cabeludo com cara de maricas! Vá com Deus!

Alheio às próprias falhas, Gilberto viu o carro de Rubens se afastar, deu de ombros, retomou a caminhada até o ponto de ônibus, e quase duas horas depois parou no guichê da rodoviária e pediu:

— Por gentileza, meu bom homem, o senhor poderia me dar uma passagem para Varzelândia?

O atendente olhou de canto, observou o jovem com roupas extravagantes, conteve a risada e respondeu:

— Pra Varzelândia só tem ônibus no final da tarde! Às dezoito horas!

— Só as dezoito? Vou ficar o dia inteiro na rodoviária?

— Não posso fazer nada, moço! Aproveita o dia pra passear!

Gilberto olhou ao redor, pensou em voltar para casa, lembrou-se que estava sem as chaves e disse com aborrecimento:

— Está bem, está bem! Eu quero o melhor assento! Dinheiro não é problema, eu pago! Meu pai é um homem muito…

Impressionado com a exibição de arrogância, o atendente interrompeu falando:

— Eu já entendi! O senhor quer a melhor poltrona!

— Por favor! A melhor! Eu estou acostumado com o melhor!

Mordendo os lábios para disfarçar a risada debochada, o atendente afirmou com falsa cortesia:

— É pra já! Eu vou lhe vender a melhor poltrona! Essa aqui é só pra passageiros vip! Ela estava esperando uma pessoa com classe!

Desconhecendo a malandragem do atendente, Gilberto sorriu com envaidecimento e agradeceu:

— Muito obrigado, meu bom senhor, vejo que compreendeu a minha posição!

— Mas é claro que compreendi, é exatamente por isso que vou vender um assento especial para o senhor! Essa mala enorme é a sua bagagem?

— Sim! Por gentileza, eu quero que cuidem muito bem da minha bagagem, eu pago uma boa gorjeta!

— Essa mala é muito grande, rapaz! Vai ter que pagar pelo excedente de peso!

— Não tem problema, eu pago! Dinheiro não é problema!

Cada vez mais impressionado com a desmedida soberbia, o atendente entregou a passagem e explicou:

— É na plataforma “F”, não se esqueça de conferir o número do assento! O senhor não vai querer que outra pessoa pegue o seu lugar especial, não é mesmo?

— Claro, claro! Estarei antecipadamente na plataforma indicada! Muito obrigado!

Quando Gilberto guardou a passagem e deu as costas, o atendente se entregou a gargalhada e murmurou:

— É cada idiota que aparece! Vai, vai lá riquinho besta!

Diante da longa espera, Gilberto perambulou por toda a rodoviária, andou várias vezes de um lado para o outro, almoçou em uma lanchonete barata, se espantou com os modos do povo e passou o dia criticando mentalmente todos que cruzaram seu caminho.

Pouco antes das dezoito horas, Gilberto olhou para o relógio e pensou:

— Finalmente! Até que enfim chegou a hora! Não aguento mais ver tanta gentinha!

Ao se dirigir para a plataforma de embarque, ele avistou o agente de bagagem guardando as malas, se aproximou rapidamente e perguntou com ansiedade:

— Esse ônibus vai para Varzelândia?

Mantendo os movimentos apressados, o funcionário arremessou uma mala no bagageiro e murmurou:

— Vai, sim senhor!

Gilberto apontou a mala e solicitou:

— Então, por favor, meu bom senhor, cuide bem da minha bagagem! Eu sou de uma família muito prestigiada, e dinheiro não é problema para mim! Pagarei uma boa gorjeta por seu trabalho!

Surpreso com tamanha presunção, o agente parou prontamente, observou cuidadosamente Gilberto e respondeu com velada ironia:

— Sim senhor! Pode deixar, eu darei o melhor tratamento para a sua bagagem!

Gilberto abriu a carteira, entregou uma cédula de alto valor e disse:

— Pegue meu bom senhor, hoje é o seu dia de sorte, compre uma pizza para os seus filhos e aproveite bem o dinheiro!

Mantendo o tom sarcástico, o agente abaixou a cabeça mostrando reverência e disse com exagerada submissão:

— Ôh! Mas quanta generosidade! Muito obrigado, meu nobre senhor! Pode entrar no ônibus, eu vou guardar a sua mala!

Diante da demonstração de cortesia, Gilberto estufou o peito, levantou o nariz, sorriu com satisfação e seguiu para a porta do ônibus.

Quando o rapaz se afastou, o agente enfiou a gorjeta no bolso, olhou para os lados, deu alguns pontapés na mala de Gilberto, em seguida arremessou com força para o fundo do bagageiro e resmungou:

— Idiota! Seu otário! Tomara que quebre tudo!

Mantendo o peito estufado e convicto de que era o passageiro mais importante do ônibus, Gilberto aproximou-se perguntando:

— Bom dia, o senhor é o motorista?

Revirando um pedaço de rapadura na boca, Romário olhou de cima a abaixo, admirou a roupa colorida, cuspiu os restos do doce no chão e respondeu:

— Sim, eu sou o motorista Romário e estou a seu dispor!

Gilberto entregou a passagem e pediu:

— Por favor, poderia me indicar a poltrona?

O motorista olhou o bilhete, estendeu a mão sobre a boca para esconder a risada zombeteira e perguntou:

— Te venderam essa poltrona?

Gilberto deu um sorriso de canto, puxou levemente a gola da camisa, alisou o cabelo e respondeu com envaidecimento:

— Sim, o atendente disse que é o assento de passageiro vip, a melhor poltrona! Ele estava reservando para um cliente especial!

Romário olhou para os lados, tentou conter a gargalhada que teimava em sair, deixou escapar o ruído da risada contida e perguntou:

— Quem te vendeu esse bilhete? Foi o Carlão?

— Não sei o nome do balconista, ele estava com uma camisa xadrez e um chapéu. Confesso que achei muito estranho, o mais correto seria um

uniforme da empresa, mas ele foi muito simpático e me vendeu o que tinha de melhor!

O motorista alisou o bigode e afirmou entre risos:

— Só podia ser o Carlão! Aquele não perde uma oportunidade de sacanear! Com certeza ele te vendeu a melhor poltrona! Tem vista panorâmica!

Apontando para o pequeno assento ao lado do motorista, Romário explicou:

— Aquela é a poltrona número um! Normalmente é o cobrador quem usa, mas a empresa está cortando gastos, então estamos sem cobradores!

Gilberto estalou os olhos, calou-se por alguns segundos, e interrogou:

— Aquela é a minha poltrona?

— Sim senhor! É a sua poltrona vip!

— Mas eu achei que era uma poltrona mais espaçosa e confortável!

— Não é não! É o que tem para hoje!

Desorientado e prestes a chorar, Gilberto olhou para os lados, pensou por alguns momentos e falou:

— Moço, eu acho que vou escolher outra empresa e trocar a passagem.

Desviando o olhar e controlando a gargalhada, que ameaçava irromper a qualquer momento, Romário explicou:

— Filho, as coisas não são como você pensa! Não é todo dia que tem ônibus para Varzelândia! Quem vai pra lá liga antes e reserva a passagem! É um inferno, o telefone não para de tocar, o tempo todo tem gente ligando pra saber quando vai ter ônibus!

Com o semblante aflito, Gilberto olhou a poltrona estreita e reclamou:

— Mas não posso viajar naquilo! São quase dez horas de viagem!

—Dez horas? Quem disse isso?

— O meu pai! O coroa falou que são aproximadamente dez horas de viagem!

— Ele deve ter se confundido! De carro pode até ser, mas de ônibus é mais demorado, são pelo menos doze horas, e com essa linha demora mais ainda!

— O que? Doze horas?

— Na verdade, quatorze horas, eu tenho que parar em vários lugares, é pinga-pinga, você me entende, né?

Gilberto alisou a testa e exclamou:

— Pô, bicho! Eu não acredito! Você tá tirando onda?

Romário não conseguiu mais se conter, soltou a gargalhada alta e disse:

— Acalme-se rapaz, não é o fim do mundo! Você quer um conselho? Aproveite a viagem! O seu assento tem uma vista panorâmica e a paisagem é muito bonita! Se você desistir da viagem, vai ter que voltar para casa e esperar uns três ou quatro dias!

Recordando-se das advertências do pai, Gilberto suspirou com aborrecimento, entrou no ônibus e resmungou:

— Vamos embora! Esse balconista é o maior lelé da cuca, me vendeu a passagem errada!

Romário enfiou um pequeno pedaço de rapadura na boca, olhou para os lados, concluiu que todos os passageiros já estavam no ônibus, subiu as escadas e falou com empolgação:

— Então pé na estrada! Se anime rapaz! A viagem vai ser bonita! Esse ônibus é muito bom e não derrapa tanto na estrada! O carro antigo era uma porcaria!

Romário sentou-se, fechou a porta e continuou:

— Então, me diga o seu nome! Eu gosto muito de conversar, me ajuda a ficar acordado!

— Eu me chamo Gilberto, sou filho de um respeitado advogado da capital!

Romário ligou o motor, manobrou o veículo e perguntou com interesse:

— Ôhh, é mesmo? Então o seu pai é montado no dinheiro?

— Sim, nós vivemos muito bem! Somos pessoas de sorte!

— Eu não tive tanta sorte na vida! Há anos trabalho nesta empresa e nunca consegui manter as contas em dia! O salário é uma mixaria!

Indiferente aos problemas de Romário, Gilberto deu um sorriso forçado, balançou a cabeça concordando e se calou.

Durante as primeiras horas de viagem, Romário falou sobre a esposa, os filhos, os sobrinhos, o cão de estimação, o gato do vizinho e o papagaio do sogro. Ao esgotar o tema familiar, ele retomou o repertório de reclamações sobre o trabalho, a empresa, o salário e o patrão. Durante longos minutos lamentou a cansativa rotina, a necessidade de descanso, divagou sobre o churrasco do feriado prolongado, sonhou com as férias, a aposentadoria, e após três horas de monólogo incessante, finalmente concluiu que Gilberto fazia o tipo introspectivo e reclamou:

— Você não fala nada?

— Hã? O que? O senhor disse alguma coisa?

— Nada, acho que você nem me ouviu! Descanse rapaz, ainda tem muito chão pela frente!

Convencido de que estava falando sozinho, Romário se calou, mas prosseguiu com o falatório mental repleto de reclamações. Por volta da meia noite, Gilberto começou a cochilar, quando percebeu a cabeça de

Romário pender lentamente para o lado. Notando que o ônibus começava a invadir a pista contrária, ele saltou do assento e gritou:

— Moço! Acorde! Acorde!

Romário deu um salto, piscou várias vezes, balançou a cabeça com vigor e disse com nervosismo:

— Está tudo bem! Está tudo bem! Eu já acordei, foi apenas um cochilinho!

— Meu Deus do céu! Pô bicho, assim você vai matar todo mundo, mora?

— Calma, calma! Isso acontece, mas não se preocupe, ninguém vai morrer!

— Como não? E se o senhor bater em um caminhão que vem na outra pista?

Romário olhou de canto para Gilberto e confessou:

— Sabe o que é? Eu gosto de conversar e contar causos, mas você é muito calado! Eu estava contando causos pra mim, mas é muito chato e acabei dormindo!

— Tá bom! Tá bom! Eu converso com o senhor, mas, por favor, fique acordado!

— Então posso contar uns causos?

— Pode! Conte seus causos!

Receando um acidente, Gilberto passou a noite lutando contra o sono, inventando assuntos para deixar Romário acordado e ouviu impacientemente os causos sobre os jecas que ele tanto detestava.

Por volta das dez horas da manhã, Gilberto desembarcou na pequena rodoviária de Varzelândia, se despediu de Romário e olhou com desagrado para a mala coberta de poeira e manchas.

Sentindo o cansaço da exaustiva viagem, ele arrastou a bagagem até o guichê e perguntou:

— Bom dia, por favor, onde fica o ponto de táxi?

— Óia moço, só tem táxi na praça!

— O que? Não tem táxi na rodoviária?

— Não, moço! Só aparece táxi quando algum passageiro chega pro embarque! Mas hoje não tem mais ônibus! Se ocê quer táxi, tem que ir até a praça!

— O senhor pode me dizer como chegar à praça?

— Uai! Mas é claro que posso! É assim, ocê caminha seis quadras pra frente, depois dobra à esquerda, daí anda mais um quarteirão, e quando passar a igrejinha, ocê atravessa a praça, óia pro lado esquerdo e vai ver o ponto de táxi!

Gilberto contorceu o rosto e reclamou:

— Tudo isso? Meu Deus! Pô bicho! Como é que vocês se locomovem por aqui?

— Uai! Nóis anda de charrete, de bicicleta, de cavalo ou a pé!

— Onde consigo uma charrete?

— Acho que o Nhô Chiquito tá lá pro lado do bar, é só atravessar a rua! Ele te leva de charrete!

— Como vou saber quem é esse Chiquito?

— É um véio de cabeça branca, com a cara cheia de pregas e magro igual uma tripa!

Gilberto contorceu o rosto, meneou a cabeça negativamente e resmungou:

— Está bem, muito obrigado pela informação!

— De nada! Se precisar ieu tô o dia todo por aqui! Inté mais!

Cada vez mais ultrajado, Gilberto bufou, pendurou o violão nas costas, se afastou arrastando a mala, e ao sair da rodoviária avistou a charrete parada do outro lado da rua e acenou gritando:

— O senhor pode me levar até a casa do meu tio?

O velho Chiquito retribuiu o aceno, seguiu na direção de Gilberto e respondeu:

— Posso sim! Onde fica a casa do seu tio?

Gilberto entregou o papel e disse:

— É nesse endereço, não tenho a menor ideia de onde fica!

Chiquito pegou o papel, olhou a parte da frente, depois a parte de trás, virou de ponta cabeça e explicou:

— Moço, ieu inté podia te levar, mas não sei ler o que tem nesse papel! Pra ser sincero, mal consigo enxergá essa letra miudinha!

— Deus do céu! O senhor é analfabeto?

— Num sei quem é esse tar de Fabeto, ele sabe ler e escrever? Ieu não sei, mas se ocê ler pra mim, ieu te levo!

Gilberto revirou os olhos mostrando impaciência e disse:

— Eu leio para o senhor! Poderia por gentileza colocar a minha bagagem em seu… Seu… Seu modesto transporte?

— Ieu coloco sim, moço! Ocê veio de mudança?

— Eu vim para uma curta temporada, preciso descansar um pouco e nada como o ar do campo para revigorar um homem!

Chiquito olhou para os lados e interrogou:

— Homi? Que Homi? Tem mais gente pra ieu levar?

Gilberto estufou as narinas, contraiu os lábios e falou entredentes:

— Eu estou sozinho! Por favor, vamos embora! Estou exausto e preciso repousar!

Depois de fazer um esforço descomunal, Chiquito conseguiu colocar a mala na charrete, puxou o ar para recuperar o fôlego, observou a roupa de Gilberto e perguntou com curiosidade:

— Ocê tava num casamento?

— Não! Por quê?

— Uai! Ocê tá com roupa de festa! Ieu achei que tava vindo de um casamento!

— Eu me visto assim todos os dias, sou um homem de classe! Não gosto de andar como um maltrapilho!

Chiquito subiu na charrete e perguntou:

— Quanto tempo o moço vai ficar na cidade?

— Não sei, mas pretendo ficar apenas alguns dias!

— Eita sô! Se ocê vai ficar só um tempinho, pra que tanta roupa?

— Sou um homem muito asseado, preciso de muitas roupas limpas!

— Entendi! Então se acomode, vamos embora que tá na hora!

Gilberto se acomodou ao lado de Chiquito, sentiu o assento de madeira e se queixou:

— Que banco duro! O senhor nunca pensou em comprar um veículo? Quem sabe um Fusca, certamente não é uma grande coisa, mas é melhor que essa carroça!

Chiquito tocou o cavalo e perguntou:

— O que é um Fusca?

— O senhor não sabe o que é um Fusca?

— Sei não! Por aqui todo mundo anda de charrete, de bicicleta, cavalo e só um ou outro tem carro! Ocê tá vendo algum carro na rua?

Gilberto reparou as ruas estreitas, ladrilhadas com pedras antigas e respondeu:

— Acho que nem passa carro por essas ruas!

— Passa sim, mas não tem muito carro por aqui! Fusca é um carro?

— Sim, é um carro de pobre, mas até onde sei, ele cumpre com o propósito! O senhor deveria adquirir um!

— Óia moço, ieu tô é muito satisfeito com o Felisberto, nóis tá junto desde que eu era rapazinho!

— Quem é Felisberto?

— Meu pangaré! Ele não dá despesa! É só dar água e amarrar no pasto que ele come e depois anda! Não preciso gastar com gasolina!

Gilberto meneou a cabeça mostrando indignação, cruzou os braços e se calou.

Quase uma hora depois, Chiquito parou na frente da porteira e apontou falando:

— Moço, a casa é no final dessa estradinha! Daqui ocê vai caminhando!

— O que? O senhor quer que eu caminhe tudo isso?

— Desculpe moço, ocê não precisa pagar tudo, pode dar só a metade do pagamento! Ieu não vou entrar nessa estradinha, o Felisberto andou

perdendo uma ferradura, ieu não quero que meu bichinho sofra nessa estrada cheia de barro e pedra!

— Mas como vou chegar até lá? Está muito longe!

— Tá longe não! Óia lá, dá pra ver a casa daqui!

— Se o senhor me deixar na porta, eu pago o dobro. Não quero sujar meus sapatos!

— Óia moço, ieu inté queria ganhar o dobro, mas não vou judiar do Felisberto, ele é meu amigo! Boa sorte e vá com Deus!

Percebendo que Chiquito não mudaria de ideia, Gilberto pagou a corrida, saltou da charrete, sentiu o belo sapato atolar na lama e esbravejou:

— Olha isso! Meu sapato novinho! Mas onde é que fui me meter? Meu Deus!

Chiquito falou com naturalidade:

— Depois ocê lava! Vai ficar igual novo! É por isso que nóis usa botina!

Ainda mais indignado, Gilberto acomodou a o violão e mala sobre uma moita de grama, dobrou a barra da calça e falou ironicamente:

— Muito agradecido, seu serviço é exemplar!

Ignorando o sarcasmo, Chiquito sorriu com alegria, levantou o chapéu mostrando agradecimento e acenou falando:

— Uai sô! Quando precisar ieu venho! Inté mais ver!

Quando Chiquito deu as costas, Gilberto sentou-se sobre a mala, apoiou o queixo na mão, olhou ao redor, considerou a possibilidade de retornar para cidade em busca de um hotel, mas ao recordar as advertências de Gilmar, ele estremeceu, encheu-se de coragem e decidiu enfrentar a estradinha cheia de lama.

O ROQUE
DA ENXADA

CAPÍTULO II

O ROCK DA ENXADA

Após hesitar por mais alguns minutos, Gilberto jogou o violão nas costas, lutou bravamente para encaixar a mala embaixo do braço e prosseguiu entre resmungos, lamentações e muitas blasfêmias.

Caminhando na ponta dos pés, com passos desajeitados, e profunda revolta, Gilberto se aproximou da casa, parou diante do mata-burro e gritou desesperadamente:

— Tio Fortunato! Tio Fortunaaaato! Socorro! Ajude-me aqui!

Assustado com os berros, Fabinho correu até a janela, olhou com estranheza, rapidamente passou a mão no pedaço de pau guardado atrás da porta, correu na direção de Gilberto, e levantou o braço ameaçando:

— Ocê fica aí! Fica aí! Não de mais nem um passo! Quem é ocê?

Aterrorizado com a recepção, Gilberto deu um passo para trás e respondeu:

— Sou o Gilberto! O filho do Gilmar!

Fabinho abaixou o braço, contorceu o rosto e indagou:

— Gilberto? O primo da capitar?

— Sim! Sim! Sim! Cadê o tio Fortunato?

— Uai! Ele tá na roça!

— Então chame a tia! Pelo amor de Deus, chame alguém!

— A mãe foi pra cidade, só tá ieu em casa!

Gilberto apelou mostrando sofrimento:

— Me ajude com essa mala! Está muito pesada, não aguento mais!

Fabinho se apressou para atender ao apelo, tranquilamente jogou a mala nas costas e perguntou:

— Uai! O que ocê tá fazendo aqui?

— Meu pai me mandou! Ele disse que o tio Fortunato estaria esperando!

Fabinho olhou de canto, estranhou o caminhar hesitante e perguntou:

— Por que ocê tá caminhando com as pernas abertas e na pontinha do pé?

— Não quero sujar a minha calça! Essa estrada está imunda! Nunca vi tanta lama! Como vocês conseguem viver desse jeito?

Fabinho apontou falando:

— Ocê já sujou a barra da calça! Óia direito, já tá cheio de barro! Aqui é assim mesmo, primo! Nóis não se importa com essas coisas.

Gilberto franziu o rosto e resmungou:

— Onde fui me meter? Meu Deus!

Fabinho acomodou a mala na varanda e perguntou com curiosidade:

— Primo, ocê veio de mudança? Vai morar com nóis?

— De jeito nenhum! Eu jamais viveria neste fim de mundo! Meu pai me mandou para umas férias, ele quer que eu fique uma temporada com vocês!

Fabinho abriu um largo sorriso e exclamou com alegria:

— Eita que nóis vai se diverti muito! Aqui não é ruim, é bão viver na roça! O primo vai gostar!

Gilberto olhou com desprezo e perguntou:

— Qual é o seu nome? Desculpe-me, mas esqueci!

— Uai sô! E desde quando a gente esquece nome de parente? Eu sou o Fabinho, nóis só se viu uma vez, mas nunca esqueci o seu nome!

— Nós nos vimos? Quando? Não me recordo!

— Foi na sua festa de aniversário de dez anos!

— Ahh sim, a festa de dez anos, tinha quase mil crianças naquele evento, desculpe, não me lembro da sua presença!

Fabinho coçou a cabeça e murmurou com tristeza:

— Tem problema não, ieu continuo sendo seu primo! Posso saber por que ocê tá com roupa de festa?

Gilberto alisou a camisa florida e respondeu com envaidecimento:

— Não é uma roupa de festa, é uma vestimenta do dia a dia.

— Eita sô! Pra mim parece roupa de festa! Ocês se vestem assim na cidade?

— Pô, bicho! A minha galera aderiu à moda! Sabe como é, nem todo mundo tem bom gosto, lá em casa meus pais não gostam, mora?

Fabinho contorceu o rosto e indagou:

— O que? Na tua casa tem pé de amora?

— Claro que não! De onde você tirou isso?

— Uai sô! Ocê acabou de falar amora!

— Cara, você é muito lelé! Deixá pra lá bicho! Você não entende bulhufas!

Fabinho coçou a cabeça mostrando dúvidas e comentou:

— Óia primo, tá difícil entender o que ocê fala! Mas não tem problema, logo nóis pega o jeito!

Notando a aproximação de Fortunato, que voltava da roça com a enxada nas costas e a bota pesada de barro, Gilberto interrogou:

— Aquele é o tio Fortunato?

— É sim, ele deve ter vindo tomar um cafezinho!

Olhando com desconfiança, Fortunato se aproximou perguntando:

— Fabinho, quem é esse rapaz?

— É o primo da capitar, pai!

Fortunato cerrou os olhos e perguntou com surpresa:

— Giba? É você? É o Gibinha do Gilmar?

— Sim tio! Sou eu!

Fortunato jogou a enxada no chão, abriu os braços e perguntou com alegria:

— Ôh rapaz! Mas quanto tempo! O que você tá fazendo aqui?

Vencendo a resistência, Gilberto retribuiu o abraço e explicou:

— Meu pai me mandou, ele quer que eu passe uma temporada com vocês!

— Uai! Mas o Gilmar não me avisou! Faz tempo que não converso com ele! Ontem mesmo fui na cidade e não tinha carta e nem recado de ninguém!

— Ele disse para eu ligar quando chegasse! O senhor tem um telefone pra me emprestar?

— Fío, aqui não tem telefone! Tem que ir até a cidade!

— O senhor pode me levar? Preciso conversar com o papai, estou certo de que ele vai pedir para eu voltar o quanto antes!

Fortunato arqueou a sobrancelha, inclinou a cabeça para o lado mostrando dúvidas e pediu:

— Fique aqui com o Fabinho, eu vou ligar pro Gilmar e ver que história é essa!

— O senhor não quer me levar junto? Vai que o meu pai pede para eu voltar hoje mesmo? Se for assim, já posso comprar a passagem de volta!

— Melhor você ficar, vou rapidinho e já volto!

Fortunato ajeitou o chapéu na cabeça, observou a roupa elegante de Gilberto e perguntou:

— Você tava em uma festa?

Gilberto respondeu com disfarçada impaciência:

— Não, tio! É assim que me visto normalmente!

— E essa mala? Você veio de mudança?

— Claro que não! Deus me livre de viver nesse fim de mundo!

— Giba, fale a verdade, você fugiu de casa?

— Não fugi! Meu pai me mandou! Eu trouxe o necessário para passar o ano!

— Tá certo! É melhor andar prevenido! O Fabinho vai te ajudar com a mala e mostrar o quarto, eu não me demoro!

Quando Fortunato atravessou a porteira, Fabinho sentou-se na escada e perguntou com curiosidade:

— O que o primo faz na capitar?

Gilberto respondeu com a habitual indelicadeza:

— Normalmente tenho uma vida muito agitada! Eu estudo, saio para beber alguns drinks com a minha galera, pego uns brotos e curto a vida, moro! Aposto que vocês não fazem nada de divertido por aqui!

— Nóis faz sim! Finar de semana tem bailão! Às vezes o pai leva a mãe e eu vou junto! Lá tem muita menina bunita!

Gilberto sorriu e falou com sarcasmo:

— Deve ter um monte de caipirinhas com vestidos floridos e tranças!

— Uai! O primo conhece o bailão?

— Não, mas posso imaginar! Além da festa de jeca, o que mais vocês fazem por aqui?

— Aqui nóis acorda bem cedo e trabaia muito! As quatro horas todo mundo tá de pé! E te digo que nóis levanta as quatro porque é preguiçoso, os vizinhos levanta as três!

— Que exagero! Por que acordar tão cedo?

— Pra tirar leite das vacas! A mãe tá com problema nas mãos e não tá conseguindo ordenhar, tem só ieu e o pai, mas não é muita vaca, só tem dez! Ocê já tirou leite de vaca?

— Eu não preciso dessa rusticidade para beber leite, nós compramos no mercado! Que coisa mais ultrapassada!

— Uai! E ocê acha que o leite do mercado sai de onde? Da árvore?

— Não sei, isso não é da minha conta, eu pago e pego o produto que preciso!

— Aqui nóis quase não gastamos no mercado, a roça dá de tudo! Uma vez por mês o pai vai na venda e trás o que falta!

— Hum, interessante! Nós vamos semanalmente ao supermercado e compramos tudo que precisamos! Somente o melhor! Sucos, pães, geleias e o que der vontade!

— É tudo em caixinha, né primo? O pai disse que na cidade a comida é cheia de conservantes pra não apodrecer! Aqui não tem essas coisas! Nóis acorda cedo, toma um café preto, tira leite da vaca e depois come tudo fresquinho! Ocê vai gostar!

Gilberto enrugou a testa mostrando repulsa e disse:

— Na minha casa o café da manhã é muito leve, nada de coisas pesadas! Geralmente nosso desjejum é composto por panquecas, sucos, frutas e frios!

— Uai, ocês comem tudo frio?

Gilberto suspirou e respondeu com irritação:

— Frios! Frios! Você não sabe o que são frios?

— Uai sô! Claro que sei, é aqueles dias de inverno!

Gilberto revirou os olhos e resmungou:

— É… É… Deixe isso para lá! O que mais vocês fazem para se divertir por aqui?

— Nóis faz fogueira, um porquinho assado na brasa, canta moda de viola e bebe umas cachacinhas!

— E isso é diversão?

— Uma vez por ano tem festa de São João, e às vezes aparece circo na cidade.

Gilberto falou com sarcasmo:

— Nossa, quanta emoção!

— É mesmo, primo! Nóis se diverte bastante! A Fía ficava numa alegria só quando vinha circo pra cidade!

— Filha? Meu Deus, você já é pai?

— Não! Eu chamo a Sabrina de fía!

— Quem é Sabrina?

— É a minha irmã! Nossa Senhora, primo! Ocê não se lembra mesmo!

— Desculpe-me, mas realmente não me recordo! Sou muito ocupado!

— A Sabrina pegou barriga do namorado e foi morar com ele! O pai ficou uma fera e fez eles se casarem! Mas ela já tem idade, tá inté veia, passou dos vinte faz tempo!

Gilberto bocejou mostrando tédio e disse:

— Hã, hã, interessante!

— Uai sô! Ocê tá cansado?

— É óbvio que estou cansado! A viagem foi exaustiva, amanhã quero dormir até o meio dia!

— Eita trem danado sô! Ocê quer dormir inté o meio dia?

— É, na verdade, eu vou aproveitar o tempo por aqui e dormir bastante!

Fabinho estendeu a mão sobre a boca, se encolheu entre risos e disse:

— Vai, ocê vai dormir muito! Vâmo guardar a sua mala? Vou mostrar o quarto! Não é grande, mas é bem ajeitadinho!

Reparando em todos os cantos da casa rústica, Gilberto acompanhou Fabinho, entrou no quarto, notou a cortina que dividia o espaço e perguntou:

— O que é esse pano estendido no meio do quarto?

— É pra separar a parte minha e da Sabrina, a mãe disse que muié precisa de privacidade! Agora ocê pode ficar com a cama dela!

Gilberto olhou ao redor e questionou:

— Não tem guarda-roupa?

— Nóis guarda as roupas naquele baú, a mãe lava e joga lá dentro! Depois eu separo um espaço pra ocê! Pode colocar a mala embaixo da cama.

Lutando para suportar a crescente irritação, Gilberto empurrou a mala, apalpou o colchão e resmungou:

— Parece uma tábua! Meu Deus!

— O que foi, primo? Ocê disse alguma coisa?

— Nada! Não falei nada! Será que você poderia me servir alguma bebida? Gelada, por favor!

— Sirvo sim, vamos sentar na varanda, eu faço uma limonada procê!

Enquanto os garotos conversavam, Fortunato ligou para Gilmar, por breves instantes deixou os ressentimentos de lado, fez o possível para entender o acontecimento e retornou rapidamente com um sorriso nos lábios.

Ao parar na frente da casa, ele viu os rapazinhos sentados na varanda, saltou da charrete e disse com alegria:

— Giba, eu falei com o seu pai! Tá tudo certo, seja bem vindo! Se daqui um ano não quiser voltar pra casa, pode ficar pra sempre!

— Valeu tio! Fico agradecido com a hospitalidade, mas enquanto o Fabinho estava falando, eu percebi que não conseguirei ficar o ano inteiro por aqui, pretendo descansar uns três ou quatro dias e voltar para a capital! Tenho certeza que meu coroa está brincando! Aposto que ele vem me buscar! Se ele não vir, eu volto de ônibus.

Fortunato tirou o chapéu, coçou a cabeça e preveniu:

— Não sei não, mas acho que o Gilmar não vai concordar com isso! Quer saber a verdade? Acho que você vai dar com os burros na água, ele não vai deixar você entrar! Conheço o meu irmão! Ele tá decidido!

— Pô bicho, esses conselhos são maneiros, mas sabe como é… Sou um homem da cidade, gosto da agitação, a vida no campo é muito parada.

— É mesmo fio? E o que é agitação pra você?

— Pô! É estar junto com a galera, curtir um som maneiro e beber uns drinks no final do dia! Eu quero montar uma banda de rock, mas meu pai é muito antiquado e está empatando!

— Antiquado é?

— É tio, ele é quadrado, sabe? Eu sou da nova era, do rock in roll! Faço parte de uma galera que está aqui para mudar a sociedade!

Fortunato bateu levemente no ombro de Gilberto e disse:

— Tá certo, fío! Eu sei que o Gilmar não entende as suas ideias, eu inté que aceito, mas aqui a vida não é parada! Também tem muita agitação. O rock corre solto na roça!

— Que maneiro! Vocês escutam rock na roça?

Fortunato olhou de soslaio para Fabinho, conteve a risada e respondeu:

— Sim! Tem muito rock na roça! Não é mesmo Fabinho?

— Eiiiiita que o rock corre solto! Começa de manhã e vai inté à noite!

Com os olhos brilhantes e um enorme sorriso, Gilberto exclamou:

— Que maneiro! Pô, eu achava que vocês só ouviam músicas de jeca! Que rock vocês curtem?

Fortunato pediu:

— Fabinho, fala pro teu primo que rock você curte na roça!

— Uai, primo! Aqui nóis escuta o rock da enxada, da foice e dos bichos! É blem, blem, blem, tum, tum, tum, roinc, roinc, roinc, cri,cri,cri, piu,piu, piu, e cocoricó o dia inteiro! Ocê vai aprender rapidinho que a pancada da enxada, o fio da foice e a bicharada fazem música!

No mesmo momento o semblante faceiro de Gilberto desapareceu, dando lugar aos lábios contraídos e narinas estufadas que denunciavam a profunda indignação.

Notando o rosto contraído e os olhos avermelhados, Fortunato controlou a risada e acrescentou:

— Óia fío, pra ser bem sincero, nós já começamos o dia ouvindo rock! Não é mesmo Fabinho?

— É sim, pai! Aqui ninguém fica parado! Nóis começa o dia com o rock da panela!

Contendo o choro e o impulso de correr, Gilberto reclamou:

— Pô tio! Eu achei que vocês ouviam rock de verdade!

— Nóis escuta rock, mas não é igual ao seu! Aqui é rock das panelas, da foice, do facão, da bicharada e principalmente da enxada, esse rola solto do amanhecer até o fim do dia! Você sabe o que é uma enxada?

Gilberto olhou com aborrecimento e resmungou:

— Sei tio, eu sei o que é uma enxada!

— Tô falando da ferramenta chamada enxada, não pense que é mão inchada! Isso você vai ter depois do trabalho!

Fabinho mostrou as palmas calejadas e disse:

— É verdade! Tem dias que a mão fica inté inchada de tanto capinar! Mas não se preocupe viu primo, logo ocê se acostuma!

Ciente de que Gilberto precisa de corretivos, Fortunato olhou com bondade e disse:

— Fío, o seu pai me contou o que tá acontecendo! Se ele te mandou pra mim, é porque concorda com meus métodos! Aqui não tem frescura! Nóis acorda cedo, tira leite, depois toma um café reforçado, vai pra lavoura e trabaia duro inté escurecer! Fala pra ele Fabinho!

— É primo, quando dá oito da noite todo mundo tá deitado! Nóis dorme cedo porque não aguenta o cansaço!

Gilberto interrogou:

— O quê? Oito horas? Eu não durmo antes da meia noite! Sou um homem de hábitos noturnos!

Fabinho interrogou:

— Uai! Ocê é igual à coruja?

Fortunato gargalhou alto e falou:

— Se quiser pode dormir meia noite, mas às três horas todo mundo tá de pé! Eu sou o primeiro a levantar, faço o café e depois chamo o Fabinho! Não é mesmo, filho?

— Sim pai! É primo, aqui não tem folga! Nóis trabalha bastante! Mas é muito bão mexer na terra, da alegria!

Gilberto olhou receosamente ao redor e falou:

— Tio, é melhor eu voltar pra casa! Eu admiro muito o trabalho dos campesinos, mas isso não é para mim! Sou de outra geração! Morou?

Fortunato contorceu o rosto e indagou ironicamente:

— Morou? Morou onde? Quem morou?

— É uma maneira de falar, tio! É o mesmo que perguntar se você entendeu! Morou?

— Ah tá, entendi! Eu morei! Morei tudo! É a linguagem da nova geração, né? Às vezes viajo por aí e ouço os jovens falando essas coisas, acho interessante!

Certo de que estava ensinando, Gilberto falou com vaidade:

— É tio! É assim que a galera se comunica! Meu coroa não entende e reclama, mas as coisas precisam mudar, não podemos viver para sempre na idade das pedras!

— Claro, claro, as coisas precisam mudar! Está certo! Nada como o trabalho para mudar a situação de qualquer pessoa, ou nação!

— Pô tio! Trabalho é bom, mas tem que ter arte! Sou um artista e nasci pra viver de boa!

Fortunato fixou o sobrinho por rápidos segundos e perguntou com a voz carregada de seriedade:

— Me diga uma coisa, você é vagabundo?

— Não, tio! Claro que não!

— Então ocê gosta de trabalhar?

— Sim, eu gosto! Sempre que a mamãe pede ajuda eu colaboro! E nunca tirei uma nota baixa no colégio, me dedico aos estudos!

Mostrando a fisionomia severa, Fortunato alisou o queixo e concluiu:

— Bom… Se você gosta de trabalho e não é vagabundo, então tá no lugar certo! Escute aqui Gibinha, teu pai não vai deixar você entrar em casa! Quer um conselho bão? Aproveite essa temporada e trabalhe, isso vai te fazer um homem forte. Dê uma olhada no Fabinho, ele tem a tua idade e quase o dobro do tamanho! Fío, mostra o braço pra ele!

Fabinho arregaçou a manga da camiseta, bateu no músculo arredondado e disse:

— Isso é tanto levantar a enxada!

Fortunato continuou:

— A Palmira anda doente e não tá podendo ajudar muito, tá com uma tal de trite, o médico disse que não tem cura, então toda ajuda é bem vinda!

— A tia está com depressão? Ela está triste?

— Não! A Palmira nunca fica triste! Ela tá com trite, uma doença que deixa a mão torta!

— Ahh! Entendi, a tia está com artrite!

— É isso aí! Ela faz as coisas de casa, mas não consegue mais tirar leite!

— Tio, por que vocês não contratam trabalhadores para ajudar?

— Nóis contrata dois ajudantes pra ajudar na roça, mas o leite nóis tira sozinho, né Fabinho!

— Ié primo! Aqui não tem preguiça! Nóis mete a cara no trabaio!

Notando as lágrimas nos olhos de Gilberto, Fortunato falou com bondade:

— Fío, teu pai te ama muito, ele tá fazendo isso pro teu bem! Aqui nóis trabalha muito e não tem frescura, mas no final da tarde fazemos uma fogueira, cantamos umas modas antigas, tocamos viola e bebemos uma cachacinha! Você vai poder tocar o seu violão!

Gilberto choramingou:

— Eu só bebo drinks suaves! Não gosto de cachaça!

Fortunato contorceu o rosto e perguntou com a habitual rusticidade:

— Você bebe cerveja?

— Cerveja eu bebo!

— Então pronto! Nóis arruma uma cervejinha pra você! Não precisa chorar! Por acaso você é marica?

Contendo o pranto, Gilberto respondeu com voz baixa:

— Não, tio! Eu não sou maricas!

— Ótimo! Não quero maricas por aqui! E trate de cortar esse cabelo! Não gosto dessa coisa de homem cabeludo! Hoje você vai descansar, passear, conhecer a propriedade e amanhã começa a lida!

Fortunato apertou com força o ombro de Fabinho e pediu:

— Fío, mostre tudo pro teu primo e explique como é o trabalho! Eu vou pra roça e mais tarde continuamos essa conversa!

— Mas pai, eu tenho que terminar aquele roçado! Tá cheio de mato, como vamos plantar o mío?

— Não se preocupe, amanhã você faz o serviço! Tire o dia pra descansar e passear com o teu primo!

Percebendo que Gilberto olhava para os lados e parecia completamente desorientado, Fortunato explicou com afetuosidade:

— Gibinha, a nossa propriedade não é muito grande, mas aqui nóis planta de tudo, e nunca vai faltar nada para você! Eu sei que parece difícil, que você está acostumado com uma vida diferente, mas com o tempo se acostuma!

Fabinho reiterou:

— Aqui é bão demais, primo! Garanto que ocê vai se acostumar e nunca mais vai querer voltar pra cidade!

Gilberto sorriu mostrando escárnio e afirmou com arrogância:

— Nunca vou me acostumar com essa precariedade! Não fui talhado para esse lugar, vou respeitar a vontade do meu pai, mas não pretendo viver para sempre na roça!

Fortunato sorriu de canto, meneou a cabeça negativamente e pediu:

— Fabinho, arrume um macacão para o seu primo, ele não pode ficar por aí com essa roupa de festa. Depois aproveitem o resto do dia.

— Sim senhor, tá bão pai!

— Hoje a Palmira vai ficar o dia inteiro na cidade, mas tem comida pronta. Quando sentir fome esquente o almoço!

— Pode deixar pai! Eu faço tudo!

Quando Fortunato voltou para o trabalho, Fabinho correu para o quarto, escolheu o melhor macacão e pouco depois retornou falando:

— Óia aqui primo! Esse macacão deve servir em ocê, ele tá furado na bunda, mas ninguém vai ver! Só ieu e o pai, mas nóis não liga!

Gilberto segurou o macacão com as pontas dos dedos, olhou com asco, contraiu os olhos tentando esconder a indignação e resmungou:

— Obrigado, vou vestir!

Seguindo as orientações de Fortunato e ignorando o constante mau humor de Gilberto, que a todo instante respondia com palavras depreciativas, Fabinho mostrou toda a propriedade, explicou os detalhes do trabalho, falou sobre os hábitos do povo, fez o possível para ser cordial e espantar o azedume do primo.

Após um dia de seguidas decepções, a família se reuniu para o jantar, Palmira olhou com bondade para o rosto entristecido de Gilberto e disse:

— Óia Gibinha, eu fiz uma comida especiar pra ocê! Tem frango com molho, polenta feita com mío da roça, mandioca que o Fortunato arrancou a tarde, pamonha, arroz, farofa, feijão e torresminho fresquinho!

Com os olhos fixos em Fortunato, que segurava a coxa de frango com a mão e comia sem nenhuma cerimônia, Gilberto ignorou as palavras de Palmira e pensou:

— Quanta falta de educação! Parecem animais comendo! Eu preciso fazer algo por essas pessoas, talvez consiga ensinar um pouco de bons modos.

Alheio ao espanto do sobrinho, Fortunato encheu a mão com um punhado de torresmo, lançou alguns pedaços na boca e perguntou:

— Como foi o dia? Fabinho, você mostrou tudo para o seu primo?

— Mostrei tudo pai! Amanhã o primo já pode trabaiá com nóis!

Mastigando de boca aberta e totalmente despreocupado com o rosto contorcido do sobrinho, Fortunato questionou:

— A comida não tá boa?

— Está boa, tio!

— Você ainda tá triste? O que foi que aconteceu, garoto?

— Não aconteceu nada, só estou pensando no meu pai, ainda acho que ele vem me buscar. Minha mãe vai sentir a minha falta e vai pedir para ele me levar para casa!

— Seu pai não vem, garoto! Já falei pra você, é melhor se conformar e aproveitar a temporada!

— Ah, tio! O papai está brincando, ele sabe que esse lugar não é para mim! Daqui a pouco ele cansa da brincadeira!

Fortunato olhou de canto para Fabinho, piscou disfarçadamente e afirmou:

— Aposto que você vai gostar tanto da vida na roça, que nem vai querer ir embora!

Gilberto riu com desânimo e murmurou:

— Se eu pudesse ia embora hoje mesmo!

Fingindo não ouvir os comentários desagradáveis, Fortunato aconselhou:

— Fío, coma bem, encha a barriga e vá dormir, amanhã é outro dia!

Gilberto segurou delicadamente os talheres, remexeu a comida e respondeu com voz arrastada:

— Estou sem fome!

Palmira apelou:

— Come só um pouquinho! Ocê quer que eu frite um ovo?

— Não gosto de ovo frito, é muito gorduroso!

Após a extenuante demonstração de compreensão e paciência, Fortunato bateu a mão na mesa e exclamou com energia:

— Rapaz, eu não gosto de gente fresca! A Palmira preparou tudo com muito carinho! Eu sei que você quer ir embora, mas o Gilmar não quer que você volte para casa antes de aprender algumas coisas! Trate de ter mais respeito e consideração! Solte esse garfo e pegue a coxa com a mão! Olha aqui como é que faz!

Fortunato segurou a coxa de frango, abocanhou arrancando um grande pedaço, mastigou vorazmente e perguntou:

— Tá vendo? É assim que se come!

— Estou vendo tio, mas isso é anti-higiênico! Pode ter germes em nossas mãos! Eu prefiro comer com talheres, é mais adequado!

— Aqui não tem nada de adequado ou inadequado! Nóis come bem, enche a barriga e não repara no jeito dos outros! O importante é ser feliz! Não é mesmo, Fabinho? Fala pro teu primo!

— Ié! Nóis vive solto e feliz! Ninguém fica reparando! Come primo, não precisa ter vergonha! A mãe fez comida pensando em ocê, não é mesmo, mãe?

— É sim! Fiz tudo com muito carinho! Não precisa ter vergonha, pode comer tudo!

— Eu não estou com vergonha, apenas não me adequo a maneira como vocês se alimentam! Tia, a senhora poderia me dar um guardanapo?

Divertindo-se com o assombro de Gilberto, Palmira segurou a risada e explicou:

— Óia, ieu já cansei de colocar guardanapo na mesa, mas esses dois não querem nem saber! Eles continuam limpando a boca na toalha!

Imitando os gestos de Fortunato, Palmira limpou a boca na ponta da toalha e apontou falando:

— Tem papel de limpar a boca na despensa, pode pegar, mas tá empoeirado! Se quiser ocê pode limpar a boca na toalha, não tem problema, depois ieu lavo!

Gilberto meneou a cabeça concordando, se calou e continuou observando os modos rudes da família, que compartilhava alegremente o jantar e ignorava qualquer preocupação com etiqueta ou bons modos.

Após o jantar, Fortunato bebeu o último gole de café, espalitou os dentes, levantou-se e decretou:

— Antes de encerrar o dia vamos fazer algo inadiável!

Fabinho perguntou:

— O que pai? Ieu achei que a lida tava encerrada por hoje!

— Ainda falta o principal! Traga uma tesoura, vamos cortar essa cabeleira do Giba!

Quando Fabinho se afastou correndo, Gilberto deu um salto para trás e apelou:

— Não, tio! Meu cabelo, não! Os brotos gostam de cabelo comprido!

— Aqui os únicos brotos que eu conheço são aqueles que nascem na roça! Broto de feijão, de mío e de mandioca! Não quero cabeludo na minha casa, o teu pai mandou dar jeito nesse cabelo de fuá!

— Mas tio…

Fortunato falou com energia:

— Não tem mais tio e nem menos tio! Pare de frescura, Giba! Isso não é cabelo de homem! O povo daqui vai te olhar de jeito estranho, você tem que fazer amizade!

— Não quero fazer amizade com os jecas!

Fabinho retornou com a tesoura e disse:

— Tá aqui, pai! Não achei a tesoura da mãe, mas trouxe essa de tosquiar os carneiros! Nem sei por que nóis tem uma tesoura de tosquiar, nunca usamos esse trem!

— Era do seu avô, mas essa serve! Giba, sente na varanda, vamos dar jeito nessa peruca!

Gilberto apelou:

— Tia, me ajude!

Palmira deu de ombros e respondeu:

— Fío, esse cabelo é muito feio! Não sei como as mocinhas gostam!

Fabinho incentivou:

— Vai lá primo, corta esse cabelo de muié! Ocê vai ficar com cara de homi!

Admitindo a desvantagem na luta de três contra um, Gilberto cedeu e entregou a cabeleira para Fortunato, que impiedosamente tosquiou os fios longos.

Minutos depois, Fabinho tapou a boca tentando esconder o riso, deu as costas, olhou para longe, mas ao virar para o lado e se deparar com a franja de Gilberto, foi derrotado pela gargalhada que irrompeu alta.

Ultrajado com a atitude brusca, Gilberto reclamou:

— Pare de rir! Eu devo estar horrível!

— Não, primo! Inté que não ficou ruim! O pai só exagerou na franja, tá toda arrepiada pra frente, mas logo cresce, né mãe?

Sacudindo o corpo com a risada, Palmira balançou a cabeça concordando e afirmou:

— Logo cresce e vai ficar bunito! A franja tá arrepiada, mas ainda é melhor que aquela cabeleira!

Fortunato alisou as mãos e falou com orgulho:

— Ficou bunito! Eu fiz um bom trabalho! Tá melhor que antes!

Sem as belas roupas, o cabelo longo e as mordomias da cidade, Gilberto encerrou o primeiro dia na roça e foi para o quarto tentando suportar o desespero.

Minutos depois, Fabinho arrumou a cama, deitou-se esticando o corpo cansado e perguntou:

— Posso apagar a luz, primo?

Gilberto deitou-se, deu um pulo e reclamou:

— O que é isso? Tem algum bicho me picando!

Fabinho saltou da cama, correu para ajudar, vasculhou embaixo do lençol e falou mostrando duvida:

— Tem nada não!

— Tem sim! Alguma coisa me espetou!

Fabinho apalpou o colchão, puxou uma farpa de palha e explicou entre risos:

— É só um pedaço de palha, primo! É do colchão!

— Colchão de palha? Por isso é tão duro!

— Aqui o colchão é de palha, a mãe que faiz! Desculpe primo, mas não tem colchão de espuma! Eu sei que é duro, mas é muito bão pra coluna!

— Meu Deus, eu vou passar mais uma noite acordado? Não é possível que só tenha esse colchão!

Fabinho deitou-se e aconselhou:

— Deite e durma primo, daqui a pouco o pai começa a tocar o rock da panela!

— Rock da panela? O que é isso?

— Você vai ver, no seu lugar eu deitava e dormia! Boa noite!

Após horas se incomodando com as palhas e praguejando mentalmente, Gilberto adormeceu e caiu em sonhos confusos provocados pela aflição.

A FLOR
DO BAILE

CAPÍTULO III

A FLOR DO BAILE

Na manhã seguinte, antes do galo cantar, enquanto os grilos ainda faziam a festa noturna, Gilberto foi arrancado do sono, saltou bruscamente e berrou:

— Ahh! Ahh! O que é isso? Meu Deus!

Assustado com o alarde, ele olhou para os lados, esqueceu-se que estava na casa de Fortunato, viu Fabinho parado ao lado da cama e perguntou:

— O que é isso? Que barulheira é essa? Quem é você?

— Calma, primo! É ieu, o Fabinho!

— Eu sei, eu sei! Estou confuso! Que barulheira é essa?

— É o pai batendo panela! Eu disse pra ocê, aqui nóis acorda com o rock da panela! Vamos logo, enquanto a gente não levanta, ele não para!

Batendo a concha contra uma frigideira velha, Fortunato parou na porta e falou com empolgação:

— Hora de acordar! Vamos lá rapaziada! Temos um longo dia pela frente! Eu já coei um café bem forte!

Gilberto deitou-se, cobriu a cabeça e resmungou:

— Eu não vou! Estou com muito sono!

Fortunato arqueou a sobrancelha e falou com energia:

— Vamos, vamos! Mas que demora! Anda, Giba! Ânimo! Você não vai passar o dia na cama!

— Pô tio! Ainda está escuro! Eu não vou, daqui a pouco meu coroa vem me buscar! Ele estava brincando!

— Fío, esqueça essa história! Teu pai não vem! Levante-se de uma vez, eu fiz um café bem gostoso! Vamos tirar leite das vacas! Tô esperando na cozinha!

Fabinho entregou uma pilha de roupas e explicou:

— Óia, ocê não pode trabalhar com roupa de festa, né! Aqui tem uma camiseta e uma bermuda, tá um tiquinho velha e furada, mas pode usar.

Gilberto estendeu a camiseta sobre a cama, reparou os pequenos furos, em seguida inspecionou a bermuda e reclamou:

— Essa bermuda também tem um furo na bunda! Mas o que vocês fazem pra rasgar tanto a roupa?

Fabinho respondeu com seriedade:

— Eu peido até rasgar as calças!

Gilberto arremessou a roupa longe, apressadamente esfregou as mãos na coberta e exclamou:

— Que nojo!

— Ah-ah-ah! É brincadeira! A gente se agacha e levanta várias vezes durante a lida, é por isso que arrebenta a costura. A mãe sempre conserta, mas agora ela tá com a mão torta e não consegue. Depois nóis costura! Vamos antes que o pai comece a bater panela de novo!

Vencendo a contrariedade, Gilberto vestiu a camiseta repleta de furinhos, a bermuda descosturada no traseiro, calçou as botas de borracha, sentiu-se um verdadeiro jeca e resmungou:

— Que vergonha! Estou parecendo um idiota!

Ao ouvir o berro de Fortunato, ele correu para a cozinha, observou os canecos com café e interrogou:

— Não tem pão?

Fabinho explicou:

— Primeiro nóis tira leite, às seis horas a mãe levanta e faz o café farto! Daqui a pouco nóis come!

Fortunato entornou o caneco de café, limpou a boca no braço e chamou:

— Vamos embora, rapaziada! Tem muito trabalho!

Gilberto acompanhou Fortunato e Fabinho, ao entrar no curral paralisou diante das vacas e perguntou receosamente:

— O que eu vou fazer?

Fortunato apontou falando:

— Pega aquele banquinho e senta do lado da Mimosa, o Fabinho vai te ensinar a tirar leite!

Gilberto acatou a ordem, sentou-se, olhou contorcendo o rosto perguntou:

— E agora?

Fabinho amarrou as patas traseiras da Mimosa, sentou-se ao lado de Gilberto e explicou:

— Ocê segura as tetas com firmeza, desliza a mão e puxa com força, mas não pode ser bruto!

— Argh! Que nojo! Eu não quero fazer isso!

— Deixa de frescura, primo! De onde você acha que sai o leite que ocês tomam na cidade?

— Do mercado?

Fortunato gritou:

— Anda Giba! Crie coragem! Fabinho, vá tirar o leite da Esmeralda e deixe o seu primo colocar em prática o que aprendeu!

Quando Fabinho se afastou, Gilberto segurou as tetas da vaca com as pontas dos dedos, deu leves puxadinhas e se queixou:

— Não sai nada de leite! Acho que está seco!

Fortunato contorceu o rosto, sacudiu a cabeça e falou:

— Garoto, desse jeito não vai sair nada! Segura essas tetas com gosto! O que você pensa que está fazendo?

Irritado com a tarefa, Gilberto puxou com força e deu um leve sobressalto ao ouvir o mugido. Assustada com o manuseio bruto, Mimosa levantou o rabo, soltou a pasta mole e esverdeada, que caiu no chão e se esparramou para todos os lados.

Com os olhos esbugalhados, boca entreaberta e o rosto coberto de respingos verdes, Gilberto clamou:

— Me ajudeeem! Ela está fazendo coco! Meu Deus! Que nojo! Eu vou vomitar!

Fortunato e Fabinho se olharam com espanto, durante alguns segundos ficaram sem ação, mas diante da gritaria desesperada de Gilberto, se entregaram às gargalhadas.

Contorcendo-se, com as mãos sobre a barriga, o corpo arqueado para frente, e completamente envolvido pela gargalhada, Fortunato disse:

— Calma! Você não vai morrer!

Gilberto se levantou, passou a mão no rosto, sentiu o cheiro e gritou em prantos:

— Estou coberto de coco! Vou pegar uma doença!

— Deixa de bobagem! Você puxou com força demais! Deixe a Mimosa de lado, eu vou limpar a sujeira e fazer a ordenha, fique com o Fabinho e olhe como se faz!

Apiedando-se de Gilberto, rapidamente Fabinho ofereceu um pano e sugeriu:

— Do lado de fora tem uma torneira, vai lavar o rosto. Não precisa ter medo, a Mimosa é limpinha, ela não tem doença!

Contendo as ânsias, Gilberto se afastou às pressas, lavou várias vezes o rosto e retornou para junto de Fabinho, que habilidosamente ordenhava a Esmeralda e realizava a tarefa sem grandes esforços.

No decorrer de duas horas, Gilberto observou atentamente, se arriscou mais algumas vezes, e fracassou em todas as tentativas. Atacado pela frustração e inveja, ele encostou-se ao batente da porta, cruzou os braços, contorceu o rosto e se entregou ao aborrecimento.

Pouco depois das seis horas, Palmira bateu o sino pendurado na varanda e chamou:

— O café tá pronto!

Com o estômago roncando de fome, Gilberto acompanhou Fortunato e Fabinho, ao se aproximar da casa sentiu o aroma convidativo do café, e ao atravessar a porta da cozinha, parou subitamente, olhou com deslumbramento e perguntou:

— Tudo isso de comida?

Fortunato bateu na barriga e respondeu com felicidade:

— Aqui é assim! O café da manhã é farto! Tem que ficar forte pra aguentar a lida!

Gilberto aproximou-se lentamente da mesa, correu os olhos pelos pães recém-saídos do forno, em seguida olhou os pães de queijo perfumados, a travessa de mandioca coberta com manteiga, lambeu os lábios ao ver os bolos, os queijos, salames, geleias, compotas, a travessa com frutas coloridas e balbuciou:

— Eu nunca vi tanta comida!

Recordando o café da manhã na companhia dos pais, quase sempre marcado pela pressa, Gilberto refletiu:

— Nunca vi tanta comida gostosa! Lá em casa é sempre a mesma coisa, pão com queijo e presunto, suco, café e leite!

Percebendo o espanto de Gilberto, Fortunato comentou:

— A comida daqui não é igual à da cidade! Lá vocês comem lixo! Aqui é tudo fresquinho, sem tóxico e feito com amor!

Palmira serviu a xícara de Gilberto e perguntou com bondade:

— Fío, ocê quer um pedaço de broa? Tá quentinha, acabei de tirar do forno!

Fabinho enfiou um pedaço de bolo na boca e falou soprando farelos em todas as direções:

— Come um pedaço de broa, primo! Tá bão que só! A mãe faz a melhor broa do mundo!

Gilberto olhou para os lados e pediu:

— Tia, por favor, a senhora poderia me dar talheres?

Fortunato exclamou:

— Pega com a mão! Eu já disse que aqui não tem frescura!

Gilberto se encolheu e murmurou:

— Mas tio, isso é falta de educação!

— Deixa de bobagem, menino! Aqui ninguém repara em como o outro come, se veste ou fala! Come a broa!

Fabinho limpou a boca na toalha de mesa e incentivou:

— Come primo! Pega com a mão mesmo! Experimenta o pão de queijo! Tá uma gostosura!

Divertindo-se com o semblante assustado de Gilberto, Palmira disse entre risos:

— Esses dois não tem vergonha! Coma do seu jeito, Giba! Se você quiser eu pego garfo e faca, mas não precisa ter vergonha, aqui você pode comer do seu jeito!

Fortunato bateu com força na barriga e resmungou:

— Ah! Quanta frescura! O importante é ter comida, e isso não falta! Graças a Deus sempre temos a mesa cheia!

Lutando contra a resistência e o medo de se tornar mais um jeca, Gilberto pegou um pedaço de bolo, mordiscou levemente e deu um leve salto quando Fortunato gritou:

— Coloca esse bolo na boca e come com gosto! Giba, meu filho, pare de bobagens! Seja feliz! Você entendeu? Feliz!

Gilberto hesitou, por fim deu de ombros, seguiu o conselho de Fortunato e enfiou um pedaço de broa na boca.

Ao sentir o sabor levemente adocicado e o prazer de comer sem olhares críticos, ele foi invadido pelo sentimento de liberdade, olhou para os lados, notou que ninguém observava, sorriu com satisfação e prazerosamente enfiou um pãozinho de queijo na boca.

Movido pela fome, o prazer do alimento fresco, e o incentivo da família, minutos depois Gilberto esqueceu-se completamente das normas de etiqueta e se entregou à comilança.

Depois do café abundante e com o bom humor restaurado, Gilberto acompanhou Fabinho e Fortunato até a lavoura e perguntou:

— O que nós vamos fazer agora?

Fortunato parou diante do terreno coberto por capim alto e lamentou:

— Eita Fabinho, mas quanto mato! Isso é relaxo, fio!

— Desculpe pai! Mas não deu tempo, ieu ia capinar domingo passado, mas ficamos o dia inteiro estudando!

Gilberto olhou de canto e interrogou:

— Estudando?

— Sim, primo! Nóis passa o domingo estudando!

Gilberto gargalhou alto e perguntou:

— Estudando o que? O bê-á-bá?

— Não, primo! Nóis tá estudando agronomia, né pai?

— É sim! O Fabinho está estudando o equivalente ao terceiro ano da faculdade de agronomia! O garoto é bom, já sabe mais que muito

engenheiro formado!

Novamente Gilberto riu alto e perguntou:

— Pô! Que brincadeira é essa? Vocês estão me achando com cara de trouxa?

Ignorando o sarcasmo, Fortunato puxou um pedaço de capim, colocou no canto da boca e respondeu:

— Giba, as aparências enganam! Nem tudo que brilha é ouro, às vezes aquilo que julgamos sem nenhum valor, esconde um grande tesouro!

Mantendo o tom debochado, Gilberto retrucou:

— Pô, eu duvido que esse moleque entenda alguma coisa de agronomia! Ele mal sabe falar!

Fabinho entregou a enxada para Gilberto e afirmou:

— Eu sei sim! Sei muita coisa! Vamos trabalhar, tem muito chão pra capinar!

Fortunato concordou:

— Vamos deixar a conversa de lado! Depois o Fabinho te explica tudo!

Enquanto Fabinho carpia com vigor, Gilberto apoiou-se na enxada, observou Fortunato roçando o capim alto e pensou:

— Não parece tão difícil! Acho que é melhor do que tirar leite!

Gilberto levantou a enxada, sentiu o peso, bateu desajeitadamente contra o chão e prontamente sentiu a dificuldade do trabalho.

Movido pela habitual presteza, Fabinho aproximou-se explicando:

— Primo, ocê levanta um tiquinho e bate com força! Não precisa levantar a enxada tão alto, desse jeito pode bater na cabeça de alguém e até matar! Óia como eu faço, tente fazer igual!

Gilberto observou a destreza do rapaz, em seguida imitou os movimentos e iniciou o primeiro trabalho braçal da vida.

Quase duas horas depois, Fabinho olhou com satisfação e disse:

— Ocê foi bem, primo! Daqui uma semana vai fazer melhor que ieu!

Fortunato pediu:

— Fío, leve o Gilberto pra plantação de mío e ensine o serviço, eu vou terminar aqui e depois vamos almoçar!

— Tá bão pai!

Fabinho guiou Gilberto até a plantação de milho, puxou uma espiga e instruiu:

— Ocê puxa pra baixo com força, dá uma torcidinha e pronto! É só jogar no saco! É fácil, né?

Gilberto respondeu em tom provocativo:

— É fácil, pra isso não precisa de estudo! Qualquer um consegue tirar uma espiga de milho! Fala a verdade Fabinho, que história é essa de estudar agronomia?

Fabinho observou o riso sarcástico, se calou por alguns instantes e respondeu:

— Óia primo! Eu gosto muito de ocê, é por isso que vou dar um bão conselho! Comece a ser um pouco mais humilde, se algum vizinho te escutar falando desse jeito, vai te dar um soco nas fuças! Desculpe a sinceridade, mas ocê é muito arrogante!

Gilberto se defendeu:

— Não sou arrogante, mas temos que ser realistas! É óbvio que você não tem estudo!

—Tenho sim! Eu sempre estudei! O pai fez questão de me alfabetizar e seguir a programação que a professora dava! Eu fui poucas vezes pra escola, mas nunca deixei de estudar!

— E posso saber por que você não foi pra escola? Aposto que não tem certificado de formatura!

— Não tenho mesmo, mas sei mais coisas que os alunos que se formaram! Eu não fui pra escola por que é longe, quando chove a carroça não vence o barro, e muitas vezes o pai não tinha ajudante pra fazer a colheita!

— Sei, sei, mas que história é essa de estudar aos domingos?

Tentando manter a calma, Fabinho arrancou uma espiga de milho, jogou no saco e explicou:

— O pai construiu uma casinha lá pros fundos! Ele comprou uma lousa, giz, livros, cadernos, e todos os domingos nóis estuda! Não pense que é brincadeira, eu me dedico e estudo das oito da manhã inté seis da tarde, só paro um tiquinho pro almoço!

Gilberto questionou entre risos debochados:

— É mesmo? E o que vocês estudam?

Fabinho apontou perguntando:

— Tá vendo aquele moinho? Do lado tem uma ferraria, ocê tá vendo?

— Sim, estou vendo!

— Foi nóis quem fez! Toda engenharia da ferraria e do moinho é nossa! E tem mais! Nóis estuda agronomia, zootecnia, geografia, botânica e sabe exatamente como plantar e colher sem desperdiçar insumo!

Perplexo com a resposta, Gilberto desafiou:

— Mas duvido que você saiba as Leis de Newton!

— Eu sei sim! Sei as Leis de Newton e de Kepler!

— O que? Leis de Kepler? Quem é esse?

Fabinho balançou a cabeça negativamente e explicou:

— Johannes Kepler foi um astrônomo e matemático, que provou o movimento elíptico dos planetas ao redor do sol! É primo, pelo jeito é ocê que não estuda!

Abismado e ofendido, mais uma vez Gilberto desafiou:

— Então fale as Leis de Newton! Eu quero ver! Du-vi-de-o-dó que você sabe!

Irritado com as provocações, Fabinho olhou de canto, arrancou mais uma espiga de milho, atirou sobre Gilberto e exclamou:

— Essa é a primeira Lei: Ela fala que todo corpo continua em repouso até que uma força aja sobre ele!

Quando Gilberto desviou, Fabinho arrancou outra espiga, atirou com mais força e gritou:

— Essa é a segunda Lei! Ela diz que: A aceleração produzida sobre um corpo é proporcional a força aplicada sobre ele e inversamente proporcional a sua massa!

Ao sentir a espira ricochetear nas costas, Gilberto gritou:

— Ai, ai, ai! Pô, bicho! Pare com isso!

Pela terceira vez Fabinho arrancou a espiga, lançou sobre a cabeça de Gilberto e disse:

— A terceira Lei fala que: Para toda ação há sempre uma reação oposta de igual grandeza! Agora tome na cabeça, a sua arrogância foi a ação, essa bordoada é a reação!

Gilberto esfregou a cabeça dolorida e reclamou:

— Pô bicho! Você pirou? Quer me matar?

— Não, primo! Agora vou te mostrar uma das Leis de Kepler, é a minha preferida!

Fabinho puxou a boleadeira do bolso traseiro, pegou uma pedra e interrogou desafiadoramente:

— Quer que eu te mostre?

Gilberto arregalou os olhos, deu um passo para trás e apelou:

— Não, não! Eu já entendi! Desculpe!

Fabinho guardou a boleadeira e aconselhou:

— Comece a ser mais humilde, aqui ninguém é burro! Nóis leva uma vida simples, mas não somos ignorantes!

Assustado com as demonstrações de Fabinho, Gilberto falou:

— Mas vocês falam errado, comem como animais e parecem jecas!

— Nóis falamos assim porque gostamos! Por aqui todo mundo fala desse jeito! O que ocê quer? Que nóis fale bunito só pra parecer diferente e melhor?

Nóis come com liberdade e sem frescura, mas a comida é limpinha e saudável, muito diferente daquela porcaria que ocê come na cidade! Nóis pode inté parecer jeca, mas sabemos que é feio humilhar os outros! É ocê que não sabe das coisas, primo!

Gilberto estufou o peito e retrucou:

— De que adianta saber todas essas coisas? Você não foi para a escola e nunca terá um diploma!

— Diploma pra quê? Pra colocá no curral? Eu amo esse lugar e vou morrer aqui, não vou viver na cidade e entre pessoas que precisam se mostrar! As coisas que eu estudo me ajudam na fazenda e deixam a nossa vida mais fácil!

Não preciso de diploma, só quero levar a vida em paz, cuidar da terra, da lavoura, dos bichos, um dia me casar, ter filhos e envelhecer com alegria!

— Credo! Que vidinha medíocre!

— Vida medíocre é o que ocês vivem na cidade! Óia pra ocê, mal consegue levantar uma enxada! Não tem força pra nada, reclama de tudo, parece triste e infeliz! Não entendo esse povo da cidade, eles se matam de trabalhar pra comer comida de isopor, pra pagar água poluída, respirar gás dos escapamentos, viver sem tempo pra nada, se vestir com roupas apertadas e ainda pensam que são melhores que o povo do interior!

Gilberto rebateu:

— Nós apreciamos o conforto e pagamos por isso!

Fabinho fechou o saco, olhou detidamente, refletiu por alguns segundos e falou com surpreendente exatidão:

— Vocês vivem no conforto, mas a comida que colocam no prato sai das mãos do lavrador! Aqueles que vocês ridicularizam e chamam de jecas, trabalham arduamente para ganhar o sustento e alimentar a grande massa! Gilberto, além de estudar, eu leio muito e também posso falar bonito. É fácil usar gírias ou palavras rebuscadas, o difícil é ser autêntico, humilde, bondoso e caridoso com pessoas arrogantes como você! Se quiser, eu continuo falando formalmente, mas pra quê? Pra mostrar que sou melhor? Isso não me leva a lugar algum! Só fará com que as pessoas à minha volta se sintam diminuídas e inferiores! Eu quero que elas se sintam felizes ao meu lado! Portanto, uso o vocabulário adequado ao meio que vivo! O povo da cidade aprendeu a viver de aparências e pagam um alto valor, isso não existe por aqui!

De boca aberta e queixo caído, Gilberto se calou em busca de bons argumentos e rebateu:

— Somos pessoas civilizadas! Não vivemos para se exibir!

— Vocês são civilizados? Tem certeza? As grandes cidades são responsáveis pelo aumento da poluição! O consumo excessivo e o descarte desordenado enchem os rios de lixo! Para ter o conforto que tanto valorizam, vocês compram carros que poluem o ar, cortam árvores para construir móveis que logo são substituídos, desmatam para levantar prédios e grandes condomínios! Enquanto isso, as nascentes se perdem, os animais entram em extinção e a Terra sofre! Vocês só pensam em trabalhar e consumir como gafanhotos! Nunca tem momentos em família, não param pra olhar o céu, admirar a lua, se encantar com o verde de uma árvore e reconhecer a grandeza da vida! Para mim isso não é civilidade, é ignorância! Quem não sabe o que faz é burro, portanto, não pode ser civilizado!

Perplexo diante do discurso, Gilberto vasculhou os pensamentos em busca de um bom pretexto, mas logo notou que o melhor era admitir a derrota.

Quando Gilberto abaixou a cabeça, Fabinho arremessou um saco e pediu:

— Coloca o mío no saco! Chega dessa conversa! Eita trem danado, sô!

Gilberto atendeu ao pedido, se calou por alguns minutos e falou:

— Ainda não entendo como vocês conseguem gostar dessa vida! Olhe para as suas mãos, são cheias de calos! Eu admito que sou delicado e não tenho a mesma força, mas tenho requinte!

Fabinho suspirou mostrando aborrecimento e respondeu:

— Você não sabe reconhecer a hora de se calar, não é mesmo? Quer saber a verdade? Você é entojado! É um almofadinha arrogante, sem noção, mal agradecido e fraco! Às vezes aparecem uns almofadinhas da cidade por aqui, e sabe o que eles fazem?

— O quê?

— Eles zombam dos jecas! O povo do interior é rústico, mas não diminui os outros! Quando vamos para a cidade grande não ficamos apontando e tirando sarro! Nós respeitamos as escolhas de vocês! Cada pessoa faz o que acha certo! Eu e a minha família escolhemos viver na roça! Aqui temos tudo! Minha mão está cheia de calos, mas isso é porque trabalho muito! Não nego que por aqui o trabalho é duro, mas tem muitas recompensas, nós não temos preocupações com trânsito, comida de isopor, água poluída e ar contaminado!

Gilberto desviou o olhar e murmurou:

— Você tem razão.

— Espere, ainda não terminei! Nós, os jecas, não temos que gastar o dinheiro suado para comprar roupa da moda, andar todo pomposo, se endividar para ter um carro e se preocupar com aparências! Simplicidade não significa ignorância! Muita gente não sabe ler e nem assinar o nome, mas tem respeito com o próximo, sabe o valor do trabalho e a importância da vida!

— É… Acho que é melhor eu ficar quieto! Pode falar do seu jeito, não vou mais rir.

Fabinho sorriu mostrando alegria e disse:

— Então tá bão! O importante é ser feliz, né?

Gilberto balançou a cabeça concordando e disse:

— Meu pai sempre falou bem dos jecas! Nunca entendi porque ele decidiu ficar na cidade.

Fabinho olhou fixamente e disse:

— Teu pai era igualzinho a ocê! Não sei o que ele te contou, mas ieu conheço a história!

Gilberto perguntou com interesse:

— O que aconteceu?

— O pai sabe contar melhor, até onde eu sei, o tio Gilmar saiu daqui falando que nunca mais ia voltar! Que não ia passar a vida entre os jecas, e queria ser doutor! Nosso avô deu dinheiro e liberdade para ele ir embora e fazer o que queria!

— Não é exatamente isso que ele falava em casa!

— E por acaso ele ia admitir que foi tão arrogante quanto ocê? Meu pai ficou muito triste, mas respeitou e tocou a fazenda, é por isso que eles quase não se falam! Inté achei estranho ele te mandar pra cá! Ainda não entendi.

Confuso com a revelação, Gilberto murmurou:

— Também não entendi! Na verdade, não estou entendendo nada!

Ouvindo de longe a conversa, Fortunato se aproximou perguntando:

— Tá tudo bem por aqui?

Fabinho respondeu com a costumeira alegria:

— Tudo bão, pai! Uai, ocê já terminou o roçado?

— Já terminei! Vamos almoçar?

— Vamos, sim senhor! Tô com a barriga vazia!

Ao encontrar mais uma mesa farta, Gilberto lembrou-se do discurso de Fabinho e comparou a vida simples do interior com os hábitos da capital. Recordando-se dos raros momentos em família, da rotina agitada, dos intermináveis lanches rápidos, dos pratos prontos, do trânsito e da arrogância dos colegas, ele observou a simplicidade de Fabinho, Palmira e Fortunato, e intimamente sentiu-se envergonhado.

Depois de vários minutos de silêncio e reflexão, ele levantou a cabeça, olhou novamente para os pratos saborosos que exalavam o cheiro convidativo, sentiu a boca se encher de água, inclinou-se sobre a mesa, pegou uma grande coxa de frango e mordeu com vontade.

Sentindo o prazer da liberdade, Gilberto sorriu com indescritível satisfação e exclamou:

— Que delícia! Tia, a sua comida é a mais gostosa do mundo!

Palmira abriu um largo sorriso, prontamente entregou a bacia de aipim frito e ofereceu:

— Experimenta a mandioca! Eu fiz na banha! Ocê quer uns torresminhos?

— Quero tudo! Quero tudo!

Fortunato olhou de canto, deu um sorriso faceiro e concluiu que em pouco tempo Gilberto esqueceria a vida na capital e se tornaria mais um jeca feliz.

Algumas semanas depois, Fabinho ouviu o galo cantar, sentou-se esticando os braços e chamou:

— Primo! Vamos levantar, é dia de estudo! O pai já deve tá na cozinha!

Gilberto sentou-se esfregando os olhos e perguntou:

— Tão cedo assim? Poxa vida, até nos domingos vocês acordam com as galinhas!

— Sim, tem que aproveitar o dia! Hoje vou te mostrar a sala de estudo.

— Até que enfim! Há dias você promete me levar nessa sala! Estou curioso. Faz quase um mês que cheguei e ainda não vi você estudando!

— Ieu tava esperando o momento ideal! Esqueceu que passei os últimos domingos fazendo companhia pra ocê? Mas agora chegou a hora de ocê conhecer o nosso cantinho de estudo! Vamos, vamos, ocê vai gostar! A mãe já deve ter servido à mesa, às vezes ela também participa da aula.

— Até a tia Palmira estuda?

— Às vezes, a mãe não gosta muito das coisas que nóis estudamos, mas ela aprendeu a ler e escrever pra entender as receitas dos livros!

Ansioso para conhecer a sala de estudos, Gilberto comeu apressadamente e pediu:

— Vamos primo? Quero ver logo, ainda não acredito muito nessa história!

Fortunato instruiu:

— Fabinho, vai na frente com o Giba, daqui a pouco eu vou, preciso pegar uns livros novos que comprei.

— Tá bão, pai! Nóis vai indo! A mãe não vai?

Palmira respondeu:

— Hoje não, fío! Pretendo fazer outra coisa! Depois teu pai fala pra ocês!

Fabinho acompanhou Gilberto até o pequeno barracão há alguns metros da casa, abriu a porta e disse com satisfação:

— É aqui que nóis estuda!

Gilberto olhou com surpresa a sala de aula com lousa, carteiras de estudo, prateleiras de livros, uma mesa comprida para o professor e perguntou:

— Quem dá aula?

— Ninguém, ieu e o pai estudamos juntos! As veiz vem os fío dos vizinhos pra estudar também, daí o pai ensina!

— O tio sabe ensinar?

— Saaabe! O pai estudou a vida inteira, desde menino ele estuda livro de engenharia! Ele ensina as crianças a fazer as contas de matemática!

Admirado com a autonomia, Gilberto deu alguns passos pela sala e pensou:

— Isso é muito legal! Não tem professor falando durante horas seguidas e cobrando trabalhos, nada de colegas fazendo bagunça e piadas, e eu posso estudar aquilo que eu gosto!

Fortunato entrou na sala e perguntou:

— Gostou, Giba?

— Gostei muito! É a coisa mais legal que já vi por aqui!

— Você ainda não viu nada! Escreva o que estou dizendo, daqui alguns meses você não vai querer ir embora!

Gilberto hesitou por alguns segundos e respondeu:

— Não sei, tio! Ainda acho que esse não é o meu lugar!

Fortunato guardou os livros na estante e explicou:

— Fábio, eu comprei os livros que você pediu, depois você mostra tudo para o seu primo! Hoje não teremos aula!

— Uai, nóis não vamos estudar?

Fortunato sorriu com alegria e disse:

— Hoje vamos pro arrasta pé! Tem bailão e a Palmira quer sair um pouco!

— Nóis vai pro bailão?

— Vamos! Pode trocar de roupa, a sua mãe já está se arrumando! Tem churrascada no barracão da igrejinha e de tarde começa o baile! Vamos almoçar por lá e aproveitar o dia!

Prontamente Fabinho puxou Gilberto pela mão e pediu com ansiedade:

— Vamos primo! Vamos! Eita que hoje nóis dá uns beijinho nas meninas!

Fortunato preveniu com energia:

— Fabinho, não abuse das mocinhas, seja respeitador! Não quero problema!

— Pode deixar, pai! Prometo ser respeitador!

Evidenciando uma alegria contagiante, Fabinho correu para o quarto, escolheu a melhor roupa e disse:

— Vou tomar banho! Escolha uma roupa bem bunita pra ocê! Nóis tem que ficar apresentável!

Gilberto revirou a mala, escolheu uma bela calça cinza, camisa branca, jaqueta combinando, sapatos brilhantes e se vestiu.

Meia hora depois Fabinho entrou no quarto, parou de pronto e perguntou com assombro:

— Por que ocê tá com roupa de casamento?

Gilberto correu os olhos sobre Fabinho, em breves segundos reparou a camisa xadrez esverdeada, a calça jeans preta, o grosso cinto de couro com uma fivela dourada combinando com as botas pretas lustradas e respondeu:

— Nós não vamos para uma festa?

— Vamos, mas não é festa de casamento!

— Não tenho outra roupa! É assim que nos vestimos para as festas na cidade!

Fabinho revirou o baú e disse:

— Pera! Nóis vai dar um jeito nisso! Vou emprestar uma roupa pra ocê! Não se preocupe, essa não tem furo na bunda e não tá amassada! Eu guardei direitinho no fundo do baú!

Fortunato entrou perguntando:

— Vocês estão prontos?

Ao se deparar com Gilberto, Fortunato estalou os olhos e perguntou com espanto:

— Quem morreu? Por que o Giba tá com roupa de velório?

Fabinho respondeu entre gargalhadas:

— Não é roupa de velório, pai! É de casamento!

— De casamento? E quem vai se casar?

Gilberto deixou o corpo cair na cama e murmurou com desânimo:

— É uma roupa elegante! Não é de velório e nem de casamento!

Fortunato afirmou:

— Pra mim é tudo igual! Pelo amor de Deus! Fabinho, ache uma roupa decente para esse menino! Depois vá até a sala dos chapéus e escolha algo bem bonito pra ele colocar na cabeça! E se apressem, a Palmira já está pronta!

Fabinho entregou uma pilha de roupas e disse com satisfação:

— Com essa roupa você vai ficar bunito! Acho que vai ficar um pouco folgado, ocê é menor que eu, mas nóis dá um jeito! Se veste rápido!

Rapidamente Gilberto vestiu a camisa xadrez com tons vermelhos, a calça marrom, colocou o cinto, calçou as botas e perguntou com insegurança:

— Como eu estou?

— Uai sô! Inté parece outro homi! Dá uma olhada no espelho!

Gilberto olhou-se, sorriu com alegria, alisou a camisa, lustrou a fivela do cinto e disse com satisfação:

— Estou me sentindo um cowboy!

— Ainda falta o chapéu! Vamos, eu vou te mostrar uma coisa!

Fabinho levou Gilberto até um cômodo no fundo do corredor, abriu a porta e falou:

— Aqui é a sala dos chapéus! Ocê pode escolher o que quiser!

Impressionado com as peças penduradas na parede, Gilberto deu alguns passos lentos e perguntou:

— Como vocês conseguiram tantos chapéus diferentes?

— O pai compra quando viaja! Ele gosta de colecionar! Tem chapéu de todo tipo! De palha, de veludo, de couro brilhante, de camurça! Dá pra escolher a vontade!

Olhando de boca aberta, Gilberto admirou o belo chapéu de couro marrom e apontou perguntando:

— Será que posso pegar aquele?

— Aquele marrom? Claro que pode! É bunito, né primo! Chapéu de boiadeiro!

Fabinho entregou o chapéu e pediu:

— Se olhe no espelho!

Gilberto olhou o próprio reflexo, pela primeira vez na vida sentiu-se um homem de verdade, conteve a emoção e afirmou:

— Ficou ótimo! Agora pareço um cowboy de verdade!

— Então vamos!

Pouco depois Fortunato parou na varanda e chamou:

— Vamos embora, meu povo! Tá na hora!

Mostrando o belo vestido floreado, um delicado par de sandálias brancas, os cabelos cuidadosamente alinhados em um coque, um discreto batom rosado sobre os lábios, e o sorriso iluminado pela felicidade, Palmira pendurou a delicada bolsa no braço, estendeu um xale de crochê sobre a mão afetada pela artrite e disse:

— Vamos embora! Ieu tô pronta!

Fortunato olhou com carinho e afirmou:

— Eita que ocê tá bunita!

Palmira desviou o olhar e abaixou a cabeça tentando esconder o sorriso acanhado e perguntou:

— E os meninos?

Fortunato chamou alto:

— Vamos embora, mas que demora! É hoje que nóis aproveita a vida!

Gilberto correu até a porta, estufou o peito exibindo a roupa e perguntou:

— Onde está a charrete?

Palmira explicou:

— Nóis vai andando, não fica longe! É dia de passear, nóis aproveita pra olhar as árvores bunitas que tem pela estrada!

Fortunato completou:

— Até pra se divertir nóis faz um tiquinho de sacrifício! Mas vale a pena, deixa a charrete em casa, os cavalos merecem descansar!

Gilberto deu de ombros e concordou:

— Então tá, bom!

Fabinho se apresentou com um sorriso contagiante e perguntou:

— Como é que eu tô, mãe?

Palmira admirou os olhos esverdeados envoltos por longos cílios negros com a mesma cor do cabelo, acariciou o rosto de pele morena, se encantou com o sorriso largo que mostrava os dentes brinquinhos e bem alinhados e falou com carinho:

— Ocê tá lindo! Você e o Giba são dois rapazinhos muito bonitos! As mocinhas vão se apaixonar!

Envolvido pelo entusiasmo da família, Gilberto esqueceu-se das estradas pedregosas, da poeira que levantava toda vez que uma carroça passava, do cheiro de mato que geralmente desagradava o olfato, e se entregou ao passeio.

Horas mais tarde, depois do churrasco entre os moradores da colônia e animadas partidas de bocha, o baile começou e rapidamente os jovens cercaram o salão para assistir a dança dos casais.

Admirado com os rodopios e a animação do povo que batia palmas e acompanhava o ritmo, Gilberto correu os olhos pelo barracão de madeira com vigas rústicas, e vistosas janelas por onde se via a mata verde, observou o chão de tábuas largas bem enceradas, os violeiros empolgados, e ao avistar a bela moça de vestido azul florido, com longas tranças ruivas caídas sobre os ombros, ele sentiu o calafrio descer pela coluna e o coração saltar descompassadamente.

Percebendo o olhar estático, Fabinho o cutucou e disse entre risadas:

— Ela é bunita, né primo!

— Hã? O que? Quem?

— Não se faça de besta! Tô vendo ocê com o zóio grudado na Astromélia!

— Astromélia? Esse é o nome dela?

— É primo! É nome de flor! Ocê não sabe?

— Poxa vida! Não tinha um nome mais fácil?

— Vai lá primo!

— Eu não!

— Quer que eu fale com ela?

Profundamente encabulado, Gilberto apelou:

— Pare com isso! Ela está percebendo sua falta de discrição!

— Agora é tarde! Ela já viu e tá vindo!

Com um sorriso inocente e ao mesmo tempo malicioso, Astromélia aproximou-se perguntando:

— Quem é esse, Fabinho?

— É meu primo Giba! Ela é da capitar e tá passando uns tempos com nóis!

Ao terminar a explicação, Fabinho se afastou sorrateiramente, olhou para trás sorrindo e acenou desejando boa sorte.

Trêmulo, com as mãos geladas, falta de ar e um frio assustador na boca do estômago, Gilberto ofereceu:

— Você aceita um drink?

— Drink? O que é isso?

— Uma bebida, você quer uma bebida?

— Ieu quero uma gasosa e framboesa!

Gilberto abaixou a cabeça, limpou a testa suada e pensou:

— Meu Deus! Eu me apaixonei por uma jequinha! Não pode ser! Estou perdido!

Ao levantar a cabeça e mirar os olhos esverdeados, as bochechas pintadas por suaves sardas, a boca vermelha mostrando o sorriso inocente, Gilberto suspirou e conclui para si mesmo:

— É a jequinha mais linda que eu já vi! Sim, eu estou perdidamente apaixonado por uma jeca!

Mostrando a educação refinada, Gilberto ofereceu o braço e saiu caminhando com o peito estufado, a cabeça erguida e o coração tomado pela felicidade.

Entre as músicas sertanejas, os copos de gasosa, as brincadeiras animadas e o incentivo de Fabinho, Gilberto cedeu aos apelos de Astromélia, se aventurou na pista de dança, aproveitou o momento de alegria, e o prazer da tarde que marcaria para sempre a memória do jovem apaixonado.

Horas mais tarde, a família retornava para casa e caminhava lentamente pela estrada tranquila, quando Fabinho comentou com um sorriso maroto:

— O Giba tá apaixonado!

Palmira disse:

— Ieu vi, ele ficou a tarde toda com a Astromélia!

Fortunato perguntou:

— Quem é Astromélia?

Palmira explicou:

— É a fía do Bartô, aquela moça de cabelinho ruivo, zóio verde grandão e pintinha na cara!

— Ah, a fía do Bartô! A moça é bunita! É uma família boa, de gente trabalhadora!

Percebendo a dispersão e o semblante apaixonado de Gilberto, Fortunato pensou:

— Agora o Gilmar perdeu de vez o fío! Quem sabe assim ele aprende alguma coisa!

Compartilhando a alegria de Fabinho e Palmira, que se divertiam com o constrangimento de Gilberto, Fortunato perguntou:

— Você gostou da menina?

Tentando ocultar a paixão que se manifestava nos olhos brilhantes e no sorriso fácil, Gilberto respondeu:

— Ela é bonita!

— Então quer dizer que você tá enrabichado!

— Não, tio! O que é isso? Não posso me envolver com as moças daqui, em breve voltarei para casa.

— Será que volta mesmo? Tem certeza, Giba?

Mais uma vez Gilberto hesitou para responder, em segundos comparou a diferença entre a vida na capital e no interior, e falou com insegurança:

— Sim, tio! Tenho certeza, aqui não é o meu lugar!

— Então tá certo! Vamos esperar pra ver!

Sentindo o suave perfume de Astromélia nas mãos, Gilberto olhou para o céu, admirou as nuvens com belos fios dourados que escondiam o sol poente, suspirou e se deixou levar pelas doces lembranças.

O MOMENTO
DA DECISÃO

CAPÍTULO IV

O MOMENTO DA DECISÃO

No dia seguinte, quando Fortunato bateu a frigideira, Gilberto saltou da cama, sacudiu Fabinho e chamou com urgência:

— Vamos primo!

— Eita trem! Ocê caiu da cama?

— Não! Mas quero trabalhar!

— Ocê quer trabalhar? Primo, tá tudo bem?

— Está tudo ótimo! Vamos, hoje eu vou ajudar a carpir aquele terreno que está tomado de capim! O tio disse que faz tempo que deveria ter limpado aquilo!

Fabinho sentou-se e perguntou com assombro:

— Ocê quer capinar?

— Sim! Sim, vamos logo! Você vai me ensinar a usar a foice, quero aprender a roçar!

— Eita trem danado sô! Que bicho te mordeu?

— Nenhum bicho me mordeu, mas está na hora de abraçar de vez o trabalho!

Motivado pela energia da paixão, que queima como labaredas no coração juvenil, Gilberto se entregou ao trabalho duro, ordenhou as vacas, roçou, carpiu, colheu, carregou sacos, ajudou na limpeza da estrebaria, no moinho e após um dia exaustivo, parou na frente do espelho, apertou o braço, mediu o músculo e pensou:

— Acho que mais um ou dois meses e já fico com o braço forte igual do Fabinho!

Ao entrar no quarto e surpreender Gilberto apertando o músculo, Fabinho gargalhou divertidamente e falou:

— Agora eu entendi porque ocê quer bater enxada! Tá querendo ficar forte pra Astromélia!

Gilberto desceu a manga da camiseta, disfarçou a vergonha e respondeu:

— Não seja bobo! Eu estava apenas olhando!

— Primo! Não adianta mentir! Ocê tá apaixonado! Eu vi ocê suspirando, olhando pro céu e rindo à toa! Isso é coisa de gente enrabichada!

Fabinho fechou a porta do quarto, olhou para os lados e segredou:

— Eu também tô apaixonado!

— Está? Por quem?

— Pela Lindaura! Prima da Astromélia, nóis inté já demos uns beijinhos!

— Aquela de cabelo preto e olhos azuis?

— Essa mesmo! Ela é bunita, né primo?

— É linda, mas a Astromélia é mais bonita! Aquele cabelo ruivo é tão cheiroso!

— Eita trem! Tô achando que nóis vai casar junto! Já pensou, primo? O pai vai fazer uma festança daquelas!

— Está louco Fabinho? Somos muito jovens para pensar em casamento! E não esqueça que em breve eu volto para casa!

— Ocê não vai voltar, primo! Sinto muito, mas teu lugar não é na cidade, é aqui com nóis!

Gilberto olhou de canto, enrugou a testa e perguntou:

— Como você tem tanta certeza?

— Não sei, eu sinto no coração! Nóis é igual irmão e eu gosto muito de ocê!

Emocionado com a declaração espontânea e sincera, Gilberto sorriu timidamente e sugeriu:

— Vamos dormir, amanhã temos que levantar cedo. O tio Fortunato falou que está querendo plantar café!

— É verdade, o pai anda cheio de planos! Nóis tem bastante terra boa pra plantio, só precisa se organizar e expandir os negócios!

Completamente envolvido com o trabalho, os estudos e os encontros semanais com Astromélia, no decorrer dos meses Gilberto mudou a maneira de ver e sentir a vida. Cada vez mais encantado com a simplicidade dos colonos, o prazer das fogueiras conduzidas pelas modas de viola, e os momentos de lazer em família, o tempo de um ano se transformou em um breve momento.

Um ano depois, Fortunato sentou-se para o jantar, olhou demoradamente para Gilberto e perguntou com seriedade:

— Giba, você ligou para o seu pai?

Gilberto empalideceu, abaixou a cabeça e respondeu:

— Ainda não, tio, mas vou ligar amanhã.

— Garoto, faz um mês que você está dando a mesma desculpa! Não posso permitir que continue arrastando essa decisão! Você já sabe o que quer para o seu futuro? Decidiu se fica ou volta pra a capital?

Gilberto suspirou profundamente e respondeu:

— Eu já decidi, não quero voltar para casa, meu lugar é aqui!

Fabinho exclamou:

— Eu disse! Eu disse! Tá vendo primo!

Palmira falou:

— Gibinha, ocê é bem vindo na nossa casa, nóis gosta muito de ocê!

Fortunato coçou a barba mostrando preocupação e aconselhou:

— Ocê é bem vindo e muito amado em nossa casa, mas se quiser ficar, tem que ligar para o Gilmar! Eu sei que você está com medo de enfrentar o seu pai, mas não pode passar a vida fugindo! Daqui a pouco começa o ano letivo nas escolas da capital, o Gilmar deve estar esperando!

— Eu sei, tio, mas ele não vai querer que eu fique!

— Então você tem que enfrentar o seu pai e lutar para conquistar liberdade! A vida é sua e ninguém tem o direito de interferir em suas

escolhas!

Fabinho afirmou com convicção:

— É isso mesmo, primo! O pai tem razão, a vida é nossa! Mas tem que ter coragem pra enfrentar as dificuldades!

Gilberto estremeceu ao imaginar os berros de Gilmar e disse com receio:

— Meu pai vai virar uma fera! Já posso até ouvir os berros e as ameaças!

Fortunato exclamou com energia:

— Deixe de ser frouxo! Amanhã vou te levar até a cidade! Vamos na venda do Nhô Abílio, ele deixa fazer ligação e nóis paga pra ajudar com os gastos.

— Tá bom, tio!

— Sem falta, Giba! Sem falta! Você tem que enfrentar a situação! Quer um conselho? Nem fale para o Gilmar que você tá enrabichado, é melhor que ele nem saiba por enquanto.

— E o que eu falo se ele perguntar por que eu quero ficar?

— Fale a verdade! Por que você quer ficar?

Gilberto calou-se, olhou para baixo, conteve o ímpeto de chorar e confessou:

— Aqui eu aprendi o valor da família e do trabalho! Na nossa casa raramente fazemos refeições juntos, meus pais estão sempre ocupados, a comida é requentada ou congelada e sempre comemos correndo! Na escola os alunos são sarcásticos, os professores pouco se importam se entendemos a lição, e a vida em sociedade é muito chata! Aqui eu posso estudar o que gosto, as pessoas me dão atenção, eu tenho a companhia de vocês e me sinto feliz.

Fortunato sorriu com satisfação e disse:

— Então fale isso pro seu pai! Não seja medroso!

Lutando contra o tremor, que se manifestava só de imaginar a reação de Gilmar, Gilberto se calou e fez o possível para aproveitar o jantar.

No dia seguinte, após uma viagem silenciosa e cheia de apreensão, Fortunato parou na frente da venda, saltou da charrete e falou:

— Vamos lá, Giba! Chegou a hora!

Gilberto se contorceu, olhou para os lados, balançou a cabeça concordando e acompanhou Fortunato.

Depois da conversa animada com nhô Abílio, Fortunato discou os números, entregou o aparelho para Gilberto e encorajou:

— Força e coragem! Não fique de muita enrolação, vá direto ao assunto e fale de uma vez!

Ao ouvir a voz do outro lado da linha, Gilberto encostou o fone na orelha e disse:

— Papai, sou eu, o Gilberto!

— Gilberto! Você está em casa?

— Não, pai! Ainda estou em Varzelândia.

— Então compre passagem e volte amanhã, as aulas estão prestes a começar!

Gilberto olhou para Fortunato, que o encarava com os braços cruzados e semblante sério, e gaguejou:

— Sa-sa-sabe o que é… Eu não quero voltar para casa.

Ignorando as palavras do filho, Gilmar prosseguiu:

— Compre a passagem e me diga que horas você vai desembarcar na cidade, eu mando alguém te buscar!

Gilberto falou com voz baixa e sufocada pelo medo:

— Pai, eu quero ficar aqui!

— Você deveria ter me ligado, passou um ano sem dar notícias! O Fortunato me ligou duas vezes para dizer que estava tudo bem, mas você sumiu!

Percebendo o olhar reprovador de Fortunato, Gilberto falou com um pouco mais de coragem:

— Papai, o senhor não está me ouvindo, eu disse que não quero voltar!

Gilmar emudeceu por alguns segundos e gritou:

— Você enlouqueceu? O que vai fazer nesse fim de mundo? E seus estudos?

— E-e-eu vou estudar na fazenda do tio, ele tem uma sala de aula!

— Não tenho tempo para discussões! Amanhã mesmo você volta para casa!

Gilberto abaixou a cabeça e murmurou:

— Está bem, papai! Eu volto!

Prontamente Fortunato deu-lhe um leve peteleco na nuca e sussurrou com irritação:

— Coragem! Não seja frouxo!

Gilberto se encolheu, alisou a nuca e resmungou com ainda mais receio:

— Sabe o que é...E-e-eu quero ficar com o tio e o primo! Aqui eu tenho companhia, em casa eu fico muito tempo sozinho e isso me entristece!

— Suas aulas começam na próxima semana! Quero que esteja pronto! Volte amanhã e o assunto está acabado!

— Está bom, pai, eu volto! Mas será que posso ficar até o começo da semana que vem?

— Por quê? Você andou arrumando algum rabo de saia? Está namorando uma caipirinha?

— Nã-nã-não! Mas eu queria ficar um pouco mais! Por favor, pai, por favor!

— Não! Trate de comprar passagens para amanhã! Quero que esteja em casa o quanto antes!

— Está bem, eu vou comprar passagens para amanhã.

Irritado com o notável medo de Gilberto, Fortunato puxou o fone e falou com energia:

— Ele não vai voltar! Se o Giba quiser ficar, ele vai ficar!

Gilmar retrucou:

— Ele é meu filho, eu dou as ordens!

— Ele é seu filho, mas está sob os meus cuidados! O Giba já é bem grandinho para escolher o que quer da vida! Você não tem direito de interferir nas escolhas dele!

— Então quer dizer que você fez a cabeça do meu filho?

— Não fiz nada! Eu tratei o Giba com todo amor, carinho, escutei as bobagens sobre o iê-iê-iê e ensinei a importância do trabalho! Ele que decidiu ficar!

— Eu mandei ele ficar por um ano, não o resto da vida!

— Pois é, mas ele gostou! Aqui não tem berro, tapa na cara, e ausência dos pais! Ele tem o mesmo que dou para o Fábio, mas em troca precisa trabalhar, estudar e se dedicar!

— Não me interessa! Fortunato, eu exijo que mande o Gilberto para casa!

— Não vou mandá-lo embora! Ele vai se quiser, e você nem tente aparecer aqui pra levar o menino à força! Escute bem Gilmar, quando você quis ir embora o pai permitiu e te ajudou! Ele nunca te proibiu de nada! Mesmo quando você mostrava desprezo pela família de jecas e falava com arrogância, o pai ficava quieto e aceitava as suas escolhas, agora faça o mesmo pelo seu filho!

— Então você está se vingando? É isso? Está usando o Gilberto para se vingar das coisas que eu fiz no passado?

— Não estou me vingando e nem usando o Giba! Nunca aceitei a maneira como você saiu de casa, mas respeitei o nosso pai!

Com o passar dos anos eu entendi que era seu direito ir embora, mas ainda acho errado o que você falou! O pai morreu feliz, mas sempre ficava triste quando lembrava as suas atitudes!

— Eu sei que cometi muitos erros, mas o Gilberto não tem nada haver com essa história!

— Eu também acho, mas ele gostou da vida da roça e quer ficar! Sinto muito por você! Suas escolhas o levaram para longe dos jecas, mas seu filho decidiu se tornar um caipira!

— Fortunato, você está me provocando?

— Não, Gilmar! Mas estou defendendo os direitos do seu filho! Se o Giba quer ficar, eu apoio! Se ele quiser ir, eu também apoio! Ele é livre! Trate de lembrar-se dos ensinamentos do nosso pai e venha visitar o seu filho! Passar bem! Tchau!

Sem dar chances de resposta, Fortunato desligou o telefone e perguntou com energia:

— Está vendo, rapaz? É assim que tem que ser!

Pálido, com os olhos estalados, as mãos geladas e gotículas de suor descendo pela fronte, Gilberto respondeu:

— Eu não consigo falar dessa maneira com meu pai, tenho medo!

— Tá bom! O assunto tá resolvido! Seu pai já foi informado, e agora vamos pra casa!

Fortunato estendeu a mão para Nhô Abílio e perguntou:

— Quanto eu devo pela ligação?

Abílio olhou o relógio, calculou os minutos de conversa e respondeu:

— Cinco contos, mas se quiser eu anoto!

Fortunato estendeu uma cédula sobre o balcão e respondeu:

— Não precisa anotar nada! Pode ficar com dez contos, o amigo merece!

Depois da tensa conversa, Gilmar colocou o telefone no gancho, encostou na cadeira, fechou os olhos e se lembrou com pesar das atitudes da juventude. Com o coração oprimido, ele recordou o sorriso do velho pai, as noites ao redor da fogueira, as brincadeiras com Fortunato e principalmente a paz, há tanto tempo perdida nos compromissos da vida agitada. Após longos minutos de tristeza, ele sufocou os sentimentos que o convidavam à reforma íntima, levantou a cabeça, retomou o trabalho e decidiu esquecer o filho, o irmão e a família de jecas.

Na propriedade de Fortunato, Gilberto e Fabinho iniciaram uma fase de muitos estudos, projetos inovadores e vários planos para o futuro ao lado de Astromélia e Lindaura.

Totalmente habituado à vida no campo, Gilberto deixou no passado a moda do iê-iê-iê, as gírias, as roupas extravagantes, e abraçou com prazer a riqueza incalculável que se escondia na simplicidade da vida pacata, nas expressões singelas da natureza e no trabalho feito com amor.

No decorrer de cinco anos, Fabinho e Gilberto trabalharam arduamente para alavancar a produção de café e garantir uma vida confortável às futuras esposas.

Ao passo que as plantações davam os primeiros frutos, os rapazes construíam as casas nos limites da propriedade, compravam os móveis, o enxoval, aguardavam com ansiedade o dia do casamento e o momento de núpcias.

Em outubro de 1970, a propriedade de Fortunato ganhou novas tonalidades. Diante da casa recém-pintada para o casamento, as roseiras previamente plantadas por Palmira, Astromélia e Lindaura, exalavam o perfume e recepcionavam os convidados.

Ao lado da casa, a tenda cuidadosamente decorada com flores variadas, mesas cobertas por toalhas de rendas peroladas, e os bancos de madeira diligentemente pintados de branco, compunham o ambiente que refletia a alegria dos jovens noivos.

A cerimônia, marcada pela emoção das noivas e o sorriso largo dos noivos, foi realizada na pequena igrejinha da colônia e reuniu todos os moradores da região. Entre as bênçãos do padre, as lágrimas de Astromélia e Lindaura,

e a comoção de Palmira e Fortunato, Fabinho e Gilberto se olhavam com a cumplicidade de dois irmãos, que dividem a felicidade e o acontecimento mais importante da vida.

Depois do ritual litúrgico, o povo seguiu para o momento mais esperado, a festa. Caminhando pela estrada empoeirada, o cortejo acompanhou a charrete enfeitada com laços e flores, onde os casais acenavam e sorriam com alegria.

Minutos depois a comitiva chegou à fazenda de Fortunato e a festança começou. Entre as mesas fartas e cheias de gostosuras, os garrafões de cachaça e vinho ganhavam destaque.

Ao passo que as noivas jogavam os buquês, no canto da tenda os cantores afinavam os instrumentos e se preparavam para a cantoria, que prometia atravessar a noite.

Entre as modas sertanejas, risos e alegria, os casais dançaram a valsa dos noivos, se apresentaram oficialmente como marido e mulher e receberam a saudação dos convidados empolgados.

Algumas horas depois, sob o céu coroado de estrelas e iluminado pela grande lua cheia, que parecia saudar os recém-casados, os jovens deram mais um passo rumo a nova etapa da vida. Embalados pelo coro dos grilos, pela moda de viola e pelo riso alegre dos convidados, Gilberto e Astromélia se afastaram discretamente, seguiram para casa e viveram o primeiro momento de intimidade, previamente tecido com os laços do verdadeiro amor.

No meio da madrugada, quando os últimos convidados se despediram, Fabinho cutucou o braço de Gilberto e perguntou entre risos marotos:

— Uai, ocê sumiu durante a festa! O que aconteceu com ocê a Astromélia?

Captando a malícia de Fabinho, Gilberto sorriu, deu de ombros e respondeu:

— Uai! Nós fomos para a nossa casinha! Agora estamos casados e não precisa esperar mais!

— É verdade, né primo! Nossa Senhora! Eu pensei que esse dia nunca ia chegar, mas que demora! Quer saber? Eu e a Lindaura também fugimos um tiquinho!

— Eu sei! Vi vocês saindo de fininho!

— Agora é vida nova! Nóis fizemos tudo do jeitinho que o pai ensinou, e respeitamos as moças inté o dia do casamento, mas agora quero aproveitar e namorar bastante!

Rindo da animação de Fabinho, Gilberto seguiu para a casa, entrou na ponta dos pés, viu Astromélia adormecida na cama, admirou o rosto delicado e

deu um suspiro típico dos apaixonados.

Alguns meses depois, Fabinho roçava o capim rente a cerca, quando viu o elegante veículo atravessar a porteira e seguir rumo a casa.

Rapidamente ele largou a foice, correu cortando caminho, saltou sobre o mata-burro, esticou o braço e gritou com valentia:

— Pode parar! Pode parar! Quem é ocê?

Gilmar freou bruscamente, desceu o vidro, colocou a cabeça para fora e interrogou:

— Fabinho?

— Uai sô! Ocê me conhece?

— Sou o seu tio Gilmar!

— Tio Gilmar? Eita, mas quanto tempo! Já que é da família pode entrar!

Gilmar desceu do carro, olhou para baixo, viu os sapatos brilhantes atolados na lama e perguntou com contida irritação:

— Seu pai está em casa?

— Tá na roça, eu já vou chamar ele pro senhor! Pode sentar na varanda, a mãe tá na casa da vizinha, mas já volto pra coar um café fresquinho!

Gilmar sentou-se na varanda, tirou o lenço do bolso, tentou remover o excesso de lama do sapato, mas ao sentir o barro lambuzar os dedos, resmungou com irritação:

— Porcaria! Odeio essas estradas lamacentas! Será que nunca vão pavimentar esse lugar?

Após jogar o lenço no canto, ele olhou detidamente para os lados, lembrou-se do falecido pai, da lamentável discussão que marcou a saída de casa e sentiu um nó na garganta. Recordando a última conversa com Gilberto e a discussão com Fortunato, ele se questionou sobre a atitude rígida e lamentou os anos longe do filho.

Ao passo que Gilmar refletia sobre as escolhas do passado, Fortunato se aproximou perguntando:

— Gilmar? É você mesmo?

Ao mirar Fortunato, Gilmar se levantou de pronto, se espantou com aparência envelhecida, ponderou as dificuldades do trabalho na lavoura, que normalmente maltratam o corpo, e respondeu:

— Sim, Fortunato! Sou eu! Há anos não vejo o meu filho, decidi fazer uma visita!

— Agora? Depois de tanto tempo? Nem pro casamento você veio! Nóis mandamos convite, mas nem a sua esposa apareceu!

— Nós estávamos viajando, quando recebemos o convite as passagens estavam compradas, infelizmente não foi possível adiar!

— Sei, sei, sei, você é muito ocupado!

Fortunato apontou a cadeira e convidou:

— Sente e fique a vontade, o Fabinho vai coar um café, né fio?

Fabinho, que assistia o reencontro em silêncio, balançou a cabeça e falou animadamente:

— Ié pai! Tô indo agora mesmo! Vou passar um café da nossa lavoura!

Gilmar perguntou:

— Você está plantando café?

— Sim, já faz alguns anos! A propriedade é grande, quero aproveitar o espaço e fazer valer tudo que o pai conquistou com tanto esforço.

Quando Fabinho se afastou, Fortunato explicou:

— Eu falo pro Gilberto te ligar todo mês! Inté levo ele na venda do Nhô Abílio, mas ele não quer ligar, eu não posso obrigar o garoto!

— Ultimamente ele quase não liga, acho que o Gilberto ficou muito magoado quando o enviei para esse fim de mundo!

— Ele não ficou magoado, mas aprendeu a dar valor a outras coisas! O Giba mudou muito, depois que ele se enrabichou com a galeguinha, aprendeu a ser homem de verdade!

— Eu nunca pensei que ele fosse ficar de vez nesse fim de mundo! A minha intenção era ensiná-lo a valorizar as nossas raízes!

Fortunato coçou a barba e perguntou friamente

— As raízes que você cortou? Você quer ensinar ao seu filho uma coisa que nunca fez?

— Eu não quero que ele cometa os mesmos erros que eu cometi na juventude!

— A vida é dele, Gilmar! Você errou muito, durante anos nos tratou com desprezo, todo dia reclamava da vida de jeca, e quando chegou na maioridade saiu daqui cuspindo no prato que comeu! Mesmo assim o pai não se meteu nas suas escolhas e permitiu que você aprendesse com os próprios erros!

Gilmar engoliu em seco e justificou:

— Eu era jovem e não tinha juízo, só pensava em conhecer o mundo, ganhar dinheiro e ficar rico.

— E você conseguiu?

— Sim, eu consegui! Sou um homem com uma carreira sólida, ganho muito bem, posso comprar tudo que quero, fazer viagens e usufruir os

frutos do meu trabalho.

— Então é isso que importa! Você fez uma escolha, decidiu deixar o interior e conquistar a sua independência na cidade grande!

Você chegou onde queria, mas poderia ter mantido a ligação com a nossa família, não precisava ter sumido! Seu filho mostra que tem uma índole melhor, por mais que demore, ele liga para te dar notícias.

Tentando disfarçar a impaciência, Gilmar pediu:

— Desculpe, eu admito que errei! Vou respeitar a escolha do Gilberto. No começo insisti para ele voltar, mas parece que você conseguiu fazer a cabeça do menino!

Fortunato respondeu com truculência:

— Eu não fiz a cabeça do Giba! Ele ficou porque quis! Mesmo quando ele falava aquelas bobagens sobre o iê-iê-iê, eu tinha paciência e dava bons conselhos!

Me fale Gilmar, o que você fazia com o menino? Dava tapa na cara e ameaçava? Ele me contou!

— Eu o educava! Queria que ele fosse um homem honrado!

— Um homem honrado? E por acaso o seu passado serve de exemplo? Você abandonou a nossa família, sempre desprezou a nossa terra e foi embora pra nunca mais voltar! Nos últimos trinta anos eu te vi meia dúzia de vezes!

Gilmar calou-se por alguns instantes e perguntou:

— Isso foi uma vingança? Você fez a cabeça do meu filho para se vingar?

— Eu confesso que no começo inté achei divertido dar o troco, mas tenho muito amor pelo Giba! Quero que ele e o Fábio sejam homens bons, honestos e trabalhadores!

Gilmar secou a testa e lamentou:

— O Gilberto nem sequer terminou os estudos!

— Ele estuda aqui! Você sabe que nóis gosta de estudar! O Giba aprendeu muita coisa e sabe mais que um engenheiro agrônomo!

Gilmar conteve o sorriso sarcástico e respondeu:

— Tá bom, tá bom! Você e essa mania de evasão escolar! Até parece que esse tipo de estudo serve para alguma coisa!

— Lá na capital não serve pra nada, mas aqui ajuda muito! Os meninos sabem tudo de engenharia e fazem coisas fantásticas!

Notando a aproximação de um rapaz com pele morena queimada de sol, Gilmar perguntou:

— Não me diga que aquela criatura esfarrapada com uma enxada nas costas é o meu filho?

Fortunato falou com admiração:

— É o Giba! Ele cresceu né? Tá forte!

Gilmar alisou o rosto e resmungou com perplexidade:

— Meu Deus do céu! Meu filho virou um jeca!

Alheio a inesperada visita, Gilberto aproximou-se perguntando:

— Eita tio, de quem é aquele carrão?

Fortunato respondeu entre risos:

— Fío, você não tá reconhecendo o teu pai?

Gilberto jogou a enxada, aproximou-se olhando com desconfiança e exclamou:

— Pai? Você tá diferente!

Gilmar abriu os braços e respondeu:

— Eu falo o mesmo! Você está irreconhecível!

Após o abraço, Gilmar segurou o filho pelos ombros, correu os olhos pela camiseta rasgada, pelas calças sujas de barro, as botas de borracha cobertas de terra. Reparou nas mãos calejadas, nas unhas sujas, no rosto queimado pelo sol e interrogou com tristeza:

— Precisava de tudo isso? Era mesmo necessário se jogar de cabeça nessa vida?

Gilberto abaixou a cabeça e explicou:

— Pai, eu não fiz para te magoar, mas aprendi a amar esse lugar, a terra e a vida na roça!

— Amar a terra e a vida na roça, ou o rabo de saia que você arrumou?

— A Astromélia não é o meu rabo de saia! Ela é a minha esposa e logo vamos ter um filho!

Gilmar deu um passo para trás, olhou para Fortunato e indagou:

— Filho? O Giba vai ser pai? Eu serei avô?

Fortunato gargalhou alto e divertidamente e respondeu:

— Uai sô, e qual o problema? Os meninos se casaram há quase um ano!

Gilberto falou:

— A Astromélia está grávida de dois meses, logo teremos nosso primeiro filho!

Gilmar falou alto e com indignação:

— Meu Deus, Gilberto! O que você fez da sua vida?

Fabinho correu até a porta e falou:

— O primo é muito apaixonado pela Astromélia! Eles se amam de verdade! Eu também amo muito a Lindaura! Aqui nóis tem tudo e é muito feliz!

Fortunato falou com seriedade:

— A Astromélia é uma boa moça, não se preocupe, eu conheço a família, eles são pessoas muito honestas e trabalhadoras! O Giba cresceu muito com esse relacionamento! Ele aprendeu a planejar o futuro, se dedicar ao trabalho e deixou de lado as criancices! Não é mesmo, fio?

— É sim, tio! Eu continuo tocando meu violão, ainda gosto do rock, mas minhas prioridades são outras. Quero cuidar bem da minha mulher e do meu filho, que logo chega por aqui!

Profundamente magoado, Gilmar falou com tristeza:

— Giba, ainda dá tempo de começar uma faculdade! Você pode voltar para casa! Se você quiser levar essa moça nós damos um jeito, mas considere a minha oferta!

— Pai, eu não quero voltar pra capital! Eu gosto daqui!

Gilmar esbravejou:

— E o que você vai fazer da vida? Como pretende sustentar uma mulher e filhos?

Pela primeira vez na vida, Gilberto levantou a cabeça e retrucou:

— Não sou mais aquele moleque que você deixou para fora de casa! Eu cresci e sou um homem! O tio Fortunato me deu um pedaço de terra, eu construí uma casa e jamais deixaria essa vida para trás!

Fortunato explicou:

— Gilmar, parte dessas terras são suas, é herança do pai! Eu vou passar para o nome do Giba, tudo isso aqui vai ficar para ele e pro Fabinho!

Gilmar sentou-se, soltou o nó da gravata e lamentou:

— Meu filho virou um jeca! Meu Deus, eu juro que não esperava isso!

Gilberto sentou-se ao lado do pai e disse com bondade:

— Pai, eu sou muito agradecido por ter me mandado pra cá! Aqui eu encontrei a felicidade verdadeira!

— Felicidade? Que felicidade? Olhe as suas mãos, estão cheias de calos, seu rosto está queimado do sol, você virou um bruto!

— O senhor não queria que eu me tornasse um homem? É isso que sou agora! Um homem de verdade e muito trabalhador!

— Você virou um ignorante! Abandonou os estudos e está até falando igual aos jecas!

— Eu abandonei a escola, mas continuo estudando! O tio Fortunato compra livros e todo material que precisamos! Aqui eu aprendo muito mais, não tem colegas fazendo bagunça, é como ter aula particular! A Astromélia e a Lindaura também estudam e até a tia Palmira participa!

— Eu conheço os métodos do seu tio! Ele acha que ler meia dúzia de livros é suficiente para formar um bom profissional! Isso jamais dará certo, vocês nunca terão um diploma ou reconhecimento!

Fortunato falou:

— Nossos estudos não dão diploma, mas ensinam mais que na escola! Os meninos aprendem na teoria e na prática! Duvido que um engenheiro formado saiba mais que o Giba e o Fábio!

Aqui eles estudam no livro e no dia seguinte aplicam na lavoura, nos moinhos, na ferraria, na estrebaria, na colheita e no engenho que acabamos de montar!

Fabinho completou:

— O primo fez o projeto da própria casa! Nóis fizemos, né primo?

— É verdade, papai! Eu e o Fábio fizemos o projeto e construímos as nossas casas!

Fabinho falou com empolgação:

— Não é uma mansão, mas é muito bunita, e não falta nada!

Inconformado com a situação, Gilmar lastimou:

— Giba, meu filho, isso não é vida! Não é isso que eu queria para você!

Fortunato levantou-se falando com energia:

— Gilmar, pare com esse drama! A vida é dele! Nós não temos o direito de interferir nas escolhas dos nossos filhos! Quando você foi embora o pai não fez chantagem, não reclamou e não choramingou! Ele te deu dinheiro pra começar a vida, um abraço e uma benção! Trate de fazer o mesmo pelo seu filho!

Gilmar respondeu com aborrecimento:

— Você tem razão, mas não consigo me conformar! Meu filho mudou muito! Ele não é mais aquele garoto refinado, de modos suaves e fala

mansa!

Fortunato perguntou:

— Não era isso que você queria? Um fio macho, honesto e trabalhador? O Giba se transformou em um homem! O iê-iê-iê ficou no passado! Não é mesmo, Giba?

— É tio! Eu aprendi que o rock da enxada é o melhor que existe!

Gilmar indagou:

— Rock da enxada?

Fortunato gargalhou alto e disse:

— Esse é um segredo nosso! Um dia te conto!

Reconhecendo que a situação se tornava cada vez mais constrangedora, Gilberto apelou:

— Pai, deixe-me viver em paz! Eu estou bem, tenho a minha casa, a minha esposa, logo terei o meu filho e sou muito feliz!

— Mas você pode ter tudo isso na capital, não precisa ficar nesse fim de mundo!

— Não entendo, o senhor me mandou para Varzelândia, fez um baita discurso sobre valorizar as raízes, mas na verdade sempre detestou a vida na roça! Por que o senhor quer que eu volte para casa?

— Oras, porque lá é o seu lugar! Eu te criei para que se tornasse um homem culto, educado e promissor!

Gilberto olhou para baixo e confessou com tristeza:

— Eu vivia praticamente sozinho naquela casa! Você e a mamãe passam a maior parte do tempo no trabalho! Pai, a nossa vida era horrível! Vivíamos de comidas prontas e enlatadas, sempre correndo como loucos, preocupados em ter mais, mais e mais, e para quê? Para mostrar aos seus amigos?

— A vida é assim, rapaz! Lutamos para ter status e uma vida confortável! É impossível conquistar admiração, respeito e poder sem abrir mão de muitas coisas! Os sacrifícios são necessários!

Fortunato falou:

— São escolhas! Cada pessoa faz as suas! Você decidiu lutar por status, admiração e poder, mas nós e o seu filho escolhemos o trabalho bruto e a tranquilidade da vida no campo.

Gilberto acrescentou:

— Eu não quero status, admiração ou poder! Só quero uma vida tranquila! Aqui eu tenho tudo que preciso, uma casa boa para viver, uma garota que me ama, trabalho para me sustentar, amigos, a companhia do Fábio e o aconchego de uma família! Papai, não fique magoado, mas não vou voltar, o meu lugar é aqui!

Notando que Gilmar segurava o pranto, Fortunato se comoveu, refletiu por alguns segundos e sugeriu:

— Vamos tomar um cafezinho? Daqui a pouco a Palmira chega e vai fazer aquele almoço bão! Você ainda se lembra da comidinha da roça?

Gilmar deu um sorriso entristecido e respondeu:

— Claro que me lembro! Nunca esqueci a canjiquinha, a pururuca, o pão de queijo e aquela cachaça boa que o nhô Abílio vendia!

Fortunato bateu levemente nas costas de Gilmar e cantarolou:

— Ôh, Minas Gerais, quem te conhece não esquece jamais! Ah-ah-ah-ah! O que é bão a gente nunca esquece! Não é mesmo? Vamos entrar, agora eu tenho uma cachacinha ainda melhor, você pode levar uma garrafa pra tua casa!

Enquanto conduzia Gilmar para dentro de casa e falava com empolgação, Fortunato vencia a dolorosa mágoa cultivada durante anos e dava o bom exemplo para os rapazes, que assistiam a cena comovidamente.

Quando Fortunato e Gilmar entraram, Fabinho aproximou-se de Gilberto e sussurrou:

— Eita que o tio tá inconformado!

— Ele vai ter que se conformar! Não quero ficar como ele, um sujeito extremamente materialista que só pensa em poder! Pra que isso?

Fabinho sacudiu os ombros e respondeu:

— Não sei! Quem é que vai entender? Nóis também se acostuma com o que é ruim, né primo? Acho que o tio se acostumou com o que é ruim pra alma!

Quase uma hora depois, Palmira retornou para casa, acolheu calorosamente a visita inesperada, preparou um almoço caprichado e serviu mais uma mesa farta com pratos de dar água na boca.

Durante a refeição animada pelas piadas de Fábio, as brincadeiras de Fortunato, as repreensões de Palmira e as gargalhadas de Gilberto, pouco a pouco Gilmar deixou de lado os hábitos arrogantes, e se entregou à prazerosa refeição em família. Depois de um dia de confraternização, por breves instantes, Gilmar desejou abandonar tudo e começar uma nova vida, mas rapidamente se deixou envolver pela habitual ambição e concluiu que jamais conseguiria abandonar o posto de prestígio e poder.

Após a visita, Gilberto, Fortunato e Gilmar superaram as desavenças do passado, mas as diferenças de ideias e ideais se tornaram uma lacuna, que lentamente os afastou tornando o relacionamento frio e sem o prazer do reencontro.

Por meio de muito estudo, empenho e trabalho árduo, com o passar dos anos os rapazes modernizaram a propriedade, contrataram trabalhadores, dobraram os lucros e conquistaram boa reputação no mercado cafeeiro.

No decorrer das décadas, Fortunato encerrou o estágio no campo terreno, meses depois Palmira seguiu o mesmo caminho, e no início de 1995, Fabinho se despediu da vida na matéria.

Sem a companhia de Fábio, o primo que ele amava como um verdadeiro irmão, Gilberto enfrentou um longo período de profunda tristeza e

dificuldades para se adaptar sem a mão amiga, que sempre se estendia a seu favor.

Após meses de luto, Gilberto se agarrou a Astromélia, que sempre o motivava a superar os obstáculos da vida, retomou o trabalho, abraçou a família de Fábio e os protegeu até o último dia de vida.

Guiado pela escolha feita durante a adolescência, Gilberto superou graves falhas de caráter, conquistou humildade, aprendeu o valor da família, do trabalho honesto, da simplicidade e no início de 2010, ele desencarnou durante a noite e finalizou mais um estágio na matéria.

A existência pautada no bem deu a Gilberto o merecimento para ser recolhido logo após o desencarne, no entanto, o profundo apego aos familiares se converteu em complexas adversidades.

OS CAIPIRAS DO ALÉM

CAPÍTULO V

OS CAIPIRAS DO ALÉM

No meio do velório, enquanto Lindaura confortava Astromélia, e os vizinhos e amigos prestavam as últimas homenagens, na dimensão astral Eurípedes, Fábio e uma equipe de amparadores discutiam a melhor maneira de convencer Gilberto a deixar a família e aceitar a nova condição.

Parado ao lado do caixão, onde o corpo astral completamente desligado pairava suavemente sobre os despojos materiais, Eurípedes olhou detidamente, contorceu o rosto mostrando preocupação e sugeriu:

— Fábio, entre nós, você é o que tem a frequência mais próxima a de Gilberto, nessa condição ele não conseguirá me ver ou ouvir. Tente convencê-lo a nos acompanhar. Não podemos removê-lo sem permissão.

— Uai, mas eu já vi vocês levando outros desencarnados sem pedir permissão!

— Sim, mas eles estavam inconscientes, no caso do Gilberto é diferente, ele está despertando, não podemos arrastá-lo! Eu vou aplicar um passe que vai tirá-lo rapidamente desse estado de torpor, mas ele continuará confuso!

— E o que eu falo?

— Tente explicar que ele desencarnou, seja prudente, eu estarei ao seu lado passando instruções, mas o Gilberto não conseguirá me ver.

Fabinho acenou a cabeça concordando, tocou o ombro de Gilberto e chamou:

— Primo, ocê tá me escutando?

Ao sentir a transferência de energia percorre o corpo sutil, Gilberto estremeceu, abriu os olhos e resmungou:

— Fabinho? O que você está fazendo no meu quarto? Já amanheceu? Tem que tirar leite?

— Não, primo! Ocê não precisa mais tirar leite. Eu vou te ajudar a se sentar.

Quando Gilberto se sentou no caixão, Fabinho olhou ao redor e perguntou:

— Ocê tá vendo esse povo?

— Sim, por que tem tanta gente na nossa sala? E o que você está fazendo aqui? Você morreu!

— Então… É verdade, eu morri, mas agora ocê também tá morto e esse povo tá aqui pro teu velório!

— Meu velório? Como assim?

Receando que Gilberto entrasse em pânico e caísse em um nível de baixa frequência, Eurípedes aproximou-se de Fábio e instruiu:

— Diga que ele foi um bom homem e merece ir para um lugar melhor, que você está aqui para levá-lo!

Fábio aceitou a sugestão e disse:

— Primo, ocê morreu enquanto tava dormindo! Mas ieu vim pra te levar pra um lugar muito bunito! Ocê foi um bão homem e merece nossa ajuda.

Assustado e confuso, Gilberto olhou ao redor, reconheceu que estava sentado em um caixão e exclamou:

— Não pode ser verdade! Eu estava bem, não posso ter morrido do nada!

— Pois é… Mas morreu! A vida na roça é boa, né primo? Mas nóis exagera na comida! Ieu morri com aquele bichinho no cérebro, e ocê teve um infarto de tanto comer carne gorda! Lembra que a Astromélia vivia pedindo pra ocê não abusar?

— Eu me lembro, mas ninguém morre de uma hora para outra!

— Morre sim! E agora ocê precisa ir embora, não pode ficar aqui!

— Mas eu não quero me separar da Astromélia!

— Primo, depois da morte ieu recusei a ajuda e fiquei um tempão por aqui, te digo que foi muito difícil! Ieu tentava falar com ocês, mas ninguém me ouvia, com o tempo comecei a ficar maluco! Até que um dia o pai veio me buscar e daí eu aceitei ajuda!

Gilberto saltou do caixão, olhou para Astromélia sentada ao lado e apelou:

— Astromélia, não chore! Por favor, eu nunca aguentei ver as suas lágrimas! Eu estou aqui!

Fábio explicou:

— Ela não pode te ouvir, mas consegue sentir, e isso faz muito mal pra ela! Se ocê ficar na casa, em pouco tempo a Astromélia vai adoecer, é isso que ocê quer?

— Não! Eu amo a minha galega, não quero que ela sofra!

— Então vamos embora!

— Para onde você vai me levar?

— Pra um lugar de tratamento, é igual ao hospital da terra, mas tem umas coisas bem modernas e diferentes!

Novamente Gilberto olhou para Astromélia, em seguida para os filhos, para Lindaura e lamentou em prantos:

— Não consigo ficar longe da minha família, eu não quero me separar deles!

— Se ocê ficar, eles vão sofrer! Óia primo, daqui a pouco ieu tenho que ir embora, ocê vai ficar sozinho! Ninguém consegue te ver e nem ouvir, é muito triste!

Notando que pouco a pouco Gilberto se entregava a tristeza profunda, Eurípedes se concentrou, abaixou a frequência vibratória até se tornar-se visível para Gilberto e apelou:

— Gilberto, por favor, nos acompanhe!

Gilberto deu um salto para trás e interrogou:

— Quem é você? De onde apareceu?

— Eu sou o seu guardião, um amigo que o protegeu durante a vida! Não consigo ficar muito tempo nessa frequência, é muito difícil! Eu posso facilmente cair em meus piores pesadelos, as baixas vibrações entram em sintonia com nossas dores, culpas, tristezas e coisas que ainda não foram superadas, então colabore! Vamos embora!

— Mas eu nem te conheço!

Fábio explicou:

— Primo, ele é do bem! Eurípedes é um homem muito bão! Ocê sabia que ele sempre andava do teu lado? Ieu também tinha um guardião, mas depois te conto tudo! Vamos embora?

Gilberto chorou profundamente, tentou abraçar Astromélia, sentiu a mão astral atravessar a matéria e lamentou em prantos:

— Eu morri, nunca mais poderei tocar os cabelos ruivos da minha galega! Meu Deus, eu não consigo ficar sem a Astromélia!

— Primo, ocê vai ver a Astromélia, mas tudo na hora certa!

Eurípedes perguntou com ansiedade:

— Vamos? Você aceita a nossa ajuda? Ou prefere ficar aqui e fazer mal para a sua amada?

— Aceito, eu vou embora! Não quero que a Astromélia sofra!

Quando Gilberto consentiu, no mesmo instante Eurípedes aumentou a frequência, desapareceu do campo de visão, e ao retomar a energia comum aos espíritos em alta vibração, aplicou um passe em Gilberto, que prontamente caiu no sono profundo [2].

2. Nota do Guia Espiritual: Quando um trabalhador desencarnado reduz a frequência, ele fica momentaneamente impossibilitado de transferir energia.

Quando o Eurípedes segurou Gilberto nos braços, Fábio olhou com carinho e comentou:

— Eita trem difícil sô!

— Essa tarefa não é fácil, nunca imaginei que fosse tão difícil ser o guardião de um encarnado!

Após o desligamento, muitos caem nas zonas umbralinas! Para ser franco, às vezes acho melhor que o espírito se lance de uma vez nas dimensões de expurgo, assim ele aceita que está desencarnado e já purifica o que precisa!

Eu não gosto de ficar baixando a frequência, insistindo e perdendo tempo! Por mim deixaria que o Gilberto caísse, e depois desceria para buscá-lo, mas não quero que ele fique por aqui ou sofra naquelas regiões!

Fabinho aproximou-se de Lindaura, olhou com profundo afeto e falou:

— Óia, daqui uns anos ieu te abraço de novo! Que saudade de ocê!

Ao captar a vibração das palavras amorosas, Lindaura sentiu o coração tomado pela saudade, olhou ao redor e pensou:

— Que saudades de você, Fabinho! Ieu sinto tanto a sua falta!

Percebendo que inconscientemente Fábio e Lindaura criavam novas conexões, prontamente Eurípedes pediu:

— Vamos embora, não quero ter que resgatar mais um! Você sabe que não pode ficar aqui, sua tarefa era resgatar o Gilberto e agora acabou!

Ciente de que o mais sensato era retornar para a colônia e aguardar o momento do reencontro com Lindaura, Fábio abaixou a cabeça e acompanhou o guardião.

Quase dois meses depois, em uma colônia situada sobre a capital mineira, Gilberto despertou do sono pós desencarne, olhou para o homem parado na porta da enfermaria e acenou.

Eurípedes suspirou buscando coragem, seguiu até o leito de Gilberto e perguntou:

— Como o senhor se sente?

— Bem! Muito bem! Mas não me lembro como vim parar aqui! Acho que passei mal enquanto dormia!

Eurípedes tentou disfarçar o semblante aflito e pensou:

— Eu sabia! Eu sabia que ele ia se esquecer! Ai meu Deus!

Após alguns instantes, o guardião sorriu e disse:

— Sim, o senhor passou mal enquanto dormia!

— A minha esposa e meus filhos estão aqui?

Eurípedes hesitou por alguns instantes, olhou ao redor e respondeu com contida aflição:

— Não, não… É… Veja bem, não será possível vê-los agora.

— Por que não? Não é o horário de visitas?

Novamente Eurípedes hesitou, escolheu as melhores palavras e perguntou:

— O senhor recorda-se de alguma situação vivenciada antes de chegar aqui?

— Não me lembro de nada! Mas tive um sonho estranho! Quando acordei até achei que estava morto! Nossa, que susto!

— É mesmo? O que o senhor sonhou?

— Sonhei que estava no meu velório! Até vi o meu primo falecido! O Fabinho disse que eu também estava morto e precisava ir para algum lugar!

— Seu primo? Que interessante! Ele estava sozinho?

— Estava com outro homem, um cavalheiro bem parecido com o senhor! Ainda bem que acordei! Que sonho ruim! Fiquei com muito medo!

Gilberto olhou ao redor e perguntou:

— Quando é o horário de visitas? Quero ver a minha esposa!

— O senhor é muito apegado a sua esposa, não é mesmo?

Gilberto abriu um largo sorriso e confessou:

— Sou! A Astromélia é a flor que enfeita o meu jardim! Ela me deu dois filhos lindos, sou um homem de muita sorte! O senhor é médico?

— Não, não sou médico!

— É enfermeiro?

— Nã-nã-não! Não sou enfermeiro!

— Então o que o senhor faz aqui?

Eurípedes sorriu constrangidamente e pediu:

— Com licença! Eu já volto! Vou procurar o médico!

Eurípedes se afastou apressadamente, se dirigiu até a sala do administrador da colônia e apelou:

— Cristóvão! Por favor, me ajude!

Ciente de que seria procurado por Eurípedes, Cristóvão deu um sorriso e perguntou:

— Está com dificuldades?

— Sim! Muita! Não sei como falar com o Gilberto! Não quero que ele leve um susto e se lance nas zonas umbralinas, mas ele despertou e está convicto que continua encarnado!

Cristóvão bateu amigavelmente nas costas de Eurípedes e disse:

— Calma, é assim mesmo! Você não fez o treinamento nas escolas de guardiões?

— Sim! Eu fiz todo o treinamento! Mas na prática é muito difícil! O Gilberto é o meu primeiro protegido, sei que fiz um bom trabalho enquanto ele estava encarnado, consegui ajudá-lo, mas agora não sei como proceder!

— Vou ajudá-lo, mas há de saber que o espírito se lança em zonas com frequência semelhante, podemos aplicar passes, tentar acalmá-lo, mas por vezes todas as tentativas são infrutíferas! Qual é o maior problema do seu protegido? Ele carrega culpas?

— Não! O Gilberto foi um bom homem, logo após o desencarne fizemos o desligamento e levamos o Fábio para ajudá-lo. Ele queria ficar com a

esposa, mas por fim aceitou vir para o hospital.

— Ele não deixou desafetos na terra? Não se culpa por nada?

— O Gilberto teve algumas desavenças com o pai, mas eles se acertaram no decorrer da vida e o distanciamento aplacou os sentimentos negativos. Quando o Gilmar desencarnou eu fiquei ao lado do Gilberto e percebi que não se abalou. Ele está bem, mas completamente esquecido dos acontecimentos após o desencarne.

— Isso é natural, a maioria perde a memória após o tratamento em nossas colônias! Qual é a maior dificuldade do Gilberto?

— Apego! Esse maldito apego que frequentemente enlaça os encarnados e desencarnados, e provoca sofrimentos em todos! Gilberto é muito apegado à esposa e aos filhos!

Cristóvão meneou a cabeça concordando e disse:

— Isso não é bom, mas ainda é melhor que o ódio e a culpa! O Gilberto pode cair nas zonas dos sofredores, mas não é uma região de baixíssima densidade. Provavelmente ele ficará um tempo na fase de expurgo, mas logo será resgatado pelas equipes que percorrem o vale.

— Não quero que ele sofra! Ele não precisa passar por tais situações!

— Nós sabemos, mas ele não sabe! Vamos falar com o Gilberto e tentar conscientizá-lo sem maiores percalços.

Cristóvão e Eurípedes seguiram até o leito de Gilberto, que olhava com curiosidade para todos os lados e se perguntava quando poderia voltar para casa.

Mostrando o sorriso cordial, Cristóvão aproximou-se falando:

— Como vai, senhor Gilberto! Seja bem vindo a nossa colônia!

— Colônia? Estou em um hospital da colônia? Achei que era um hospital da capital, é tudo tão moderno!

— Essa colônia é um pouco diferente, mas logo o senhor vai entender!

— O senhor é médico?

— Sou o responsável por essa colônia, me chamo Cristóvão e esse ao meu lado é Eurípedes, o seu guardião!

— Guardião? Como é isso? Não conheço esse senhor!

— Olhe bem, tem certeza que não o conhece?

Gilberto fixou o olhar em Eurípedes, relembrou alguns fatos do passado longínquo, sentiu-se confuso e respondeu:

— Não sei, parece que te conheço de algum lugar, mas não consigo recordar!

Cristóvão pediu:

— Se esforce um pouco mais!

Gilberto sentiu o estranho incômodo, gerado pelo medo inconsciente e reclamou:

— Eu quero ir para casa! Já estou bem! Garanto que a Astromélia e meus filhos estão esperando!

Cristóvão olhou demoradamente e sugeriu:

— Vamos conversar um pouco? O senhor disse que teve um sonho, é verdade?

— Sim, eu tive um sonho esquisito! Mas foi só um pesadelo! Por favor, posso ir para casa?

— O senhor sabe por que está aqui?

— Acho que passei mal enquanto dormia!

— O senhor teve um ataque cardíaco enquanto dormia! Isso é natural em sua idade, tudo tem um começo, meio e fim, não é mesmo?

— Sim, é verdade!

Diante do olhar apreensivo de Eurípedes, Cristóvão falou:

— A vida é assim mesmo, o homem nasce, cresce, tem uma vida e depois morre! Essa lei vale para tudo na terra!

Pressentindo e temendo o desencarne, Gilberto perguntou:

— O que o senhor está falando? Eu quero ir para casa! Preciso ver a minha esposa, ela deve estar preocupada!

— Senhor Gilberto, quero que mantenha a calma e saiba que está entre amigos! O sonho que o senhor relatou, na verdade é um fato real!

Gilberto enrugou a testa, estalou os olhos, olhou para os lados, soltou uma gargalhada e afirmou:

— Eu já entendi tudo! Onde estão as câmeras? É uma daquelas pegadinhas!

Eurípedes explicou:

— Não é uma pegadinha! O Fábio foi te buscar e eu estava junto! Você aceitou a nossa ajuda e o trouxemos para este hospital! Gilberto, meu querido amigo, eu sou o seu guardião, fomos muito próximos em outra vida!

Mantendo o sorriso e a ilusão, Gilberto afirmou:

— Eu sei que é uma pegadinha! Vocês são muito bons! Quase conseguiram me enganar!

Eurípedes falou com seriedade:

— Não é uma pegadinha! Você desencarnou! Gilberto, as coisas da terra precisam ficar para trás! Agora se inicia uma nova caminhada, em breve a sua esposa também voltará para a nossa pátria e vocês poderão se reencontrar, mas neste momento você precisa aceitar a nova condição!

Captando a queda vibratória de Gilberto, Eurípedes pediu:

— Cristóvão, vamos aplicar um passe! A frequência dele está caindo!

Percebendo que o corpo espiritual de Gilberto rapidamente se tornava translúcido, Cristóvão falou:

— Não adianta! É impossível! Veja, a frequência saltou de padrão, não conseguiremos fazer mais nada!

Ao terminar a explicação, o corpo espiritual de Gilberto desapareceu completamente e se projetou para uma zona de expurgo com frequência semelhante.

Ante a sensação de fracasso, Eurípedes lamentou:

— Era isso que eu temia!

— Não se culpe, meu amigo! Você fez o melhor que pode, Gilberto não estava pronto para a verdade, qualquer abordagem daria o mesmo resultado!

Não se aflija, o seu protegido não é um espírito em baixa frequência que se mistura ao vale, logo alguma equipe socorrista o encontrará!

Eurípedes acenou a cabeça concordando e concluiu:

— Ele precisa se libertar desse apego! Creio que um curto estágio nas zonas de expurgo o ajude!

— Certamente, ele terá tempo para entender o que está acontecendo! Se quiser pode procurá-lo, você tem o endereço vibratório, mas acredito que ele não conseguirá vê-lo. Será mais fácil para os irmãos que trabalham naquela zona! Aconselho que espere um pouco!

Aos olhos de Gilberto, a enfermaria iluminada por tênue luz branca, desapareceu e deu espaço à escuridão do vale. Ao sentir que a confortável cama se converteu em um estranho charco gelado, ele apalpou o chão lamacento e gritou:

— O que está acontecendo? Que lugar é esse? Astromélia! Onde você está?

Lançado no vale que circunda a colônia de Santa Gertrudes, Gilberto começou a penosa caminhada entre tombos, muito choro, tristeza e súplicas. Andando em círculos e procurando por Astromélia, pouco a pouco ele compreendeu e aceitou a nova condição.

Comparando com o tempo dos encarnados, aproximadamente um ano depois, nosso agrupamento fazia mais uma busca pela região, quando Gilberto rastejou na nossa direção, estendeu a mão e suplicou:

— Me ajudem, me levem embora daqui!

Percebendo que Gilberto não tinha o corpo astral escurecido como a maioria dos sofredores, que ainda mantém a pesada carga negativa e se mistura a escuridão, eu logo concluí que se tratava de um irmão que foi recolhido, mas por algum motivo se lançou na zona de expurgo.

Foi naquela ocasião que cruzei com o Gilberto e mais tarde conheci a história que acabo de relatar, nós o ajudamos e trouxemos para a Colônia de Santa Gertrudes.

Jorge Cavalinho perguntou:

— Ele ainda está em nossa colônia?

— Não, atualmente Gilberto, Fábio e Fortunato trabalham na Colônia de Santa Rita.

— Você sabe como foi o esclarecimento? Eu gosto de saber sobre o passado, esses fatos geralmente trazem muito aprendizado e explicam aquilo que parece incompreensível!

— Sim! Eu consegui informações sobre o esclarecimento, o próprio Gilberto me concedeu o resto da história.

— Então conta! Eu quero saber o que aconteceu!

Diante do interesse do amigo, eu continuei:

— Gilberto foi acomodado nas câmaras, e quando despertou viu Fábio e Fortunato parados ao lado. Naquela ocasião ele já tinha aceitado o desencarne, o período no vale de expurgo o ajudou no processo de aceitação e facilitou o esclarecimento.

Ao ver o tio e o primo, Gilberto sentou-se falando:

— Eu já entendi que estou morto! Não quero mais voltar para aquele lugar escuro e gelado!

Eurípedes se aproximou perguntando:

— Você se lembra de mim?

— Sim, você é o meu guardião. Só não recordo o seu nome.

Eurípedes estendeu a mão e disse:

— Pode me chamar de Eurípedes, é muito bom revê-lo meu velho amigo!

— E agora? O que vai acontecer? Eu sei que não posso voltar para casa, que preciso me acostumar sem a Astromélia, mas será que posso fazer uma visitinha para matar a saudade?

— Por enquanto não, mas dependendo da sua aceitação, é possível fazer uma breve visita. Nesse momento vamos focar nos próximos passos.

Fabinho falou com ansiedade:

— Primo, eles vão te levar para ver um filme!

Fortunato cutucou o filho e repreendeu:

— Psiu! Quieto garoto! Deixe o Eurípedes falar!

Ante as velhas manias de Fabinho, que mostrava o rosto juvenil dos vinte anos, Gilberto sentiu a súbita alegria nascer no coração e perguntou:

— Eu também posso ficar jovem de novo?

Fabinho respondeu:

— Pode, primo! Eles ensinam tudo, mas tem que treinar um pouco! Aqui tem até escola!

Novamente Fortunato cutucou, olhou de soslaio e murmurou:

— Fábio, feche o bico!

Captando o sentimento de saudades e ansiedade, Eurípedes sugeriu:

— Por que vocês não levam o Gilberto para um passeio na colônia? Enquanto colocam o assunto em dia, eu vou finalizar os últimos preparativos para o esclarecimento.

Fortunato perguntou:

— Será aqui mesmo?

— Sim, a colônia tem uma pequena capela onde os nossos amigos se reúnem para orar, é um hábito que eles cultivam desde os tempos de encarnado. Todos sabem que as imagens são apenas representações, mas eles sentem-se elevados ao olhar a face de Maria e de Jesus. O esclarecimento será realizado na capela.

Eurípedes olhou fixamente nos olhos de Fortunato e falou mentalmente:

— Cuidado com o que vão falar! O Gilberto ainda não está preparado para certas informações! A sala do esclarecimento é um local vibratoriamente apropriado para ajudá-lo a manter a frequência.

Fortunato meneou a cabeça discretamente, e quando o guardião se afastou, ele se concentrou, plasmou uma pilha de roupas, entregou para Gilberto e disse entre risos:

— É para você! Se vista, vamos dar umas voltas.

Aturdido com a súbita criação, Gilberto interrogou:

— Como o senhor fez isso?

— É mágica! Ah-ah-ah!

Gilberto observou as roupas, contorceu o rosto e perguntou:

— São as roupas que eu estava usando quando cheguei na fazenda?

Fábio riu divertidamente e falou:

— É a roupa de festa!

Fortunato perguntou:

— Por acaso prefere aquela roupa de velório que você queria usar no bailão?

— Tio! Não era uma roupa de velório! Era a minha roupa de passeio! Até aqui vocês vão continuar rindo da minha cara?

Fabinho plasmou o macacão rasgado na traseira e falou divertidamente:

— Óia primo! Ocê pode usar esse macacão, tá rasgado na bunda, mas só ieu e o pai vamos ver!

Fortunato gargalhou alto, plasmou uma nova pilha de roupas, bateu nas costas de Gilberto e disse:

— Pegue, essa roupa você vai gostar!

Ao ver a camisa xadrez, a calça marrom, o cinto de couro com a fivela lustrosa e o chapéu de couro, Gilberto saltou da cama e exclamou com felicidade:

— É a roupa do bailão que eu conheci a Astromélia!

— Isso mesmo, garoto!

— Como o senhor fez isso?

— Eu já falei! É mágica! Depois eu te ensino! Ah-ah-ah!

— Aqui as pessoas se vestem igual na terra?

Fabinho respondeu:

— Algumas pessoas continuam usando as mesmas roupas! Óia ieu, tô igualzinho antes! A única diferença é que agora nóis é caipira do além, né pai?

— É sim, fío! As coisas não mudam muito, com o tempo você se acostuma. Agora vamos dar uma volta.

Caminhando pela Colônia de Santa Gertrudes, Gilberto olhou para o grosso portão de madeira e perguntou:

— O que tem fora dessas muralhas?

Fortunato respondeu:

— Um vale de expurgo, é o lugar que você estava quando foi resgatado pelos trabalhadores da colônia.

Fabinho completou:

— Primo, aqui tem umas coisas muito esquisitas! Inté hoje eu fico embasbacado quando vejo os ônibus que voam!

— Ônibus que voam? Como é isso?

— Óia, ieu não sei explicar, eles voam, mas não tem asas! Parecem aqueles metrôs de Sum Paulo!

— Não tem asas? Então como podem voar?

Fabinho balançou a cabeça negativamente e exclamou:

— Não sei! Eles não têm asas e nem rodas! Né, pai?

— É verdade, aqui as coisas são bem estranhas! É parecido com a terra, mas ao mesmo tempo, muito diferente!

Fabinho aproximou-se de Gilberto, olhou para os lados e sussurrou:

— Ocê sabia que os guardião ficavam olhando as coisas que nóis fazia quando tava na terra? Ieu tinha um índio que ficava sempre por perto!

— Por que eles ficam por perto?

— Pra ajudar! Mas eles não se metem nas cagadas que nóis faz! Meu guardião disse que eles dão conselhos, mas não podem interferir! Se nóis faz cagada, a culpa é nossa!

Mais uma vez Fabinho olhou para os lados e prosseguiu:

— Ocê vai ver um filme! É igual cinema!

Fortunato estocou o dedo na costela de Fabinho, enrugou a testa e falou:

— Fábio, feche o bico! Depois o Giba vai ver tudo!

Gilberto apelou:

— Tio, o que vai acontecer?

Imitando os gestos de Fábio, Fortunato olhou para os lados e segredou:

— Eles vão mostrar uma tela com um filme.

— Que filme?

Fortunato hesitou, escolheu uma boa resposta e disse:

— Um filme antigo!

Fábio completou entre risos:

— Filme bem antigo! Da época dos escravos! Igual a novela da escrava Isaura, sabe?

— Por que vamos assistir a um filme antigo? Não estou entendendo nada!

Fabinho olhou de canto e cochichou:

— É sobre a nossa vida! Você acredita que eu fui um pretinho?

— Pretinho? Mas você sempre foi branco!

— Em outra vida, primo! Ieu era pretinho e o pai era uma pretona! Ah-ah-ah!

Quando Fábio abriu a boca para passar mais informações, Fortunato deu um forte cutucão e falou com energia:

— Fábio! Você sabe que aqui as coisas são diferentes! Tome cuidado com essa boca!

Fabinho se encolheu, abaixou a cabeça e murmurou:

— Uai, tá bão! Descurpe!

Pressentindo que momentos desafiadores se aproximavam, Gilberto pediu:

— Tio, me fale o que está acontecendo? Que filme é esse? Que história é essa de outra vida?

— Sabe aquele assunto da vida depois da morte e reencarnação? Aquelas coisas esquisitas que a velha Efigênia falava quando ia lá em casa? Então… É tudo verdade! Nóis morre e depois nasce de novo!

Fábio completou:

— Um montão de veiz! Ieu já fui branco, preto, branco, preto, branco, preto, homi, muié, homi, muié! E ocê também!

— Eu também? Fui uma mulher?

— Ocê foi tudo, primo! Sabe Deus o que nós já foi, é muita coisa! Os guardião mostra tudo e ainda por cima apontam as coisas feias que fizemos, ocê se prepare, viu!

Fortunato preveniu:

— Tome cuidado com esses guardiões, eles não são de brincadeira! Nunca vi sujeitos tão espertos! Eles sabem como arrancar a verdade!

Cada vez mais assustado, Gilberto interrogou:

— Tio, você foi uma mulher?

Fábio se intrometeu falando:

— O pai foi uma escrava bem forte que era a nossa…

Ao notar a inesperada aproximação de Eurípedes, Fabinho calou-se prontamente e abaixou a cabeça tentando esconder o receio.

Captando as telas mentais, que denunciavam o teor da conversa, Eurípedes perguntou:

— Já colocaram o assunto em dia?

Fortunato respondeu:

— Um pouco, mas ainda tem muito que conversar!

— Vocês não falaram mais do que deviam, certo?

— Não! De jeito nenhum! Só falamos da colônia, né fío?

— Ié, pai! Só falamos da colônia! É tudo tão bunito!

Eurípedes cerrou os olhos e falou com indignação:

— Estou vendo as telas mentais de vocês! Parem de mentir! Que coisa mais feia!

Prontamente Fabinho olhou para o alto, para os lados, para baixo, correu os olhos sobre a cabeça de Fortunato e perguntou:

— Onde? Cadê? Uai! Não tô vendo nada!

— Vocês ainda não conseguem ver! Precisam treinar mais e desenvolver outros atributos! Mas tratem de se comportar, eu não sou o único que consegue ver as telas mentais! Pelo amor de Deus, criem juízo!

Fortunato riu constrangidamente e justificou:

— Só falamos um pouco, é pra modo de preparar o garoto!

— Então vamos, todos vocês foram convocados para o esclarecimento.

Fábio interrogou com receio:

— Outro esclarecimento?

— Sim, mas não se preocupem, vocês só vão participar e ouvir sobre a proposta reencarnatória.

O trio acompanhou Eurípedes e ao se aproximar da capela, Fábio falou:

— Primo, ocê vai gostar, viu! É igual à tela de cinema, mas não sei direito como eles fazem, não tem uma tela de verdade!

Eurípedes contraiu o rosto mostrando aborrecimento e falou:

— São telas mentais! Por favor, Fábio, fique quieto!

Ao entrar na capela, Carmelo aproximou-se mostrando o sorriso amigável e se apresentou:

— Gilberto, eu sou o seu mentor, pode me chamar de Carmelo!

Gilberto observou a roupa de Carmelo e disse com respeito:

— Desculpe, mas o senhor parece um boiadeiro! Gostei muito do seu chapéu!

— Em minha última vida eu fui um homem do campo e até hoje me sinto feliz quando plasmo essas roupas! Eu decidi me apresentar caracterizado, afinal, estamos entre amigos e compartilhamos os mesmo gostos!

Gilberto observou a capela lotada e perguntou:

— Por que tem tanta gente?

— São irmãos que acompanharam vocês durante a vida terrena, depois do esclarecimento poderão conversar e rememorar os tempos passados! Venha, sente-se na primeira fileira.

— O meu primo disse que vamos ver um filme de escravos, é verdade?

Carmelo olhou de canto para Fabinho e mentalmente falou:

— Fábio! Você esqueceu das nossas instruções?

Fabinho se encolheu, abaixou a cabeça e olhou para os lados tentando esconder a vergonha.

Notando que Gilberto aguardava uma resposta, Carmelo explicou:

— É um filme sobre a vida de vocês, essas exibições ajudam o espírito a rememorar as escolhas do passado, entender as dificuldades da última existência e aceitar os desafios futuros.

Gilberto, Fábio, Fortunato e Eurípedes sentaram-se no banco de madeira de frente para uma imagem de Santa Maria, e Carmelo prosseguiu:

— Aconselho que assista em silêncio, eu vou explicando durante a exibição!

O mentor olhou seriamente para Fabinho e reiterou:

— Eu disse em silêncio! Ouviu bem, senhor Fábio?

— Uai Ieu escutei sim! Em silêncio! Ocê ouviu, pai?

— Ouvi sim! Faremos silêncio!

Carmelo se afastou olhando detidamente para Fabinho, se esforçou para não rir dos modos disfarçados do rapaz e voltou toda a atenção para os últimos ajustes antes da exibição.

Pouco depois a tela se abriu diante do público e Carmelo falou:

— Senhores, vamos começar! Deixem as perguntas para o final! Aproveitem a exibição.

Na tela plasmada, onde se reproduziam as imagens das memórias espirituais de Gilberto, apareceu a grande plantação de café e dezenas de escravos trabalhando na colheita.

Quando a imagem se aproximou, focando em uma negra e dois negrinhos, Carmelo pediu:

— Prestem atenção no diálogo dessa senhora! Gilberto, é muito importante que você compreenda.

Na tela, a negra puxou os grãos de café do galho, olhou para os garotinhos e instruiu:

— Tem que puxar com força!

O garoto mais alto, com olhos vívidos e semblante astuto, puxou com força e disse:

— Um dia vou embora daqui!

O pequeno respondeu:

— Eu também!

A negra olhou fixamente e preveniu:

— Ocês parem com essa conversa! Ieu já falei, nóis nasceu preto e vai morrer escravo! Tunico, não fique colocando ideia na cabeça do Jãozinho!

Tunico apelou:

— Ieu vou fugir!

— Cale a boca, menino! Se continuar com essa história, ieu te dou uma surra!

Jãozinho encolheu-se entre risos e falou:

— O Tunico vive falando que vai fugi!

A negra olhou com piedade e pediu:

— Tunico, meu fio, ocê não pode ficar falando essas coisas! Se os capataiz escutá, vai correndo contá pro sinhozinho Valério, ocê quer ir pro tronco?

— Eles não leva preto pequeno pro tronco, mãe!

— Não leva os pequenos, mas leva os grande! Ocê quer que te pai ou ieu pague por ocê?

Tunico olhou para baixo e murmurou:

— Não, mãe! Ieu não quero que ocê ou o pai vá pro tronco!

— Então, meu fío! Trabaie e se conforme com a vida, nóis não pudemo mudar a cor da pele e sempre vai ser preto! Os branco pensam que nóis só serve pra isso, trabaiá de sol a sol!

Ao lado de Gilberto, Fabinho mordia os lábios tentando manter a boca fechada, mas em um rompante de ansiedade, deixou-se levar pela empolgação e disse:

— Aquela preta era o pai e os pretinhos era nóis!

Eurípedes inclinou-se para frente, olhou para o lado, fixou Fábio e exclamou:

— Mas que boca grande!

Carmelo pausou a exibição advertiu:

— Fábio, você quer ser convidado a sair?

— Não senhor, me desculpe, ieu não aguentei!

Captando a confusão mental de Gilberto, que lutava intimamente para encadear as informações, Carmelo explicou:

── Gilberto, aquela negra chamava-se Zula, você era o Tunico e o negro menor era o seu primo Fábio.

Novamente Fabinho deixou-se mover pelo ímpeto e exclamou entre gargalhadas:

── A Zula era o pai! Ah-ah-ah! Ele era muié! Ah-ah-ah!

Ao perceber o olhar severo de Carmelo, Fábio se encolheu, prontamente ocultou o sorriso e olhou disfarçadamente para baixo.

O mentor meneou a cabeça negativamente, apontou a tela e prosseguiu:

── Gilberto, assim como o Fábio já falou, o seu tio Fortunato foi a escrava Zula. Preste atenção nas próximas imagens, em seguida eu prossigo, mas caso o sejamos interrompidos mais uma vez pelo senhor Fábio, eu deixarei que ele continue com o esclarecimento!

Assemelhando-se a um passarinho que vira cabeça para todos os lados, Fabinho fingiu não ouvir a advertência e manteve-se em silêncio.

Novamente a exibição prosseguiu, e pouco depois a tela mostrou a cruenta tortura do negro Silas, que era brutalmente chicoteado enquanto o

sinhozinho Valério gritava e aplicava o corretivo.

Mais uma vez Carmelo parou a exibição e explicou:

— Gilberto, aquele negro chamava-se Silas, ele era o pai dos negrinhos Tunico e Joãozinho, ou seja, naquela vida, ele foi o pai de vocês! Silas e Zula se amavam muito e ajudaram vocês a crescer e suportar a escravidão. Foi graças aos conselhos de Zula, que você conseguiu superar grande parte das provas daquela existência! Você era um espírito muito rebelde, exigente e orgulhoso, que em outra existência se habituou a vida de riquezas e prazeres.

O mentor fez uma breve pausa, dando tempo para Gilberto assimilar as informações, e continuou:

— Seu pai, o negro Silas, perdeu a vida naquele tronco, ele foi punido após um equivoco e cumpriu com a missão daquela programação.

Tunico e Joãozinho prosseguiram ao lado de Zula, que viveu até os sessenta anos e os deixou pouco antes do fim da escravidão. Naquela existência vocês superaram muitas fraquezas morais e conquistaram o merecimento para reencarnar em condições mais tranquilas. A Fazenda do seu tio Fortunato é uma parte do latifúndio do sinhozinho Valério, vocês reencarnaram no mesmo local onde viveram a escravidão. Você está acompanhando a explicação?

Com o semblante carregado de perplexidade, Gilberto meneou a cabeça concordando e continuou atento à elucidação.

Carmelo prosseguiu:

— O sinhozinho Valério cometeu muitos enganos naquela vida, além de maltratar muitos escravos, ele se perdeu no orgulho e na gana por poder!

Fortunato resmungou:

— Ele sempre foi ambicioso! Por isso está no umbral!

Carmelo pediu:

— Fortunato, por favor! Já basta o seu filho! Fiquem quietos!

— Desculpe, venerando! Mas é verdade, veja a cara desse sinhozinho, dá pra ver que é uma pessoa ruim! O Gilmar não escravizou porque a escravidão tinha acabado, mas repetiu os mesmos erros!

Gilberto interrogou com voz trêmula:

— Aquele sinhozinho era o meu pai?

Carmelo respondeu:

— Sim, o sinhozinho Valério reencarnou como Gilmar!

Fabinho aconselhou:

— Óia primo, preste atenção viu! É uma confusão danada, até agora me confundo com as coisas!

Carmelo fechou os olhos, suspirou buscando a paciência conquistada durante a longa jornada e falou:

— O negro Silas aceitou reencarnar na mesma terra e receber Gilmar e Fortunato como filhos. Por amar muito a negra Zula, que precisava reencarnar viver experiências em um corpo masculino, ele aceitou a missão de recebê-la como filho, no caso, o seu tio Fortunato! Você está entendendo?

— Eu acho que sim! Meu tio Fortunato era a negra Zula, meu avô era o negro Silas, que recebeu como filhos a mulher que ele amava e o escravizador que o matou. É isso?

— Exato! O seu avô, que foi o negro Silas, comprou as terras onde levantou um patrimônio considerável, que mais tarde retornou para as mãos do sinhozinho Valério, reencarnado como Gilmar!

Fortunato resmungou:

— Mas ele nunca quis as terras! Foi orgulhoso e maltratou o espírito que aceitou ajudá-lo! Eu sempre desconfiei que o Gilmar tinha alguma coisa muito ruim! Veja o que ele fez, mais uma vez humilhou o nosso pai, o mesmo negro que ele matou na vida passada!

Carmelo preveniu:

— Fortunato, não esqueça que você também errou durante a vida, inclusive, deixou-se motivar pela vingança quando deu abrigo para o Gilberto!

— É verdade, venerando! Mas foi só no começo, depois peguei amor pelo menino!

— Esse amor era o fruto de outra vida, época em que você foi a negra Zula e o recebeu como filho.

Gilberto falou:

— Naquela vida o tio Fortunato foi a minha mãe, o Fábio meu irmão, o vovô foi o meu pai Silas e o sinhozinho reencarnou como meu pai Gilmar? É isso?

— Exato! Há muitas existências esse grupo cármico tenta se ajustar, mas dessa vez vocês conseguiram superar as dificuldades que os mantinham ligados por laços de desafeto! O Gilmar não superou as fraquezas morais que há séculos causam dor e tristeza, no momento ele está em uma zona umbralina.

Gilberto perguntou:

— E a minha mãe, a Astromélia, a tia Palmira, a Lindaura, e nossos filhos?

— Todos estão ligados por laços de outras vidas! Esse esclarecimento é para tratar da ligação entre vocês três. A sua tia Palmira está em outra colônia, se quiser poderá visitá-la depois. Quando a Astromélia retornar para o plano espiritual, também passará pelo esclarecimento, nessa ocasião você será convidado e terá mais informações sobre a caminhada espiritual de vocês, mas posso adiantar que esse amor vem se manifestando a várias vidas.

— Não posso saber agora? Eu queria muito entender por que amo tanto a Astromélia.

— Filho, a sua esposa ainda está encarnada, vamos aguardar o momento apropriado! É improdutivo enchê-lo de informações nesse momento, além de causar muita confusão, pode lançá-lo em sentimentos de baixa frequência.

A Astromélia tem uma programação longa na terra, mas para acalmar o seu coração, eu posso dizer que em várias vidas vocês formaram um belo casal, essas uniões foram marcadas pelo respeito e crescente afeto. Espiritualmente vocês tem muita afinidade, laços fortes de amor, e quando reencarnam acabam se atraindo! É como um fio elástico que se contrai até unir as duas extremidades.

Carmelo fez uma pausa e concluiu:

— Creio que é o suficiente para o momento. Vocês já sabem o que os motivou a viver juntos e naquela terra.

Gilberto abraçou Fortunato demoradamente e falou com emoção:

— Tio, mais uma vez você me ajudou a superar as fraquezas morais que eu ainda tinha!

Fortunato retribuiu o abraço cheio de amor e disse:

— Eu te amo muito, meu filho!

Fabinho se juntou ao abraço e falou entre risos:

— E ieu amo muito ocêis! Se o Carmelo deixar nóis pode nascer junto de novo!

Carmelo explicou:

— Não sou eu quem determina a programação, posso ajudá-los a fazer boas escolhas, mas o planejamento é feito por nossos irmãos superiores, que têm conhecimento e sabedoria para cruzar as informações espirituais e fazer os arranjos que ofereçam o maior índice de sucesso.

Fortunato perguntou:

— E agora? Seremos mandados para a reencarnação?

— Sim, a programação já foi feita! Na última vida vocês realizaram grande parte dos propósitos, precisamos admitir que vocês não tiveram provas desafiadoras, mas conseguiram superar as fraquezas morais que os mantinham na terra! Por meio dessa conquista, vocês podem reencarnar em uma condição especial e dar um imenso salto evolutivo!

Fabinho perguntou com ansiedade:

— Onde nóis vai nascer?

O mentor apontou a tela, mostrou a dupla de negros brigando no meio de uma plantação e explicou:

— Em outra vida aqueles negros foram os capatazes do sinhozinho Valério. Até hoje eles lutam para vencer as paixões que impedem o crescimento espiritual! Eles vivem em uma região da África, naquele local a escravidão ainda existe, mas ela acontece de uma maneira velada e encoberta.

A miséria, a falta de educação, a violência, e a exploração fazem parte da vida dessas pessoas! Os irmãos que nascem nessa região estão expurgando e colhendo o que plantaram no passado, mas um ou outro aceita o desafio em busca de um salto evolutivo! É uma oportunidade ímpar, vocês podem até se iluminar se conseguirem enfrentar e superar as provas nesse local!

Fábio se levantou em um salto e exclamou:

— Eu não quero nascer preto! Óia lá, o homi tá pisando na cabeça do outro e tá tirando sangue!

Fortunato protestou:

— Eu também não quero nascer nessas condições! Não fiz nada de mal nas últimas existências, sei que cometi erros, mas não foram graves a ponto de me levar a esse tipo de existência!

Gilberto perguntou:

— Eu também tenho que nascer nesse lugar?

Carmelo pediu:

— Acalmem-se! Vejam que é uma oportunidade de grande avanço! As dificuldades e provas que os encarnados desprezam, são exatamente o que os levam a elevação! Na verdade, são bênçãos que se manifestam por meio de provas! Sem o atrito não existe lapidação!

Novamente Fortunato protestou:

— Eu não vou!

Fabinho reclamou:

— Ieu também não vou! Já falei, não quero nascer preto e miserável!

O mentor calou-se, cruzou os braços, deixou o burburinho ecoar pela capela, ouviu atentamente as reclamações e avaliou calmamente os pontos negativos que ainda se ocultavam no íntimo dos espíritos que eram esclarecidos.

Depois de alguns momentos de observação, ele riu e falou:

— Era exatamente o que eu queria! Vocês conseguem perceber o quanto ainda tem que crescer?

Fortunato arrancou o chapéu da cabeça e exclamou:

— Eu sabia! Esse povo não dá ponto sem nó! Caímos na rede!

Carmelo gargalhou alto e falou:

— As provas não acabam, meu amigo! É assim que o espírito aprende! Fábio, você acabou de mostrar o preconceito enraizado e escondido no inconsciente, Fortunato, a sua resistência mostra o quanto ainda é ignorante diante das oportunidades evolutivas. Esses são pontos a serem superados, mas enquanto não os percebem, eles continuam ocultos, atrapalhando as existências e impedindo o crescimento!

Fabinho enrugou a testa e reclamou:

— Trem danado sô! Ocê jogou verde pra colher maduro!

Carmelo sorriu concordando, olhou para a tela e continuou:

— Eu admito que também não gostaria de reencarnar nessas condições, mas certamente acabaria aceitando como uma oportunidade de avanço rápido! Vocês não precisam reencarnar nesse lugar, eu estava fazendo um teste para verificar o verdadeiro nível em que se encontram. Na última existência vocês avançaram consideravelmente, e diante desse avanço, conquistaram frequência e merecimento para encarnar em um orbe melhor. Não pensem que é um paraíso, mas nesse lugar não existem as dificuldades que hoje a terra enfrenta.

Eurípedes completou:

— Dificuldades que tendem a piorar muito nas próximas décadas! Ao que tudo indica, a humanidade enfrentará momentos bem conturbados.

Carmelo balançou a cabeça concordando e explicou:

— Gilberto, você avançou muito em sua última vida, mas ainda carrega uma grande energia de orgulho e vaidade. A temporada na companhia de

Fortunato e Fábio o ajudaram a vencer muitos pontos negativos, mas você ainda é vulnerável e precisa provar que realmente venceu tais tendências!

Infelizmente a sua condição ainda não permite que seja enviado para um orbe melhor, mas com certeza terá uma programação bem favorável na terra.

Eurípedes falou:

— Se aceitar, eu continuarei ao seu lado! Você não precisa reencarnar agora e pode ficar um longo tempo conosco.

Gilberto perguntou com notável tristeza:

— Então não posso ir com o tio Fortunato e o primo?

Carmelo respondeu:

— Tudo é possível, mas você precisa superar pontos que ainda o prendem na terra. Perceba que caso não tivesse ficado com o Fortunato e o Fábio, certamente teria seguido os passos do seu pai, isso prova que você ainda é muito suscetível a negatividade que facilmente ilude os encarnados.

Fortunato falou:

— Nós podemos esperar o Giba, ficamos trabalhando até ele voltar!

Carmelo respondeu:

— Isso pode ser considerado, mas neste momento o mais importante é saber o que vocês querem! Para prosseguir é necessário que façam escolhas!

Fortunato e Fábio, vocês podem seguir para o período preparatório que os levará a outro orbe, ou podem trabalhar em nossas colônias. Gilberto, você pode seguir para o Ministério da Reencarnação e conhecer o planejamento para a próxima vida, ou também pode se juntar aos trabalhadores da colônia. O que decidem?

Fortunato olhou para Fabinho e perguntou:

— Vamos ficar?

— Uai! Ieu não quero ir embora antes de ver a Lindaura e meus meninos!

Gilberto falou:

— Eu também quero ficar! Não vou para lugar nenhum antes de encontrar a minha esposa e meus filhos. Sinto muita falta da Astromélia.

Carmelo afirmou:

— Não se preocupe, em breve poderá vê-la!

Fortunato perguntou:

— E por acaso nóis pode nascer no mesmo lugar e ter uma vida parecida? Daí o Giba pode ir junto!

Carmelo explicou:

— No mesmo lugar talvez seja impossível, mas em um lugar semelhante! No entanto, esse tipo de experiência não acrescenta na caminhada de vocês, além de permanecer estagnados, vocês correm o risco de cometer erros que podem prejudicá-los!

Uma experiência igual implica provas que vocês já viveram e superaram, mas outros espíritos podem colocá-los em situações que não dependem apenas das escolhas que fizerem! Esse tipo de programação é improdutiva e arriscada! Aconselho que fiquem no plano astral por enquanto!

Gilberto perguntou:

— O que vamos fazer por aqui?

— Vocês podem trabalhar na Colônia de Santa Rita de Cássia. É uma Colônia de Boiadeiros parecida com essa, contudo, as frequências são um pouco mais elevadas e os espíritos que se recuperam na enfermaria têm um pouco mais de lucidez e consciência. Vocês farão parte das caravanas de resgate e receberão treinamento para a tarefa.

Eurípedes falou:

— Nós estamos na Colônia de Santa Gertrudes, pensem que a Colônia de Santa Rita de Cássia fica um andar acima! Frequentemente os trabalhadores se juntam para os resgates. Todos compartilham o amor pela terra, pela vida no campo e o desejo sincero de ajudar o próximo.

Carmelo perguntou:

— Vocês querem trabalhar na Colônia de Santa Rita de Cássia ou partir para o preparatório?

Prontamente Fortunato, Fábio e Gilberto falaram em coro:

— Trabalhar!

Carmelo abaixou a cabeça, tirou o chapéu congratulando o trio, sorriu e disse:

— Então sejam bem-vindos! Eu vou levá-los até a colônia de Santa Rita de Cássia.

Daquele momento em diante, Fortunato, Fábio e Gilberto se juntaram às falanges de Boiadeiros e até os dias de hoje trabalham com apreço e amor.

Mostrando o ímpeto pelo trabalho, e a humildade conquistada durante a caminhada terrena, eles se apresentam como exímios colaboradores e já ajudaram centenas de sofredores.

Enquanto Lindaura e Astromélia vivem os últimos anos na terra e frequentemente recordam com carinho os anos de felicidade ao lado dos maridos, Fábio e Gilberto vivem a expectativa do reencontro.

E assim como é na terra, também é no céu!

Se para os encarnados a vida é feita de sucessivas escolhas, no plano astral não é diferente. Em determinado momento Fortunato, Fabinho, Gilberto,

Astromélia, Palmira, Lindaura e todos os envolvidos terão que decidir qual caminho seguir.

Assim é para todos, inclusive para mim, que um dia terei que reencarnar. E também para você, que um dia decidiu retornar para a terra e buscar evolução por meio das provas.

Desejo que a leitura dessa obra tenha sido uma boa decisão em sua caminhada! Que ela tenha o ajudado de alguma maneira.

Que a Luz de Nosso Senhor Jesus Cristo e de Nossa Senhora Aparecida ilumine seus caminhos.

Boiadeiro José Agripino – Maio 2023

CONHEÇA AS OUTRAS OBRAS DA ESCRITORA

1. Guardião: A Luz na Escuridão

2. Tragédia na terreira: A História de Zulmira

3. Romeiro do astral

4. A Odisseia de Um Preto Velho

5. Memórias de um Malandro

6. A Casa das Loucas

7. Caminhos de Vitória

8. Los Três Ciganos

9. Contos de Malandro

10. Contos de Senzala

11. Contos de Guardião

12. O Lado Oculto da Gira

13. Contos de Boiadeiro

14. Amélia

15. Contos de Baiano

16. Uma Lua de Mel Arretada

17. O Pistoleiro do Sertão

18. O Santinho do Sertão

19. Tudo Sob Controle

20. As fantasias de Maricóta

21. Em Nome do Perdão

22. Contos de Guardião Vol. II

23. Contos de Malandro Vol. II

24. Contos de Cigano

25. O Outro Lado Oculto da Gira

26. O Bom Baiano

27. Os Caminhos da Ilusão

28. La Chica

29. O Retorno do Guardião

30. O Assediador

31. O Velho da Porteira

32. Papai Não Pode Morrer

33. Os Intocáveis do Além

34. A Queda do Sacerdote

35. Contos de Senzala Vol. II

36. O Egum

37. Contos de Malandro Vol. III

38. Os Extremos da Fé

39. A Cabritinha

40. Contos de Baiano Vol. II

41. Enigmas do Céu e do Mar

42. O Mundo dos Suicidas

43. Um Parafuso a Menos

44. Contos de Boiadeiro Vol. II

45. Os Fofoqueiros

46. Um Anel Dentro de Outro Anel

47. Reencontros e Reajustes

48. Lebeau: A Intrigante História de um Guardião

49. A Prova Final

50. Ventre Livre

51. O Expatriado

52. Desventuras de Um Pirata

53. Contos de Senzala Vol. III

54. Um Espírito Ensinou

55. O Roque da enxada

56. Contos de Guardião Vol. III

57. Contos de Malandro Vol. IV

58. Contos e Boiadeiros Vol. III: Os sete boiadeiros

59. Histórias de Cemitério Vol. I

60. O Mediador Vol.I

61. O Mediador Vol. II

62. O Mediador Vol. III

TIPOLOGIA

Footlight MT Light, Pt Serif, Garamond, 9/10/14/20/26/48